



Luiz Augusto Cavalcante Teixeira

**Educação, ensino e internet: uma análise sobre as ações
pedagógicas de história na plataforma Descomplica do
ambiente digital**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Patrícia Coelho da Costa

Rio de Janeiro,

Julho de 2020.



Luiz Augusto Cavalcante Teixeira

Educação, ensino e internet: uma análise sobre as ações pedagógicas de história na plataforma Descomplica do ambiente digital

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História. Aprovada pela Comissão

Examinadora abaixo:

Prof.^a Patrícia Coelho da Costa

Orientadora
Departamento de História- PUC-Rio

Prof.^a Maria Elisa Noronha de Sá

Orientadora
Departamento de História- PUC-Rio

Prof. Robson Fonseca Simões

Universidade Federal de Rondônia

Rio de Janeiro, julho de 2020.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Luiz Augusto Cavalcante

Graduou-se em História como Bacharel e Licenciado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no ano de 2006. Atua como professor da educação básica na rede privada do Rio de Janeiro desde 2006.

Ficha catalográfica

Teixeira, Luiz Augusto Cavalcante

Educação, ensino e internet : uma análise sobre as ações pedagógicas de História na plataforma *Descomplica* do ambiente digital / Luiz Augusto Cavalcante Teixeira ; orientadora: Patrícia Coelho da Costa. – 2020.

114 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2020.

Inclui bibliografia

1. História - Teses. 2. Ensino de História para o EM. 3. Meios digitais. 4. Ensino remoto. 5. Descomplica. I. Costa, Patrícia Coelho da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD:900

Agradecimentos

O presente trabalho é fruto de muito esforço individual, que não é nada perto do apoio que tive nessa trajetória.

Aos meus pais (Oswaldo e Neilde), à minha tia (Maria José), ao meu irmão (João) e à minha esposa (Daniele) pelo incentivo durante toda a minha vida acadêmica.

À PUC-Rio e à CAPES por haver proporcionado condições para a realização do curso.

À professora Patrícia Coelho da Costa pela orientação dada na elaboração deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Resumo

Cavalcante, Luiz Augusto; Costa, Patrícia Coelha da. **Educação, ensino e internet: uma análise sobre as ações pedagógicas de história na plataforma Descomplica no ambiente digital**. Rio de Janeiro, 2020. 114 p. Dissertação de Mestrado- Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O tema deste trabalho de conclusão de curso é o ensino de história por meios digitais, A partir da análise de materiais, notadamente as aulas de história online do curso Descomplica – fonte de estudo escolhida – e entrevistas com os professores de História, procurei investigar as práticas pedagógicas que tenham como objetivo o aprendizado do conhecimento histórico em meios digitais definidos como educacionais. Importante salientar que o ensino de história por meios digitais não se trata de ensino de história à distância, pois não existe necessariamente a pretensão de substituir a escolaridade tradicional. Não falarei sobre as modalidades de ensino à distância (EAD), apesar da substituição das aulas presenciais por EAD em diversas localidades do país pela modalidade tele presencial, ou à distância – notadamente em tempos de Covid-19. Um dos resultados foi perceber que as aulas de História transmitidas por meios digitais se enquadram na modalidade de ensino remoto, que se contrapõe ao ensino presencial de História, apesar de manter vários de seus elementos pedagógicos. Assim, a pesquisa, que se situa na interseção dos campos da Educação e da História, teve também como objetivo identificar e analisar as permanências e as mudanças no ensino de História, a partir de experiências pedagógicas do ensino presencial e do ensino remoto. O estudo foi desenvolvido por meio de uma metodologia de trabalho que consistiu na análise das aulas online, aplicação de instrumentos da História oral no tratamento das entrevistas com os professores de História do curso Descomplica e comparação com as diretrizes curriculares e com as exigências do Enem.

Palavras chave

Ensino de História para o EM; Meios digitais; Ensino remoto; Descomplica.

Abstract

Cavalcante, Luiz Augusto; Costa, Patrícia Coelho da (Advisor). **Education, teaching and internet: an analysis of the pedagogical actions of history on the Uncomplicated platform in the digital environment.** Rio de Janeiro, 2020. 114 p. Dissertação de Mestrado- Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The theme of this final course work is the teaching of history through digital means, especially in the largest online course in Brazil – Descomplica – which stands out in the preparation for competitions, mainly for Enem - Exame Nacional do Ensino Medio. From the analysis of materials, notably the online history classes of Descomplica course – chosen object of study – and interviews with the history teachers, I tried to investigate the pedagogical practices that have as objective the learning of historical knowledge in digital educational media. It is important to point out that the teaching of history through digital means is not about the teaching of history at distance, as there is not necessarily the intention to substitute traditional schooling. I will not focus on distance learning modalities, despite the growing governmental interest in replacing face-to-face classes in different parts of the country for telepresence, or distance learning – notably in times of Covid-19. One of the results was to realize that the history classes transmitted by Descomplica fit into the modality of remote teaching, which opposes to face-to-face history teaching, despite maintaining several of its pedagogical elements. Thus, the research, which is located at the intersection of the fields of Education and History, also aimed to identify and analyze the permanences and changes in the teaching of history, based on pedagogical experiences of classroom and remote teaching. The study was developed through a methodology that consisted of the analysis of online classes, application of instruments of oral history in the treatment of interviews with history teachers from the course Descomplica and comparison with the curricular guidelines and the requirements of Enem

Keywords

Teaching of History. Online Classes. Remote Teaching.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 08 |
| 2. O Curso Descomplica | 14 |
| 3. As aulas transmitidas e o papel dos professores | 22 |
| 3.1. O acesso e a regulamentação da internet | 25 |
| 3.2. A propriedade intelectual e o uso da imagem dos professores | 26 |
| 3.3. A desconstrução da autora nas aulas online de História | 30 |
| 4. A questão docente nos cursos online | 30 |
| 5. As práticas online no ensino de História | 41 |
| 5.1. A produção das aulas no ensino remoto e os reflexos para o professor | 47 |
| 5.2. O ensino remoto de História | 58 |
| 6. Conclusão | 66 |
| 7. Referências bibliográficas | 69 |
| 8. Anexo | |

Introdução

O interesse pelo tema do presente trabalho decorre da minha própria experiência como professor da rede particular e de cursos preparatórios para o vestibular no Rio de Janeiro, desde 2006. Nessa trajetória muitas questões relacionadas ao ensino de História me inquietaram, principalmente a inserção de inovações tecnológicas no ensino de História nos últimos anos. A proliferação de aulas em meios digitais exige novas reflexões. Lecionar História torna-se desafiador em tempos de novas formas de circulação de saberes.

No decorrer do curso, ao longo dos últimos dois anos, percebi que o tema escolhido, apesar de não ser totalmente inédito, era ainda pouco abordado pela produção acadêmica. Isso se deve ao fato dessas mudanças no ensino de História ainda estarem em curso e não consolidadas no ensino básico.

A rapidez das mudanças tecnológicas se refletiu na escolha do tema do presente trabalho. A princípio, o objeto seria uma publicação impressa – as revistas do GUIA do Estudante – publicação da Editora Abril voltada para a preparação para a prova do Enem. As revistas eram vendidas nas livrarias e bancas de jornais a partir dos anos 2000 e fizeram grande sucesso entre os vestibulandos, pelo menos até o ano de 2017. Quando ingressei no ProfHistória, estava certo desse tema e para a minha surpresa não conseguia mais achar as publicações nas bancas de jornal. Ao buscar contato com a Editora Abril para saber das publicações, fui informado que a distribuição estava limitada às maiores livrarias e que não havia exemplares para envio pelo correio. Percebi, nesse momento, que a revista estava sendo tirada de circulação. A publicação impressa deixou de existir e foi substituída pelo conteúdo publicado no site guiadoestudante.com.br e pelo Guia do Estudante Play – um serviço de preparação para o Enem com atividades e aulas online.

As publicações impressas sobre o Enem destinadas aos vestibulandos perderam espaço para as mídias digitais. Se antes eram encontradas em todas as bancas de jornais e revistas, agora são encontradas apenas em sebos e sites de venda. Percebi então que era necessário mudar o foco da pesquisa. Decidi abordar

a questão das aulas e materiais online para a preparação para a prova do Enem. Diante da possibilidade de analisar os canais do Youtube, aulas transmitidas pela internet e cursos especializados, resolvi focar no caso mais emblemático de transmissão de conteúdos pela internet para a preparação de alunos para o Enem e vestibulares: o curso Descomplica.

O caminho escolhido foi analisar o funcionamento das aulas de História no principal curso de aulas on-line do Brasil – o Descomplica – realizar entrevistas com os professores João Daniel Almeida e Renato Pellizari. Dessa forma, foi possível analisar de forma minuciosa as aulas em meios digitais, desde o planejamento até as técnicas utilizadas pelos professores e a relação com os alunos.

O professor João Daniel Lima de Almeida tem 42 anos, é formado em História, pela Universidade Federal Fluminense, na turma que ingressou em 1994 e concluiu em 1999. Turma Ilmar Rohloff Matos, depois fez mestrado em Relações Internacionais na PUC-Rio. Começou a lecionar presencialmente em vários colégios e, depois, em universidades no Brasil. No Rio de Janeiro, lecionou no Colégio Nícia Macieira, no Colégio Pedro II, no Colégio PH, no colégio e vestibular de AaZ. E em faculdades começou no Centro Universitário Vila Velha, depois, no Rio de Janeiro, na Cândido Mendes, na PUC-Rio e na Fundação Getúlio Vargas. Sua primeira experiência com aulas digitais aconteceu no curso Clio, curso de preparação para a carreira diplomática, em que começou a fazer isso no ano de 2013. A partir do ano de 2014, já fazia muitas aulas gravadas e, a partir de 2015, de maneira generalizada, gravava com frequência e quase todo dia. Mais recentemente, o professor João Daniel vem atuando em plataformas *online* e dando aulas particulares em casa. E professor do curso de relações internacionais da PUC-Rio e na plataforma do Descomplica desde o ano de 2017.

O professor Renato Pellizari tem 39 anos. Estudou Economia e História na UFRJ. Trabalhou durante muitos anos no Rio de Janeiro como professor de cursos preparatórios para o vestibular, como QI, Intellectus e vestibular de AaZ. Atuou também como professor de Ensino Médio na rede privada do Rio de Janeiro. Tem quase 18 anos de carreira no magistério e já foi coordenador de História. Nos últimos 12 anos, atua como coordenador de Vestibular do Colégio QI. Além disso, e diretor de uma das unidades do colégio QI há quase 2 anos. Renato se orgulha em ser um dos pioneiros do processo de vídeo aula no Rio de Janeiro e no Brasil, por

ter sido o primeiro professor contratado para trabalhar no Descomplica, ainda em 2008.

O curso Descomplica surgiu no Rio de Janeiro no ano de 2008, como o pioneiro em transmissão de aulas e conteúdo preparatório para o vestibular pela internet. Ainda hoje, o Descomplica é líder de mercado, com 70% do mercado brasileiro. Segundo o professor Pellizari, o curso trabalha com aproximadamente 300 mil alunos por ano, e em eventos especiais - que são chamados de “aulões” - chegam a 2 milhões de alunos, às vésperas do ENEM. É o único curso que oferece aulas pela internet e que está em todos os Estados brasileiros.

No decorrer do trabalho me deparei com alguns desafios. O principal deles foi o desafio pessoal de conciliar a rotina de aulas na rede particular do Ensino Médio do Rio de Janeiro – em média 50 tempos semanais – com as demandas geradas pelas atividades acadêmicas ao longo dos últimos dois anos no ProfHistória. Outro desafio encontrado foi a pouca disponibilidade de bibliografia específica sobre o assunto, o que deixa claro, por outro lado, um certo ineditismo no meu trabalho.

O trabalho de João Vitor Loures, apresentado em 2018 no PROFHIST, aborda a questão do uso das tecnologias em sala de aula para a produção de podcast de storytelling para o ensino de História no ensino fundamental. O podcast de storytelling informa e entretém, é um produto digital em formato de áudio, que tem como característica ser descomplicado, fácil acesso e transporte. Segundo o autor, a partir da promoção do contato dos alunos com fontes primárias, a produção de narrativas se fundamenta em conceitos básicos da investigação historiográfica, a fim de instrumentalizar a formação da consciência histórica crítica ao mesmo tempo em que lança bases para a construção e entendimento das narrativas históricas digitais.

O trabalho defendido por Antonio Moura, também no PROFHIST em 2018, sobre os usos de webquests nas aulas de História, aborda o avanço do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas aulas de História no Ensino Médio. afirma que as TICs estão presentes em todas as instituições e espaços sociais, dentro deste ambiente escolar, refletindo-se sobre as formas de pensar, ensinar e fazer educação.

Outro trabalho do PROFHIST que se comunica com a proposta desse projeto foi o defendido por Cristiano Gomes Lopes em 2016, sobre o uso do

Whatsapp nas aulas de História. Segundo o autor, o constante crescimento e avanços no campo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que tiveram e têm desdobramentos em todas as esferas da vida humana, inclusive no âmbito educacional, na medida em que a informação, após sua seleção, interpretação e entendimento, tende a se transformar em conhecimento.

Nos últimos meses, durante a elaboração do texto definitivo da presente dissertação, surgiu outro desafio. Talvez o maior de todos e que tem muito a ver com o tema estudado: conseguir concluir o trabalho de mais de dois anos em meio a pandemia e, ao mesmo tempo, ministrar aulas on-line estabelecidas de maneira apressada, sem planejamento e treinamento específico para tal.

A epidemia de coronavírus impôs às escolas e ao próprio ensino escolar um desafio inédito: como ministrar conteúdos escolares tradicionais sem a presença física dos alunos e professores nas escolas? A resposta, quase que imediata diversos setores da sociedade, como instituições de ensino, associações de pais, órgãos governamentais, foi praticamente uníssona: transmitir as aulas pela internet.

Iniciaram-se, a partir do momento de suspensão das atividades presenciais nas escolas – no dia 16/03 – as discussões sobre o que as escolas fariam durante a quarentena. Algumas instituições privadas de ensino já tinham alguma expertise na gravação e transmissão de aulas. A imensa maioria das escolas particulares não tinha essa expertise nem estrutura para transmissão de conteúdos pela internet. No caso da rede pública de ensino, a situação se apresentou de maneira ainda mais delicada.

A solução encontrada – e forçada – foi migrar para o ensino não presencial. Contudo, não foi uma migração pensada, planejada e discutida. Foi, na verdade, uma migração forçada, na qual os professores tiveram que se reinventar em duas semanas, passando a atuar em plataformas digitais que não conheciam e, muitas vezes, sem treinamento adequado.

A pandemia já serviu para deixar algo bem claro: os agentes envolvidos no processo educacional não estão preparados para o ensino à distância. Em primeiro lugar, os professores não têm a formação específica para ministrar aulas à distância, já que a modalidade diferenciada exige formação específica, pois possui linguagem específica. Além disso, me refiro também à falta da estrutura necessária para a realização e recepção das atividades à distância – acesso à internet, computadores, pacotes de dados, lugar adequado ao estudo, entre outros.

Escolas, professores, alunos e pais esperam a transposição das aulas presenciais para os meios digitais. Nas escolas privadas em que leciono – Colégio Santo Agostinho, Colégio Santa Marcelina e Pensi – surgiram movimentos de pais e alunos que exigiam aulas remotas com os próprios professores das turmas. As instituições citadas iniciaram atividades na quarentena que eram baseadas em leituras, indicações de vídeos, atividades e exercícios indicados pelos professores das turmas. Era a chance de utilizar outras estratégias pedagógicas que superassem o modelo escolar tradicional ou depositário.

Para as respectivas comunidades escolares não foi suficiente. Houve casos nos quais os responsáveis pelos alunos alegaram que essas atividades não eram “aulas de verdade” e por isso não pagariam as mensalidades. Assim, as respectivas escolas seguiram o caminho de outras instituições privadas do Rio de Janeiro – Colégio pH, Colégio de A a Z, Colégio ao Cubo, Escola Parque, Colégio Santo Inácio – e passaram a transmitir aulas ao vivo com os professores das turmas, exatamente as mesmas aulas com as mesmas estratégias, conteúdos e exigências das aulas presenciais. Prevaleceu a migração forçada para o ensino remoto, implementado em alguns casos de maneira pouco planejada e às custas do sobre trabalho e até da saúde mental dos professores em tempos de quarentena e pandemia.

Essa migração forçada para o ensino remoto aumentou a pressão sobre os professores. A escola deveria assumir o papel de apoiar e instruir os professores, o que ocorreu em algumas, não todas, instituições privadas de ensino por meio de conferências e workshops. Nos casos em que os professores se sentem mais amparados pelas escolas, o ensino remoto durante a pandemia funciona de maneira mais eficiente, pois a segurança dos docentes é transmitida aos alunos

A educação à distância (EaD) não é novidade no ensino superior, na medida em que, segundo dados da ABED (Associação Brasileira de Educação à Distância) cerca de 1,5 milhão de alunos participaram de cursos superiores com aulas no modelo EaD em 2019. Embora a pandemia cause a impressão de que a tendência é de aumento nas instituições de educação básica, ainda é muito cedo para qualquer conclusão. Até porque o que as escolas estão fazendo durante a pandemia não é Ensino à Distância, e sim Ensino Remoto.

A maior parte das escolas privadas dos grandes centros estão oferecendo aulas à distância durante a pandemia. Contudo, o que parece ser parte da solução

para o problema, pode aumentar ainda mais a desigualdade de condições entre os alunos das escolas públicas e das escolas privadas. Em muitas instituições públicas, a implementação do Ensino Remoto esbarra nas impossibilidades dos alunos. Na rede municipal e estadual, como oferecer aulas para alunos que não tem computador, internet em casa, plano de dados e espaço adequado para o estudo? A rede estadual do Rio de Janeiro estabeleceu o Ensino Remoto obrigatório para os professores, mesmo para os que não dominam a tecnologia. A iniciativa se mostra um fiasco, pois os alunos não conseguem se conectar por conta de todas as dificuldades.

Nos colégios federais, destacadamente o Colégio Pedro II e os colégios de aplicação, as aulas online também não se tornaram uma realidade. Nesse caso, as opiniões da comunidade escolar ficaram divididas e existem cobranças dos pais sobre os professores. Tais instituições não aderiram ao Ensino Remoto com transmissão de aulas, pois prevalece a idéia de que isso prejudicaria os alunos que não tem a estrutura necessária em suas casas. Assim, a pandemia acelerou o processo de proliferação das aulas online no país, mas esse não é um fenômeno homogêneo e sem questões complexas.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, conclusão e anexos (onde o leitor pode encontrar a transcrição completa das entrevistas realizadas). No primeiro capítulo, apresento o curso Descomplica, onde trabalham os professores entrevistados. A escolha do Descomplica se deve ao fato de ser o curso pioneiro em transmitir aulas pela internet e ser, há pelo menos 10 anos, a liderança no mercado de aulas on-line no Brasil para alunos no final do Ensino Médio. Além disso, é analisado o surgimento das aulas transmitidas pela internet a partir do desenvolvimento das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), com base na obra de Manuel Castells.

O segundo capítulo traz uma análise do Marco Regulatório da Internet no Brasil e suas relações com as aulas on-line, para que seja possível entender a estrutura e a lógica envolvidas na transmissão das referidas aulas. A análise é feita pela comparação entre as regras estabelecidas pelo Marco Regulatório com as regras existentes em outros países, como França, Espanha e Estados Unidos, a partir do trabalho de SEGURADO, LIMA e AMENI (2014). Cabe salientar que a própria existência das aulas em meios digitais decorre do desenvolvimento e aplicação das TICs nas últimas décadas, associada ao avanço do acesso à internet nas diversas

regiões do país. Além disso, as idéias defendidas por Ilmar Rohloff de Matos e Helenice Bastos são essenciais para a abordagem sobre os direitos de imagem e autoria das aulas de História presentes no capítulo.

O terceiro capítulo trata da questão docente nos cursos online. A partir de questões inerentes à prática docente presentes nas obras de Raquel Barreto, Suzanne Citron, Carla Patrícia Aciolli Lins e Flávia Sarti são abordadas questões sensíveis ao ensino de História, como a desprofissionalização docente, e suas relações com as aulas dos professores entrevistados, como planejamento, estratégias, condições de trabalho, interação com os alunos, particularidades das aulas, entre outros.

O quarto e último capítulo traz a análise, também baseada nas entrevistas, sobre as práticas online do ensino de História. As falas dos professores do curso Descomplica, são analisadas em um exercício de História oral, seguindo a metodologia proposta pela professora Verena Alberti, em seu Manual de História Oral. Dessa maneira, é possível entender quais são as semelhanças e as diferenças do ensino de História nas aulas online em relação às aulas presenciais, as perspectivas dos professores que atuam nesse segmento e, principalmente, os limites do ensino remoto e a importância da escola enquanto instituição.

2

O ensino de História e os meios digitais

As aulas online ganharam espaço nos últimos 10 anos, por alguns motivos. Primeiramente, vivemos a época da emergência das mídias digitais, cada vez mais democratizadas em termos geográficos e sociais. A massificação do acesso às mídias digitais por meio da internet abriu novas possibilidades de interação entre as pessoas e de divulgação de qualquer tipo de informação. Sobre a proliferação de novas formas de interação por conta da ampliação do acesso ao mundo digital, Barreto, Guimarães, Magalhães e Leher (2006), dizem:

Pode-se dizer que todos os meios técnicos que suportam a informação têm uma relação com o espaço e com o tempo da vida social. Atualmente, com o advento dos suportes digitais, decorrentes do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) houve uma disjunção dessas dimensões. Ocorre o fenômeno da simultaneidade não espacial-historicamente mediada, que cria novas formas de interação e ação, novos tipos de relacionamentos sociais. São alteradas as formas de acesso e circulação da informação que vão incidir sobre as maneiras de se construir conhecimento. (...) Pode-se depreender destas colocações, que há um diálogo entre informação e conhecimento, um ir e vir, um trânsito que passa pelo simples dado bruto – representação de fatos, textos, gráficos, sinais, etc. – e que se transforma em informação quando processado para utilização. Somente depois de analisada e avaliada em sua relevância e confiabilidade, a informação é, ou não, apropriada pela experiência do sujeito ou grupo, momento em que se pode falar de conhecimento. Ocorre o aprendizado quando o conhecimento se modifica a partir da interação com o ambiente. (BARRETO, 2006, p.42)

As aulas digitais disponibilizadas ocupam esse espaço, possibilitando – desde que as pessoas tenham acesso à rede – a interação entre professores e alunos. Por meio de uma plataforma digital na qual são oferecidas aulas online de todas as matérias necessárias para assinantes no ano final do Ensino Médio se prepararem para a prova do Enem. O desenvolvimento tecnológico aplicado às tecnologias de informação permite a existência da simultaneidade não espacial historicamente

mediada pelos professores, possibilitando o surgimento de iniciativas como um curso preparatório no qual o aluno e professor interagem uma vez por semana durante cerca de dez meses, sem jamais estarem juntos no mesmo lugar.

Além disso, no caso do Ensino Médio brasileiro e acesso às universidades, a aplicação de apenas uma prova em esfera nacional para acesso às universidades públicas criou um excelente mercado para produtos especificamente voltados para alunos no último ano do Ensino Médio.

Importante perceber, ao contrário do que muitos podem imaginar, que os cursos online não são casos de instituições de Ensino à Distância, pois não seguem os princípios necessários para que sejam considerados cursos dessa categoria. Tais cursos se enquadram no que se pode chamar de ensino remoto, na medida em que existe uma simples transposição das aulas presenciais para plataformas digitais, como veremos nas entrevistas. Nas aulas oferecidas pelos cursos online não existem os elementos básicos do ensino à distância: atividades com tutores em diferentes horários; atividades síncronas e assíncronas; carga horária do curso necessariamente diluída em diferentes recursos midiáticos. Assim, estamos falando aqui de um caso de ensino remoto, no qual a expertise e elementos didáticos das aulas presenciais são aplicados em aulas transmitidas por meios digitais.

As aulas em vídeo para o Enem são oferecidas em vários canais e cursos *online*, sendo o de maior sucesso o Descomplica, criado no Rio de Janeiro em 2008. As aulas são oferecidas para todo o país e os estudantes, que são os assinantes do serviço, já ultrapassam 2 milhões de espectadores.

O Descomplica se apresenta na sua página da internet – descomplica.com.br – como a melhor opção online de preparação para a prova do Enem. O produto oferecido se chama Descomplica Top, vendido em 12 parcelas de R\$ 19,90 (dezenove reais e noventa centavos), contempla aulas gravadas e ao vivo de todas as disciplinas necessárias para a prova (aulas básicas, aprofundadas e resolução de exercícios), plano de estudos, correção de 4 redações por mês, avaliações semanais, simulados inéditos e exclusivos, monitorias e interação com os alunos via chat. Os alunos do Descomplica, ao assinar o plano Descomplica Top, também tem direito a sessões com psicólogas, nutricionistas e aulas de educação física.

O site do curso Descomplica apresenta todas as informações citadas anteriormente de maneira simples e convidativa para os alunos. A abordagem da página é bem chamativa, colorida, com linguagem direta e com os rostos dos

professores considerados mais populares e queridos pelos alunos. Além disso, os assinantes podem ver fotos e comentários positivos daqueles que fizeram o curso e atingiram seus objetivos acadêmicos. Os 230 mil alunos assinantes formam, segundo o próprio Descomplica, “a maior sala de aula direto da sua casa”. Dessa maneira, é transmitida a idéia de que é possível formar algo próximo a uma sala de aula, mesmo que de maneira remota.

A relação custo-benefício para o aluno que compra o serviço é interessante porque o Descomplica é mais barato, na medida em que não existe nenhuma opção de curso presencial que ofereça algo semelhante pelo valor cobrado pelo curso. A comparação chega a ser risível, pois em um curso preparatório presencial para o vestibular no Rio de Janeiro que ofereça seus serviços por mensalidades por volta de R\$ 2.000,00 (dois mil reais). Apesar dos diferentes valores de mensalidades dos cursos presenciais, nenhum deles chega perto do valor praticado pelo curso Descomplica. Isso é possível porque tal curso atinge uma escala diferente dos cursos presenciais. No primeiro, os alunos são contados às centenas de milhares, o que possibilita baratear as mensalidades, enquanto os cursos presenciais atendem centenas de alunos e mantêm mensalidades mais caras.

A sede do Descomplica, motivo de orgulho para a empresa, fica no bairro da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. A estrutura não deixa nada a desejar em comparação a outras grandes empresas – inclusive foi eleita a 3ª empresa mais inovadora da América Latina pela revista estadunidense especializada em negócios *Fast Company*. Com área construída de mais de 2 mil metros quadrados, ambiente jovem e descontraído, área de descanso para os funcionários com vídeo games, mesa de *ping pong*, totó, salão de beleza, espaço de convivência, salas de reunião e doze estúdios de gravação para as aulas, busca oferecer um ambiente humanizado e que estimule a criatividade dos funcionários da empresa.

A realização de cursos e aulas online voltadas para a o Enem surgiu da expertise de alguns professores de cursos preparatórios para o vestibular do Rio de Janeiro. Por exemplo, o criador do Descomplica, maior curso online do Brasil, chama-se Marcos Fishban e foi professor de Física no curso pH por mais de dez anos. As aulas preparatórias e materiais didáticos nas escolas particulares e cursos preparatórios para o vestibular do Rio de Janeiro que, de certa maneira, inspiraram cursos online como o Descomplica, são baseadas em dois pilares: as aulas moduladas e o material apostilado.

O curso Descomplica, como já foi dito anteriormente, é o principal curso online ligado ao Ensino Médio e à preparação para os vestibulares e a prova do Enem no Brasil. De acordo com o professor de História Renato Pellizari, o Descomplica é o líder de mercado, presente em todos os estados brasileiros, com 70% do mercado nacional, 300 mil alunos assinantes e promove eventos especiais que chegam a reunir dois milhões de alunos/espectadores. Tais eventos são chamados de “aulões” e são realizados às vésperas do Enem. Apesar das 300 mil assinaturas, cada aula ao vivo é assistida por cerca de 4 mil alunos. Os outros, no caso a maioria dos alunos, assistem depois, já que as aulas ficam gravadas e disponíveis para os assinantes. Segundo Pellizari:

A maioria acaba assistindo depois. Porque, imediatamente depois que a aula é dada, ela fica gravada na plataforma. As pessoas assistem quando quiserem. Então, por incrível que pareça, a maioria das pessoas acha que todo mundo assiste ao vivo, mas não é. É uma minoria que consegue seguir. Porque tem disciplina, na verdade, para o aluno seguir as aulas, no horário que a gente define, é muito difícil, claro. O cara está em casa, ele tem uma liberdade muito grande e sabendo que a aula fica gravada, dificilmente, algo em torno de 1% assiste ao vivo. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

O fenômeno Descomplica não começou como um curso presencial bem estruturado, que depois migrou para as plataformas digitais, como é o caso do concorrente QG do Enem e de outros. Foi, antes, uma aposta ainda na primeira década dos anos 2000, quando ainda havia grandes limitações na internet para a transmissão de vídeos. Seu fundador, o professor de Física Marco Fishben foi professor do curso pH e do Vestibular de A a Z, dois renomados cursos preparatórios para vestibulares do Rio de Janeiro. Pellizari discorre sobre o início de tudo:

É, na verdade, era uma salinha na Praça Saens Pena. E tinham apenas 2 funcionários: o Marco e mais um menino. A gente já chegou até a não ter sala. O Descomplica, no primeiro ano, não deu certo. Se você perguntar para o Marco Fishben desde quando existe o Descomplica, ele vai te dar uma outra data. Ele omite uns 2 ou 3 anos, quando o Descomplica patinou. Não tinha investidor externo, era só ele e um grupo de uma escola aqui do Rio de Janeiro. E a coisa não deu certo, então, eles foram cortando gastos. E chegou um ponto em que a gente não tinha mais estúdio. A gente gravava na Lagoa, onde tinha uma boa captação de áudio, porque era lapela, conseguia fazer bons vídeos. E tinha a Lagoa ao fundo. Era um belo cenário. Então, a

gente grava as aulas na Lagoa Rodrigo de Freitas, na rua. Não era numa casa. Então, chegou a esse ponto, chegou um momento até de a gente achar que o Descomplica ia acabar. Mas, de fato, ali teve uma grande virada. O Marco Fisbhen é um cara muito empreendedor. Ele, de fato, acreditava no projeto. Ele me chamou, na época, para comprar cotas e eu não comprei. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Para o professor Pellizari, os dois elementos fundamentais que possibilitaram o crescimento do Descomplica foram: o desenvolvimento das tecnologias e da internet (TICs) e o surgimento do Enem. Fica evidente que uma plataforma digital, com alcance de milhões de alunos em um país com dimensões continentais e com baixo preço para os alunos, só consegue sobreviver com sucesso no longo prazo se existir uma prova comum para os milhares de alunos.

O Exame Nacional do Ensino Médio – Enem – foi criado durante o governo Fernando Henrique Cardoso, em meados dos anos 90, a partir da expectativa do então Ministro da Educação Paulo Renato Souza de criar uma avaliação nacional diferenciada, que não priorizasse a profundidade dos conteúdos, mas sim a capacidade interpretativa dos alunos. O primeiro exame ocorreu em 1998 e não era de caráter obrigatório para candidatos às vagas nas universidades públicas, que faziam seus próprios exames de acesso. No ano de 2001, a prova atingiu pela primeira vez a marca de um milhão de alunos, sendo o ano de 2014 a edição com mais candidatos, mais de 8.700.000 alunos.

O objetivo inicial do Enem era ser uma prova para avaliar o final da Educação Básica e orientar a criação de futuras políticas governamentais mas, a partir do início dos anos 2000, passou a ser utilizado por universidades públicas, de maneira parcial ou total, como forma de acesso. Esse movimento foi estimulado pelo próprio Ministério da Educação, com aumento de destinação de verbas para as universidades que aderissem ao Enem. Além disso, as notas obtidas pelos alunos são utilizadas como critério para programas além do SiSU (Sistema de Seleção Unificada), como o Prouni (Programa Universidade para Todos), que oferece bolsas de estudo, o Fies – Financiamento Estudantil – que oferece financiamentos em universidades particulares, e o Enem também possibilita o acesso a universidades em Portugal para alunos brasileiros.

Perceber, em 2020, as possibilidades mercadológicas oferecidas por uma prova única e tão importante para todos os postulantes ao Ensino Superior é algo

óbvio. A particularidade do Descomplica consiste em explorar esse campo quando tudo ainda era incerteza. Afinal, a proposta original do Enem era revolucionar o acesso ao Ensino Superior ao estabelecer uma prova baseada em capacidades interpretativas e habilidades. Naquele momento, inclusive, houve uma grande repercussão nos cursinhos preparatórios de todo o Brasil. No Rio de Janeiro, alguns cursos tradicionais começaram a investir cada vez mais na migração para turmas de Ensino Médio, pois era esperado, naquele momento, “o fim do vestibular”.

As Tecnologias da Informação e Comunicação surgiram na segunda metade do século XX, a partir dos avanços científicos nos países capitalistas centrais. Para Castells (1999), a partir do final do século XX, a "cultura material" vem sendo superada por mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação.

O dilema do determinismo tecnológico é provavelmente um problema infundado, já que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas. Assim, quando na década de 1970 um novo paradigma tecnológico, organizado com base na tecnologia da informação, veio a ser constituído, principalmente nos EUA, foi um segmento específico da sociedade norte americana, em interação com a economia global e a geopolítica mundial, que concretizou um novo estilo de produção, comunicação, gerenciamento e vida. (CASTELLS, 1999, p.43)

O mundo digital do século XXI, fruto dos avanços tecnológicos dos últimos 30 anos, se caracteriza pela existência de uma linguagem digital que possibilita processar informações de todos os tipos, além de armazená-la e transmití-la. Segundo Castells, esse é um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, induzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura. Diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para geração de conhecimentos e de dispositivos e de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. Uma ilustração pode esclarecer esta análise. Os usos das novas tecnologias nas três décadas passadas passaram por três estágios distintos: a automação de tarefas, as experiências de usos e a

reconfiguração das aplicações. Nos dois primeiros estágios, o progresso da inovação tecnológica baseou-se em aprender usando, de acordo com a terminologia de Rosenberg. No terceiro estágio, os usuários aprenderam a tecnologia fazendo, o que acabou resultando na reconfiguração das redes e na descoberta de novas aplicações. O ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, seus usos e seus desenvolvimentos em novos domínios torna-se muito mais rápido no novo paradigma tecnológico. Consequentemente, a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários se apropriam dela e a redefinem. As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da internet. (CASTELLS, 1999, p.69)

Portanto, o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para geração de conhecimentos e de dispositivos e de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. Essa nova circunstância possibilitou a flexibilização de transmissão dos conhecimentos em várias áreas, inclusive no que diz respeito à transmissão do conhecimento escolar. As novas tecnologias da informação espalharam-se pelo planeta de maneira muito acelerada, entre as décadas de 1970 e 1990 por meio de uma lógica que é a característica dessa revolução tecnológica: a aplicação imediata no próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, conectando o mundo através da tecnologia da informação. Esse novo sistema facilitou o desenvolvimento de uma nova forma de transmissão do conhecimento, como o caso dos canais de aulas online no Youtube e nas plataformas digitais, onde todos os youtubers e professores podem ser, essencialmente, usuários ou espectadores.

O relato do Professor Renato demonstra as apropriações tecnológicas que tiveram que ocorrer ao longo da História do curso, que modificaram seu formato e possibilitaram seu desenvolvimento e posterior sucesso.

Na verdade, a idéia original do Descomplica não era ser uma plataforma. Ele foi chamado para montar um curso Pré-Vestibular em um colégio tradicional, em Botafogo, o Dinamis. E ele ia fazer o seguinte: esse colégio iria ter as aulas presenciais, porém, já existia, nesse momento, a idéia dele de que eu e o professor de geografia iríamos fazer aulas interdisciplinares. E essas aulas seriam gravadas e ele hospedaria esses vídeos em

algum lugar. Então, seria uma espécie de curso híbrido. Nós já teríamos algumas aulas presenciais e aulas gravadas. Não existe a idéia do online, até porque, na época, o streaming de vídeo era muito ruim e a internet ainda estava se desenvolvendo no Brasil. A verdade é essa. Talvez, esse tenha sido um dos motivos do Descomplica, no início, não ter dado certo. Então, o Descomplica quase faliu, quase acabou e ele resolveu virar essa chave. Resolveu investir pesado e, claro, somado a um bom marketing e a uma idéia de que, hoje olhando pra trás, a gente pensa: óbvio que daria certo. Mas, hoje, a gente tem uma noção do que é o Youtube. (...) Na época, não tinha tantas mídias sociais, era o tempo do Orkut ainda, que fazia somente o upload de 12 fotos em seu perfil. Era uma outra realidade. Só que, claro, quem tem o mínimo de visão, que eu não tive, percebe que isso deslancharia. Percebe que tudo ligado à internet vai deslanchar. Era só adaptar para uma questão brasileira. Você vê um ENEM, que virou exame nacional, também ajuda muito. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

A virada, segundo Renato Pellizari, ocorreu por volta de 2011, quando o Descomplica conseguiu investidores, ampliou sua estrutura e passou a ter um número cada vez maior de alunos assinantes. Além disso, segundo o professor, naquele momento as mídias digitais chegavam ao patamar necessário para transmissão de aulas pela internet com qualidade e duração satisfatórias. Contudo, ocorreu um terceiro elemento essencial: a mudança no perfil do Enem. Com o passar do tempo, a prova, que tinha proposta não conteudista, foi se aproximando cada vez mais das provas dos vestibulares tradicionais. Isso é perceptível a partir do ano de 2012. Assim, formou-se um tripé para o sucesso do Descomplica: captação de investimentos, possibilidades tecnológicas e prova nacional com conteúdo próximo do vestibular tradicional.

Dessa maneira, nos últimos dez anos ocorreu o surgimento e a proliferação das aulas online no Brasil. No caso do Ensino Superior, o processo já está bem consolidado, com o oferecimento de cursos superiores na modalidade de Ensino à Distância. Na Educação Básica, o desenvolvimento de aulas online teve início nos cursos livres transmitidos pela internet, como os preparatórios para as provas do Enem e outros vestibulares. O curso Descomplica se tornou o líder inquestionável nesse mercado nos últimos anos e continua ampliando seu alcance, como na parceria anunciada com o governo de São Paulo, com 1,5 milhão de assinaturas para os alunos da rede pública durante o período de pandemia.¹

¹ <https://exame.com/revista-exame/um-novo-jeito-de-ensinar/>

Os alunos do Ensino Médio são o novo foco das empresas que oferecem aulas remotas. A necessidade da formação nesse segmento para entrada no mercado de trabalho ou acesso ao ensino superior desperta o interesse dos cursos de aulas online. Além disso, o atual formato do Ensino Médio vem sendo questionado há alguns anos, na medida em que o índice de evasão é alto e alguns agentes sociais não enxergam efetividade do curso na formação dos jovens, o que coloca em xeque o próprio Ensino Médio presencial.

A partir da lei 13.415/2017, que dispõe sobre a reforma do Ensino Médio, estabeleceu a flexibilização do currículo, atendendo sobretudo aos interesses das esferas privadas que estão interessadas na formação de mão de obra semi-qualificada para o mercado de trabalho. A superficialidade dos conteúdos é a principal característica do chamado Novo Ensino Médio, somente língua portuguesa e matemática são as matérias obrigatórias para todos os alunos, que devem escolher os componentes curriculares da parte diversificada, que não têm grande carga horária e podem ser substituídas pelo ensino profissionalizante.

Segundo Kuenzer, o novo modelo serve aos interesses do capital e promove a manutenção das desigualdades sociais em nosso país.

O Ensino Médio, na atual versão, integrando a pedagogia da acumulação flexível, tem como finalidade a formação de trabalhadores com subjetividades flexíveis, por meio de uma base de educação geral complementada por itinerários formativos por área de conhecimento, incluindo a educação técnica e profissional; a formação profissional é disponibilizada de forma diferenciada por origem de classe, de modo a levar os que vivem do trabalho a exercer, e aceitar, de forma *natural*, as múltiplas tarefas no mercado flexibilizado. Ser multitarefa, neste caso, implica exercer trabalhos disponibilizados pelo mercado, para os quais seja suficiente um rápido treinamento, a partir de algum aporte de educação geral, seja no nível básico, técnico ou superior. Para alguns, significará exercer trabalhos qualificados e criativos; esses não serão atingidos pela reforma do Ensino Médio porque dispõem, em face de sua origem de classe, de outros espaços e itinerários de formação, que não o ensino médio em escola pública. Para a maioria dos trabalhadores, contudo, ser multitarefa significará exercer trabalhos temporários simplificados, repetitivos e fragmentados, que não necessitam de formação qualificada, mas talvez de certificados ou reconhecimento de competências, o que o atual Ensino Médio talvez atenda. (KUENZER, 2019, p.6)

Dessa maneira, a formação escolar deixa de diminuir e passa a acentuar as diferenças sociais entre os estudantes brasileiros. Aqueles que, pressionados pela desigualdade sócio econômica, precisarem escolher o ensino profissionalizante, continuarão em situação de fragilidade no mercado de trabalho não terão a oportunidade de acesso aos postos de trabalho mais qualificados e mais bem remunerados.

Além disso, a reforma do Ensino Médio permite que parte do conteúdo seja ministrado de maneira não presencial – a resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018, do Conselho Nacional da Educação, atualizou as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio e estabeleceu até 20% no ensino diurno, 30% no ensino noturno e 80% na educação de jovens e adultos² –, o que abre grandes possibilidades para os cursos que oferecem aulas no ensino remoto, dominam tal expertise e rapidamente podem migrar para a formação dos alunos no Ensino Médio.

Essa nova realidade mostra que é necessária a reflexão sobre as questões inerentes às aulas, à transmissão do conteúdo pela internet e acesso por parte dos alunos e ao papel dos professores, assuntos tratados no próximo capítulo.

² http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622

3

As aulas transmitidas e o papel dos professores

3.1. O acesso e a regulamentação da internet

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação foram essenciais para o advento das aulas online. Dentro desses avanços tecnológicos, a proliferação do acesso à internet e o progressivo aumento da velocidade e da quantidade de dados transmitidos foram decisivos para o sucesso das aulas online. A viabilidade técnica existe para a transmissão das aulas, embora as desigualdades sociais – que muitos agentes sociais e empresariais insistem em minimizar – dificultem a efetividade das aulas online nesse momento.

O acesso garantido à internet está em discussão no mundo inteiro há alguns anos. Contudo, se faz necessário perceber como ocorre o acesso, como e que informações são transmitidas ou deixam de ser transmitidas para os usuários. A regulamentação da internet no Brasil vem sendo discutida desde as discussões para a aprovação do Marco Civil da Internet, em 2014.

O trabalho elaborado por Segurado, Lima e Ameni (2014), *Regulamentação da internet: perspectiva comparada entre Brasil, Chile, Espanha, EUA e França*, esclarece como os debates e políticas relacionadas ao uso da internet estão sendo elaboradas nesses países. Existem muitas questões envolvidas e diversos interesses em jogo no que diz respeito ao acesso e ao possível controle do que circula na internet.

A arquitetura aberta da internet é estimulante para a criação de plataformas, tecnologias e aplicativos. Nesse sentido, a defesa da neutralidade de rede é fundamental para a manutenção da liberdade de criação, a qual vem demonstrando ser, ao longo da história da rede, o grande diferencial em relação a outras formas de expressão e de comunicação. (...) Evidentemente, as empresas que utilizam os dispositivos digitais para seu processo de produção e acumulação de capital têm interesses muito particulares no debate da regulamentação e enfatizam a necessidade de não tornar a regulamentação uma espécie de “camisa de força” para a expansão do mercado de tecnologias da informação. Essa visão também é polêmica, considerando que a expansão desse mercado, na maioria das vezes, não está

preocupada, por exemplo, com a inclusão digital ou com a potencialidade que as mídias digitais têm na promoção de cidadania. Na verdade, até o momento, a ampliação desses mercados reforça a lógica perversa e excludente do sistema capitalista. (SEGURADO, LIMA e AMENI, 2014, p.8)

No caso da oferta de aulas online, na medida em que passam pela autoria do professor que está ministrando a referida aula, é preciso perceber que existe a questão da propriedade intelectual. Ao trabalhar em um curso online, como o Descomplica ou qualquer outro, como pode o professor garantir o respeito ao direito de imagem e à propriedade intelectual? Como garantir e respeito às reproduções das aulas, do conteúdo e da própria imagem do professor? O professor Renato aborda a questão da reprodução das aulas e remuneração pelo uso da imagem:

É, porque eles têm um contrato de imagem. Eles recebem por isso. A gente tem dois tipos de remuneração no Descomplica: nossa hora de trabalho e, no fim do ano, a gente recebe 1% de todo dinheiro que entra no Descomplica (via assinatura). Investimento e round não. Esse 1% é distribuído pelos professores, de acordo com o número de vídeos que tem dentro da plataforma. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

3.2. A propriedade intelectual e o uso da imagem dos professores

O uso da imagem dos professores, no caso do Descomplica, pode ultrapassar o tempo no qual o professor trabalha na empresa. Mesmo após a demissão, ou “desligamento” no jargão mercadológico dos dias de hoje, a imagem do professor pode continuar sendo usada pela empresa, por um período de até 5 anos, que remunera o direito de imagem de todos os professores, com 1% do faturamento bruto anual, que não fica claro para os professores, na medida em que os dados financeiros da empresa não são disponibilizados para os docentes de maneira clara. Todos devem confiar no que a empresa define como a sua cota no 1%, sendo que esse valor varia de acordo com o número de aulas gravadas pelo professor.

Interessante perceber que o Descomplica tem o controle total sobre as aulas, pois ninguém é consultado sobre a transmissão de aulas antigas e o número de visualizações não é levado em conta para remunerar o direito de imagem, já que o pagamento é feito de acordo com número de gravações e não com o número de visualizações. Logo, um professor que gravou uma aula visualizada 1 milhão de vezes vai ganhar metade do que ganha um professor que gravou duas aulas vistas

100 vezes cada. Em um negócio que lucra com o número de alunos assinantes e de visualizações, não remunerar o docente de acordo com as visualizações de suas aulas é tirar o fruto trabalho do controle do professor. Assim, fica estabelecida uma relação de trabalho marcada pela desigualdade. Sobre essa nova conjuntura de possibilidade de trabalho e remuneração, discorre o professor João Daniel:

Quem é que vai ter oportunidade? Vai ter, sei lá, 20, 30 professores de História no mercado porque 20,30 vão dar aula pro Brasil inteiro. Isso é um ponto. Isso, obviamente, para quem não está, é horrível. Mas, para quem está, também não é muito bom, porque o salário que você recebe e a renda que você tem nessas plataformas *online* não é suficiente para compensar... Na verdade, só aumenta a mais valia. Você recebe um salário que, talvez, seja superior ou igual ao de um professor de um bom colégio no Rio de Janeiro e o número de alunos que você tem é exponencial. 5.000, 10.000, o tempo que for necessário... Então, não é uma coisa equiparada. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

A situação em outros cursos de aulas online é ainda mais desigual. O Descomplica se destaca entre os professores que atuam em cursos online por pagar algo pela utilização da imagem – a fatia do 1% do faturamento anual, que varia de 8 mil a 30 mil reais por ano pra cada docente. Em um dos concorrentes diretos, o ProEnem, esse pagamento não existe. Os professores desse curso recebem apenas a hora-aula estabelecida e assinam o termo de cessão de imagem, sem receber nenhum tipo de remuneração. Nota-se uma situação de precariedade e vulnerabilidade para o professor. No Brasil, não existe legislação que obrigue o empregador a remunerar o professor pelo uso da sua imagem na internet. O Marco Civil da Internet, por exemplo, não protege os direitos autorais dos indivíduos na internet.

Em países como EUA e França, tais questões parecem estar melhor resolvidas para os autores de conteúdos e informações. Nos EUA, o *copyright* visa proteger os direitos autorais.

Posteriormente, em 1998, foi sancionada a Digital Millennium Copyright Act (DMCA – lei dos direitos autorais do milênio digital), que criminaliza a discussão e difusão de tecnologia que pode ser usada para contornar os mecanismos de proteção de direitos autorais e torna mais fácil a ação contra suposta violação destes direitos na internet. Na mesma perspectiva, a Online Copyright Infringement Liability Limitation Act (OCILLA – lei de limitação de responsabilidade de infração de direitos autorais on-line) está incluída no “Título II” da DMCA, e limita a responsabilidade dos prestadores de serviços em caso de violação

de direitos autorais por seus usuários. (SEGURADO, LIMA e AMENI, 2014, p.9)

Na França, a propriedade intelectual e autoral é protegida pela Lei Hadopi - Haute Autorité pour la Diffusion des Oeuvres et la Protection des Droits sur Internet (Hadopi – alta autoridade para a difusão de obras e a proteção de direitos na internet). Funciona da seguinte maneira:

O sistema funciona, basicamente, da seguinte forma: constatada a infração de um usuário, a Hadopi aborda o provedor de internet – tratado pela autoridade como responsável pelo usuário – solicitando os dados armazenados e processados, tais como histórico de navegação, número de identidade, e-mail e número de telefone (France, 2009), necessários para identificação dos usuários. Se comprovada a violação, o usuário recebe a sua primeira advertência por e-mail. Caso seja constatada a segunda violação, são enviados um novo e-mail e uma carta alertando sobre as possíveis consequências de uma nova infração. Então, se persistir na prática, o usuário pode ser acusado judicialmente. As penas variam entre o pagamento de multas e a interrupção do seu serviço de internet, não sendo possível, nesse período, qualquer negociação com outra empresa provedora. A França foi um dos primeiros países do mundo a desenvolver políticas em prol da propriedade intelectual, servindo de exemplo para que outros passassem a adotar esse modelo de política pública na área. (SEGURADO, LIMA e AMENI, 2014, p.14)

No Brasil, o Marco Civil da Internet é a legislação que estabelece as regras de utilização e funcionamento das atividades relacionadas à internet. O Marco Civil da Internet foi desenhado a partir de três fundamentos essenciais os quais norteiam a relação das empresas prestadoras de serviços de internet com os seus clientes. São eles: a neutralidade da rede, a privacidade e a fiscalização.

A neutralidade da rede é o princípio que garante acesso democrático e igualitário dentro dos fluxos de informação, ou seja, estabelece que determinado fluxo, conteúdo, empresa ou indivíduo não pode ter prioridade sobre outros que possam estar navegando em determinado momento. A privacidade, por sua vez, estabelece que o internauta não pode ter suas atividades espionadas ou evidenciadas sem autorização prévia, ou ordem judicial em caso de suspeita ou prática de crime. A fiscalização, prevista no Marco Civil, estabelece as obrigações dos servidores e dos usuários, com os limites de responsabilidade jurídica – que geralmente recai

sobre o usuário, já que os servidores não podem ser responsabilizados por eventuais transgressões cometidas por terceiros na rede.

Em comparação aos países citados anteriormente, o Marco Civil não estabelece grandes garantias à propriedade intelectual sobre o que circula na internet, causando, assim, uma situação de vulnerabilidade para os professores/autores das aulas online. Na prática, o professor de um curso online pode ser responsabilizado por algo que disse em uma aula gravada – mesmo que seja uma aula gravada muitos anos antes – e que o referido professor não saiba que estava sendo exibida na plataforma. Por outro lado, seus direitos de imagem e propriedade intelectual não são garantidos pelas leis que regulamentam as atividades na internet no Brasil.

Ainda segundo Segurado, Lima e Ameni (2014):

O Marco Civil permite que a internet continue sendo uma rede aberta e colaborativa. Desse modo, durante o processo de discussão no Congresso Nacional, o projeto enfrentou grande resistência por parte dos setores ligados às corporações que querem gerenciar o tráfego da rede para ampliar seus negócios e interferir, cada vez mais, na transferência de dados. A manutenção do princípio da neutralidade de rede impedirá que essas corporações midiáticas filtrem os dados e o tráfego na rede. (...) A internet evoluiu ao longo de sua história pela liberdade de criação possibilitada pela neutralidade de rede, mas se esse mecanismo deixar de existir, haverá um grande controle sobre os processos de criação de novas tecnologias. (SEGURADO, LIMA e AMENI, 2014, p.14)

Dessa maneira, percebe-se que enquanto a transmissão e alcance das aulas online estão resguardadas pelo Marco Civil da Internet, os direitos autorais e o controle dos professores sobre suas próprias aulas, não estão garantidos.

No caso das aulas transmitidas pela internet, dificilmente o professor consegue ter o controle das suas aulas depois que as mesmas são transmitidas. Os professores que controlam seus próprios sites ou canais de aulas online tem aparente vantagem nesse aspecto – pois são donos das aulas que gravaram e transmitiram e, portanto, tem maior controle sobre a circulação da sua própria imagem – mas mesmo assim enfrentam muitos problemas nesse sentido. O professor Jubilut possui um dos canais mais populares no Youtube e uma plataforma de aulas de biologia

chamado *Biologia Total*³, onde suas aulas são exibidas para assinantes. Mesmo sendo dono de sua própria plataforma, o professor Jubilut já relatou problemas como plágio feito por outro professor e edição não autorizada dos vídeos, alterando os conteúdos das aulas.

O problema se torna ainda maior se o professor trabalha para uma empresa que transmite as aulas em meios digitais. As aulas gravadas são colocadas na plataforma e ficam disponíveis para os alunos por longo período de tempo – até 5 anos – sem que o professor saiba onde e nem para quem sua aula foi vendida/transmitida. Segundo Pellizari, o professor se transforma em mais um conteúdo disponível na rede, à disposição, em caráter informativo, não em caráter formativo do seu aluno.

Porque, quando o professor vai saindo – que é o que vai acontecer – desse papel de protagonismo... A gente vai deixando de ser o propagador do conhecimento, de ser uma referência do conhecimento, já que você tem o *online* na mão, que tem mais conhecimento, mais informação. A questão é: nós, como verdadeiros curadores, verdadeiros tutores, vamos, na verdade, encaminhar para os alunos o que é conteúdo de qualidade. Porque a *internet* é um mundo livre, você tem muita coisa boa e muita coisa ruim. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

3.3. A desconstrução da autoria nas aulas online de História

As aulas de História são construídas e reconstruídas pelos professores o tempo inteiro. A aula de hoje é diferente daquela do ano passado, na medida em que fazemos escolhas, alteramos objetivos e estratégias no processo de aprendizagem dos alunos. Dessa maneira, se faz essencial manter o controle do professor sobre as suas aulas, o que não acontece com as aulas gravadas.

Segundo Mattos (2006), aula de História é essencialmente um exercício da narrativa do professor, pois na aula de História se faz história.

Uma leitura singular que revela o fato de os professores de história estarmos imprimindo à nossa prática cotidiana um significado diverso, provocando talvez uma surpresa e rejeitando uma inferioridade. De modo categórico, afirmamos ainda uma vez que, por meio de uma aula, também se conta uma história; que, ao se contar uma história por meio de aula, também se faz

³ www.biologiatotal.com.br é uma das plataformas de aulas de maior sucesso no Brasil, na qual o professor Jubilut transmite suas aulas para alunos em todos os estados do Brasil.

história; e que somente ao se fazer história por meio de uma aula nos tornamos professores de história. Por lermos de um modo singular uma proposição, podemos afirmar que também somos autores. Mas o fazemos não para afirmar uma semelhança, e sim para sublinhar a diferença que nos identifica. (MATTOS de, 2006, p.4)

Sendo assim, os professores nas aulas de História gravadas ou transmitidas pela internet contam suas histórias, fazem História, mas será que conseguem fazer isso de forma integral? Nesse constante exercício de construção das aulas por meio do conhecimento e da narrativa, é imprescindível o controle do professor sobre suas ações durante a aula, sem que nenhum agente externo possa interferir nesse processo. Além disso, as escolhas ou seleções (segundo o professor Ilmar), são feitas pelos professores a partir do elemento visceral das aulas, que é a relação com os alunos.

Mas uma seleção e uma tradução que somente ocorrem, e somente devem ocorrer, em decorrência de uma outra relação, que antecede aquelas operações ao mesmo tempo que lhes confere sentido: a relação entre professores e alunos. Uma outra relação que, em seu movimento cotidiano, não cessa de demonstrar o lugar central ocupado pelo *aluno*; e, por fazê-lo, possibilita que as razões por que contamos uma e o modo como o fazemos se explicitem plenamente – a própria Aula como texto. (MATTOS de, 2006, p. 5)

Como fazer isso sem o contato cotidiano, ou mesmo sem conhecer os alunos? Esse é o limite das aulas online e do ensino remoto. Contudo, em 2020 de maneira quase inacreditável, essa se tornou a realidade de muitos professores.

A situação de pandemia fez com que as escolas privadas tivessem que oferecer aulas online para os seus alunos desde o final do mês de março de 2020. Até porque, em algumas escolas surgiram pressões de muitos responsáveis para que não pagassem as respectivas mensalidades caso não fossem transmitidas aulas ao vivo com os professores das turmas. Para isso, foi preciso que as escolas enviassem um termo aditivo no contrato de trabalho para que cada professor assinasse, concordando em transmitir suas aulas, que poderiam ser gravadas pelas instituições e usadas em outros momentos, caso fosse o desejo da empresa. Fica evidente, nessa situação, a perda do controle que o professor tinha sobre as suas aulas e sobre a sua

própria imagem. Tal situação gerou, para alguns docentes, um certo constrangimento e até revolta, que de nada adiantam, pois a legislação estabelecida pela lei no artigo 75-C da CLT e artigo 4º da Medida Provisória nº 927/2020. permite à escola exigir a aula online do professor, sendo possível até demiti-lo em caso de recusa. Seguem abaixo trechos dos termos aditivos de duas escolas particulares do Rio de Janeiro, chamadas aqui de escola 1 e escola 2:

Publicar, postar ou transmitir, diretamente ou por terceiros por ela autorizados, em todo território nacional, por quaisquer meios disponíveis na internet ou em seus estabelecimentos, a exibição das minhas aulas gravadas, incluindo atividades pedagógicas, conteúdo, imagem, voz e nome que tenham sido utilizadas nas plataformas digitais do (a) XXXXXXXXXXXXX ou gravadas e/ou disponibilizadas durante o período de quarentena em virtude da pandemia de COVID -19 para os seus alunos em aulas não presenciais, mesmo que em minha residência.

Compreendo que a presente autorização está incluída na remuneração regular das aulas lecionadas e atividades desenvolvidas, tal como dispõe meu contrato de trabalho. Desta forma, cedo os direitos autorais decorrentes das atividades, por período indeterminado, para a utilização estritamente pedagógica na relação do (a) XXXXXXXXXXXXX com seus alunos.

O presente instrumento não representa novo acordo trabalhista, tampouco novos direitos e deveres entre as partes e não altera as relações já estabelecidas em contrato de trabalho específico. (Escola 1)

O Empregado cede gratuitamente os direitos de imagem, voz e propriedade intelectual à Instituição, referente a trabalhos online, produção de aulas em ambiente virtuais, produções audiovisuais e demais conteúdos elaborados e executados durante o período de calamidade pública decorrente do Covid-19, bem como autoriza a divulgação e veiculação em todos os meios de comunicação, inclusive digitais, estando ciente que a Instituição é a exclusiva titular ou licenciada de todos os direitos sobre os conteúdos produzidos. (Escola 2)

Percebe-se que, nessa relação, as escolas garantem para si o controle do material produzido pelos professores no período de pandemia. No trecho da escola 1 fica clara a possibilidade do material gravado ser utilizado posteriormente caso a escola queira. A escola 2 faz questão de garantir para si a propriedade intelectual produzida pelos seus docentes. Dessa forma, as escolas podem utilizar as aulas dos professores gravadas ou transmitidas durante a pandemia por tempo indeterminado, sem pagar nada pelo direito de imagem do docente, que não tem a opção de escolher se suas aulas serão ou não exibidas durante o período de pandemia.

No Descomplica, a utilização da imagem do professor ultrapassa o âmbito da exibição das aulas de maneira indefinida. Ao entrar no site do curso – www.descomplica.com.br – o aluno se depara com a descrição do preparatório para o Enem, com os serviços disponibilizados e com as fotos dos professores que o aluno vai ter ao se tornar assinante. Dessa forma, os professores também são um atrativo para os alunos, são vendidos como mais um elemento no site da empresa. Segundo os entrevistados, sem ganhar nada por isso. Segundo o professor João Daniel, o setor de marketing – um dos mais importantes e atuantes da empresa – costuma realizar sessões de fotos com os professores para desenvolver essas ações, com autorização dos professores envolvidos, contudo sem remuneração pela utilização das respectivas imagens.

Dessa maneira, o avanço das aulas online vem acompanhado da fragilização do papel do professor, que passa a ser uma peça na engrenagem do sistema, perde a autoria e o controle da veiculação das suas aulas e tem sua imagem usada nas redes e na internet sem remuneração específica para tal. E, nessa situação de vulnerabilidade, os docentes não encontram amparo legal para garantir seus direitos.

4

A questão docente nos cursos online

Para compreender as práticas docentes nas aulas online, se faz necessário analisar os elementos que norteiam os cursos como o Descomplica. Como dito nos capítulos anteriores, foram as aulas preparatórias e materiais didáticos nas escolas particulares e cursos preparatórios para o vestibular do Rio de Janeiro, que originaram o formato dos cursos online como o Descomplica. As aulas concebidas por esses cursos são baseadas em dois pilares: as aulas moduladas e o material apostilado.

As aulas moduladas são aquelas em que o professor, antes de iniciar a aula, sabe que precisa impreterivelmente terminar determinado conteúdo. A princípio, pode-se confundir uma aula modulada com um plano de aula, mas percebe-se que são completamente diferentes, uma vez que não há grandes reflexões sobre objetivos, metodologia, estratégias de avaliação, etc.

A aula modulada – sob a justificativa do pragmatismo e eficiência necessária para as aprovações no vestibular – não leva em consideração a realidade dos estudantes, os imprevistos do calendário, as particularidades ou escolhas didáticas do professor ou qualquer outro elemento que faça da aula um momento singular, como defende Rocha (2014):

Cada dia de aula em uma turma é único. Professores e um número expressivo de alunos realizam combinações imponderáveis de humor, disposição para estar ali, presença, aproximação ou distância biográfica dos conteúdos que serão tratados, bem como sua abordagem. (ROCHA, 2014, p.85)

O contato entre docentes e estudantes existe, obviamente, nas aulas moduladas. Contudo, o “módulo” é sempre um fantasma para o professor. Isso porque os alunos recebem o material didático antes das aulas em formato de apostila e podem acompanhar tudo aquilo que o professor precisa (e deve) fazer. Logo, esse contato que deveria ser dialógico e prazeroso, de acordo com Helenice Bastos, é prejudicado pela pressão existente, pois os estudantes se tornam fiscais do professor.

O pior que pode acontecer ao docente nesse tipo de aula é “não fechar o módulo”, que corresponde a não terminar o conteúdo previsto. Sanções administrativas, advertências verbais são possibilidades nesse cenário. Nesse caso, a direção da escola pressiona o professor e seu trabalho passa a ser mal avaliado e até questionado⁴. Não há espaços para imprevistos ou particularidades e, dessa maneira, não há como planejar e replanejar a aula. O singular – o evento aula – e o rotineiro – a sequência de aulas – não podem ser administrados pelo professor em cada turma, pois todas devem caminhar juntas, semana a semana, módulo a módulo.

Visando o singular e o rotineiro, a aula requer um planejamento por parte do docente que a realizará junto com seus alunos. É o professor que vai estabelecer margens ao imponderável, administrando a interação com a turma, o período da aula e os conteúdos a serem ministrados e aprendidos. E essa administração envolve planejamento e replanejamento. Como as coisas (na interação própria da aula) tendem a acontecer diferentemente do que planejamos, precisamos desenvolver a capacidade de avaliar os acertos e os erros, para replanejar superando os limites que possuíamos antes e conferirmos previsibilidade ao imprevisível, na medida do possível. (ROCHA, 2014, p.85)

No caso específico do ensino de História, no curso Descomplica, todo o conteúdo do Ensino Médio deve ser ensinado e revisado em cerca de 40 encontros de cerca de 45 minutos cada, durante cerca de oito meses. Nesse sistema, não há espaço para nenhum tipo de replanejamento, nem avaliação do processo de aprendizagem, muito menos qualquer sequência didática, seja ela problematizadora ou não. A prioridade é depositar o conteúdo, de maneira tradicional e ultrapassada, na medida em que o planejamento é feito a partir do que vem sendo feito nos cursinhos do Rio de Janeiro pelo menos desde os anos 90, como afirma João Daniel.

Olha, de um modo geral, esse planejamento é feito com base no planejamento do ano anterior. Que remonta ao *Big Bang*, antes de Cristo. Em algum momento, alguém fez esse planejamento do zero. Houve uma tentativa de replanejamento, em 2018, e, aí, eu reorganizei com base nas referências que eu tinha de outras matérias e de coisas que caem mais na prova do vestibular do ENEM. Mas, de um modo geral, eu pego todo o conteúdo que cai no vestibular, ou seja, toda a História da humanidade, desde

⁴ Os professores são questionados e até demitidos caso não consigam cumprir a modulação previamente estabelecida. A direção aplica questionários aos alunos, que chamam avaliação de professores, que são transformados em uma nota, ou conceito. Caso os módulos não sejam completados a cada aula, ou a nota do professor seja considerada baixa, o profissional pode sofrer sanções ou até ser demitido.

a pré história até o governo Bolsonaro, e resumo isso em 36-40 semanas, que é o tempo que dura o produto. (...) Partiu do presencial. O planejamento é focado no presencial. Você vê que são os mesmos planejamentos que eu fazia no pH, em 1999, em 2000, 2001. Que a gente fazia no AZ, lá em 2008-2010.

- Sim, é uma relação direta, não é? Desses cursinhos de pré-vestibular do Rio de Janeiro dando origem.

-Até o quadro de giz. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

O professor Pellizari deixa muito evidente na pergunta a seguir a relação direta entre as estruturas e estratégias pedagógicas das aulas dos cursos preparatórios do Rio de Janeiro com as aulas de História do Descomplica para os alunos em todo o Brasil. A fala também evidencia a relação direta com as aulas presenciais nos cursinhos do Rio de Janeiro.

E, pedagogicamente falando, você já pensou nesses anos, já criou alguma coisa que pense pedagogicamente as aulas *online*? Ou, em geral, é nesse *feeling* mesmo? Na tentativa e erro. Lá no Descomplica mesmo, já houve alguém pensando em uma oficina sobre educação à distância, com textos e formação específica?

Vou te falar por que não. Já pensamos em muitos formatos de aula. Já usamos muito *chroma key* e colocamos imagens ao fundo, botamos vídeos, o que é muito maneiro. Já fizemos aulas fora da sala de aula. Já dei aula saltando de paraquedas, viajando pelo Brasil (“O Descomplica na estrada”). A gente já pensou demais, mas, por incrível que pareça, o que funcionou melhor foi o mais perto que a gente se aproximou de uma sala de aula normal. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Citron (1990) reconhece a existência daquilo que chama de *dogma da continuidade histórica* no ensino da História, desde o século XIX. Apesar da passagem de mais de um século, esse dogma ainda persiste na medida em que os conteúdos limitados e sequenciais impedem reflexões sobre a prática docente. Nos dois casos, o tempo é usado como senhor da História. O programa permite controlar o que o professor deve dar, mas não permite saber o que as crianças dele recolheram, que o passado EXISTE em cada uma delas. (CITRON, 1990, p. 23)

As aulas online, embora não objetivem primordialmente vender material didático, hoje complementam a venda de material didático apostilado nos chamados sistemas de ensino. Um curso renomado no Rio de Janeiro, o Vestibular de A a Z, passou a vender seu sistema de ensino em 2018 para escolas em todo o Brasil. As aulas moduladas, apostilas com toda a parte teórica e exercícios, são vendidas

juntamente com as explicações em vídeo de todos os exercícios que o aluno vai fazer ao longo do ano de preparação para o Enem.

As aulas de História no ensino privado são limitadas pelo material didático, que orienta a prática e limita o trabalho do professor. Se nos livros didáticos o professor faz escolhas, temáticas ou não, no material didático apostilado isso não acontece. Manakata (1998), ao analisar a postura ambígua das editoras de livros didáticos nas décadas de 1980 e 90, afirma que o mercado é a própria ideologia dessas empresas. Segundo o autor, o perfil ideológico das publicações variava de acordo com as demandas sociais na passagem da Ditadura Militar para o período democrático iniciado em 1985.

O mercado editorial se firmava nos anos 1990, controlado por empresas gigantescas do setor, como a Editora Ática e a FTD. Livros didáticos e paradidáticos serviram para cumprir os currículos e refletiram as disputas sobre os mesmos em diferentes estados, como Minas Gerais e São Paulo. As editoras paulistas conseguiram se impor naquela realidade, atingindo até os mercados regionais por meio dos paradidáticos.

Como a afirmativa de Manakata – *o mercado é a própria ideologia dessas empresas* – se aplica às instituições educacionais que aplicam as aulas moduladas? A resposta é simples: aulas moduladas possibilitam a criação de materiais didáticos próprios, maximizando assim os lucros dessas escolas. As aulas em vídeo complementam o material didático modulado e apostilado. A partir dessa simbiose, temos o produto perfeito para o mercado, que pode ser vendido em qualquer parte do Brasil, já que a prova do Enem tem abrangência nacional.

Os cursos online não ficam fora do mercado editorial. Dois grandes cursos preparatórios no Rio de Janeiro, o Descomplica e o ProEnem, estão desenvolvendo, para implementarem nos próximos anos, material apostilado para oferecer aos seus alunos. As duas empresas estão interessadas no alcance nacional e na venda de sistemas escolares completos. Diferente das décadas de 1980 e 1990, a partir dos anos 2010 o interesse passou a ser vender não somente os livros ou apostilas, mas replicar as estratégias dos colégios-cursos do Rio de Janeiro para o resto do país, inclusive e principalmente nas escolas públicas, com centenas de milhares de alunos em cada estado. Isso, de acordo com o professor Renato, já aconteceu no estado do Ceará:

E, aí, vem para gente uma coisa curiosa: a gente percebe um déficit de qualidade – não digo de professor –, mas de estrutura mesmo. A gente está falando de Brasil. A gente está falando de um produto, que é muito barato, destinado para um público que paga, às vezes, com dificuldade, R\$ 29,00 por mês. Mas que consegue, bem ou mal, e faz um esforço. Então, você chega em um público, que a sua simples aula, para ele, é uma evolução. Não uma evolução no sentido literal da palavra, até porque estamos falando de um historiador, mas é uma novidade absurda, uma *aulaça*. Para você ter uma idéia, quando a gente fazia viagens pelo Brasil, a gente fez uma parceira com o Governo do Ceará, na qual os 300 mil alunos do Ceará e os professores teriam o Descomplica gratuitamente. O Estado pagou. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Barreto, Guimarães, Magalhães e Leher (2006) abordam a questão da introdução das tecnologias nas salas de aula, ressaltando a importância humana nessa relação. As autoras vislumbram o ambiente das novas tecnologias de informação e comunicação, num contexto chamado por elas de revolução paradigmática, remetendo-nos à reflexão sobre o conceito de educar.

Portanto, a sistematização dos encaminhamentos concernentes às modalidades de ensino deve incluir a reflexão acerca das relações entre o ensino presencial e o aqui chamado ensino virtual ou em processo de virtualização. Para desenvolver esta reflexão, é preciso assinalar as convergências e as divergências que sustentaram a proposta de caracterização e a sua denominação. (BARRETO, GUIMARÃES, MAGALHÃES e LEHER, 2006, p.36)

O trecho acima destaca a necessidade de estabelecer as relações, interligações e limites entre as modalidades de ensino presencial e ensino virtual. O caso abordado, o curso Descomplica, se mostra um exemplo essencial para a análise da questão, na medida em que a estrutura, professores, sistema de ensino, material utilizado, tiveram origem no ensino presencial.

A primeira convergência diz respeito à afirmação do distanciamento da escola em relação às demais práticas sociais e à necessidade de buscar alternativas de aproximação. A partir desse ponto, fica configurada uma divergência nas T&D (teses e dissertações). Enquanto um grupo propõe a incorporação das TIC às práticas pedagógicas desenvolvidas na escola visando à possibilidade de mudanças significativas, outro grupo põe em xeque essa possibilidade, argumentando que essas mudanças

encontrariam obstáculos no sistema regular, representados por questões de ordem paradigmática e por resistências diversas. (BARRETO, GUIMARÃES, MAGALHÃES e LEHER, 2006, p.37)

Os trabalhos já publicados divergem nas possibilidades sobre a utilização das TICs no espaço escolar. Apesar das resistências, que existem em muitas instituições, as TICs fazem parte do cotidiano de muitas instituições de aulas presenciais. E o caminho inverso também ocorre: práticas pedagógicas típicas de aulas presenciais foram inseridas nas aulas online, sem que se busquem praticas pedagógicas específicas.

Ambos os grupos tendem a abordar questões relativas à presença das resistências, mas o fazem partindo de concepções diferentes e assumem encaminhamentos diversos. Um primeiro grupo, reunido em torno da proposta de redimensionamento do ensino presencial, argumenta que resistências às TIC não podem ser dissociadas do fato de que estas têm sido impostas como soluções verticais que não levam em consideração as condições, a complexidade, o cotidiano, a experiência, os saberes dos professores e alunos, a cultura da escola. Assim, esse grupo tende a propor que as condições concretas dos contextos de utilização das TIC sustentem todos os encaminhamentos nesse sentido, também como alternativa para evitar que as inovações sejam encerradas em práticas antigas, em movimentos de modernização conservadora e de mistificação tecnológica. Assume o contexto escolar como locus da apropriação das TIC, e representa mais de 20% das produções analisadas.

Um segundo grupo, reunido em torno do questionamento da possibilidade referida, argumenta que as TIC não podem produzir mudanças significativas na educação regular, ante a orientação “instrucionista” da escola. Nesse sentido, afirma que as TIC são incorporadas apenas como ferramentas, pois a escola, como instituição, não dá conta dos novos regimes cognitivos, ainda que alguns avanços possam ser observados, como a substituição da lógica cartesiana do conhecimento em árvore pela lógica do conhecimento em rede. Em outras palavras, as TIC são pensadas como possibilidades de ruptura que, no entanto, não “cabem” nos limites da escola instituída. Daí a sua localização em ambientes de aprendizagem extra-escolares, em diferentes propostas de educação on-line que, somadas, chegam quase a 20% das T&D recortadas.

Na tentativa de sistematizar as duas tendências, é possível afirmar que a referida ao ensino presencial propõe: o redimensionamento do ensino presencial, sem mencionar outro lugar ou modalidade que extrapole as instituições educativas regulares; o investimento na interação professor-aluno, seja na perspectiva afetiva, seja na do compartilhamento da objetividade social; e o fortalecimento do binômio ensino-aprendizagem. Em contrapartida, a tendência à virtualização aponta para: o deslocamento da dimensão presencial para a virtual; uma nova

relação educativa na comunidade virtual, estabelecida de “modo espontâneo”, rompendo com a assimetria presente na escola; e a quebra do binômio ensino-aprendizagem, privilegiando apenas o segundo elemento do par, pensado como “auto-aprendizagem”.

Finalmente, é possível dimensionar as diferenças entre as tendências por meio do deslocamento de um mote conhecido: de não se aprende somente na escola para não se aprende na escola. Pelo menos não da maneira que é possível aprender fora dela, através das TIC. O que implica reconhecer que as T&D voltadas para a proposição do ensino virtual assumem uma relação peculiar entre educação e tecnologias, que não passa exatamente pela recontextualização das últimas, mas pela reconfiguração da primeira.” (BARRETO, GUIMARÃES, MAGALHÃES e LEHER, 2006, p.39-40)

Segundo a autora, “educar também é dar-se oportunidade de mudar, de renovar; é construção e desconstrução não linear, caminhar sem medo de, às vezes, ter que retornar”.

As perspectivas em discussão na obra de Raquel Barreto têm a ver com o presente trabalho na medida em que busco discutir se, no horizonte de ampliação das aulas e cursos online existe a preocupação em reconfigurar a concepção de educação ou apenas em ampliar e recontextualizar a utilização das TICs. Proponho aqui o conceito de *prática didática refletida* para analisar as aulas de História em meios virtuais. Levando em consideração a obra de Raquel Barreto, torna-se possível analisar as aulas online – principalmente no caso do curso Descomplica – sob a perspectiva do uso das TICs sem perceber proposta de reconfiguração na concepção das aulas e da didática tradicionais. O professor João Daniel confirma essa transposição simples e direta:

É, sendo bastante sincero, nas aulas do Descomplica de História... Eu dou exatamente a mesma aula que eu daria se estivesse no presencial com quadro e com a câmera. Exatamente a mesma aula. Praticamente idêntica. Não faz diferença nenhuma. É uma aula que eu já daria no passado se eu estivesse dando no presencial eu daria igual. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

O conceito que proponho não deve ser visto como uma *prática didática refletida* no sentido de atividade pensada, criticada, reflexiva, mas sim no sentido de refletida ou invertida, como o reflexo de um espelho. As aulas online parecem ser inovadoras, mas em termos didáticos, trazem diferenças sutis, ou pouco significativas, em relação às aulas presenciais tradicionais. Isso fica evidente a

partir da análise das entrevistas feitas com professores do Descomplica.

Sobre a didática, as técnicas de aulas, fica claro que existem poucas diferenças das aulas presenciais. Assim, pode-se perceber, de certa forma, uma falta de reflexão sobre a didática das aulas de História em meios digitais. João Daniel afirma que as estratégias didáticas não são totalmente iguais, mas se aproximam em essência.

É quase sempre a mesma coisa. Diferencia em partes, porque eu não tenho um quadro negro, eu quase nunca tenho um quadro negro. Então, eu não posso desenhar coisas, escrever coisas ou improvisar. Essa aula é preparada com antecedência e eu preciso me esforçar para escolher imagens ou mapas previamente, porque isso não dá para ser feito durante a aula.
(ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

A partir do discurso dos professores, percebe-se que a construção das aulas de História no Descomplica partiu da mera transposição das aulas presenciais nos cursinhos do Rio de Janeiro e, com o tempo, quase num sistema intuitivo de tentativas e erros, sempre ouvindo a opinião dos alunos, que são os assinantes/clientes, até chegar em algo único, que é a aula de História online comercializada nos dias de hoje. Muito talento e intuição e pouca discussão pedagógica sobre as práticas docentes.

O programa do curso ao longo do ano letivo também veio das aulas presenciais nas salas dos cursos da classe média do rio de Janeiro, como é possível perceber. Assim, as inovações se relacionam muito mais ao meio no qual a aula é apresentada do que às estratégias pedagógicas adotadas nas aulas de História.

Além disso, tanto na obra de Raquel Barreto quanto no presente trabalho, o ambiente escolar também é analisado, uma vez que é uma instituição de “formalização do saber” e, conseqüentemente, o espaço em que a reflexão acerca do movimento das informações deve ocorrer. Atualmente, os indivíduos estão sendo bombardeados com informações imediatas, com características de tempo de validade demasiadamente curtas. Grandes debates sobre o uso de tecnologias educacionais questionam a exclusão social e digital dos indivíduos que não podem ter acesso aos computadores.

No entanto, para uma parcela ainda pequena, que frequenta as escolas que possuem recursos tecnológicos de comunicação – computadores e internet –, existe

a possibilidade do envolvimento por meio de uma rede de conhecimentos, na qual os indivíduos se interligam e participam ativamente do processo de aquisição ou construção do conhecimento de uma forma que supera as formas tradicionais. Do outro lado, estão os excluídos, que vivem à margem do desenvolvimento tecnológico garantido a poucos. O relato do professor Pellizari mostra o tamanho da carência e exclusão que existe na sociedade brasileira. Ele discorre sobre a experiência de ir para o interior do Ceará, quando foi estabelecido um convênio entre o governo estadual e o curso Descomplica.

E, aí, de novo, eu acho que você pega alunos de muitos lugares, com escolas ainda em que faltam professores, com condições precárias, acredito eu, ou ainda professores sem muito estímulo, sem incentivo. Eu não gosto de criticar o professor, gosto de entendê-lo e ter empatia. Um professor que está lá, no interior, recebendo mal ou mal recebendo. O aluno não está incentivado, ele não está incentivado. Aí, o aluno chega em casa, tem acesso a uma banda larga e assina o Descomplica. Ele tem uma equipe de professores que é uma equipe de ponta, dentro da casa dele, por R\$ 29,00 por mês. Então, isso atinge um público de baixa renda, que não teria condição nenhuma – e eu recebo muitas mensagens nesse sentido. Alunos dizendo: professor, muito obrigado, o senhor está me ajudando a realizar um sonho. Eu não teria, jamais, condição de sair da minha cidade para estudar, porque aqui não tem um curso Pré-Vestibular. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

A realidade, em muitas localidades do interior do país, é a existência de professores que atuam em aulas na Educação Básica sem formação específica. Muitas vezes, os professores de História não são professores especialistas, licenciados em História, mas formados em Pedagogia. Segundo o Censo Escolar de 2019, 36,9% dos professores do Ensino Médio não possuem formação específica, enquanto no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) o índice de professores sem a formação específica é de 48,3%. Esses dados também variam de acordo com a região do Brasil. No Sudeste, a capacitação específica atinge cerca de 70% dos docentes enquanto, no Nordeste, apenas 33,6% dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental II têm a formação esperada. A falta de formação específica por parte dos professores acaba maximizando o sucesso as aulas do Descomplica no interior do país, que se tornou o foco da empresa nos últimos anos.

Ainda de acordo com Barreto, Guimarães, Magalhães e Leher (2006), existe uma confusão entre acesso a informações e conhecimento, considerando que, para se transformarem em conhecimento, as informações disponíveis precisam ser

elaboradas, experimentadas, num movimento de renovação e reconstrução. A informação por si só não gera conhecimento. Nesse sentido, as experiências relatadas pelos professores entrevistados permitem ampliar a reflexão proposta pela autora. O relato do professor João Daniel corrobora tal idéia, pois o professor não pode ser um mero “informador”, ou transmissor de informação. Percebe-se que isso acontece nas aulas online.

Eu perdi interação, eu perdi contato, perdi amizade, perdi conexão, eu não sei sobre as pessoas, não sei a vida delas. Do ponto de vista pedagógico, eu, como vygotzkiano, eu considero que o verdadeiro aprendizado se dá a partir da vivência do aluno. Eu pioro enquanto professor porque eu não sei qual vivência dele, eu não sei como ele está. Quer dizer, alguns eu sei porque me mandam mensagem. Eu tento construir e improvisar em cima disso. Mas a verdade é que a maior parte deles eu não conheço a história. Eu não consigo construir uma aula que, de alguma maneira, seja uma narrativa que dialogue com aquela realidade deles ou com o papel dele, porque essa realidade é muito heterogênea, muito massificada. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

O papel dos professores, e da própria formação dos mesmos, nesse novo contexto precisa ser objeto de reflexão e discussão. A obra de Flavia Medeiros Sarti (SARTI, 2019) sobre o processo de universitarização de professores na área da pedagogia, que terminou por causar a desprofissionalização dos docentes.

De certa forma, as aulas em meios digitais também são exemplo de desprofissionalização dos docentes, uma vez que podem promover o esvaziamento do controle que os professores devem exercer sobre os processos concernentes ao trabalho que realizam, em outras palavras, pode retirar a autonomia do professor no processo pedagógico. Essa perda de controle sobre a própria atividade fica evidente no relato do professor João Daniel.

No Descomplica, você tem um monitor de História, *online*, em algum lugar do Brasil, que filtra as dúvidas de milhares de alunos e repassa para o *chateiro*, que simplesmente está acompanhando o *site* para verificar se tem racismo, xingamento. Para fazer uma mediação, mais para disciplinar o *chat*. E, aí, esse *chateiro* decide as questões que o monitor me passa. (...) No ano passado, eu respondia entre 7 e 15 dúvidas por aula. Esse ano, por alguma razão, os alunos ficaram mais moderados ou o monitor ficou mais tímido. Mas o fato é que eu tenho respondido 2 ou 3 dúvidas e tem aula que não tem dúvidas. Ou pelo menos o monitor não me passa a dúvida. Agora, às vezes, eu volto no *chat*, quando acaba a aula, e tem aluno reclamando que o monitor não passou a

dúvida. O *chateiro* não passou a dúvida. O que eu acho que aconteceu foi que houve uma mudança no estilo do monitor. O monitor ano passado me passa quase todas as dúvidas e o monitor desse ano filtra muito mais. Ele sente que eu falo muito rápido e ele sente que não tem espaço para tirar dúvida, que pode acabar perdendo tempo de aula. Em suma, isso depende mais do monitor do que de mim. Não sou eu que faço essa mediação. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

A inserção de outros personagens na aula tirou, de certa forma, o controle que o professor tinha do processo ensino-aprendizagem. Outra possibilidade de desprofissionalização dos docentes surge por conta da falta da obrigatoriedade da formação superior com licenciatura para atuar em cursos livres e em cursos online, como é o caso do Descomplica.

Pela legislação brasileira, os professores de Ensino Básico devem ser licenciados, por meio de curso superior na área específica com a licenciatura. Contudo, essa exigência ocorre para aulas em escolas, de nível Fundamental e Médio. Para atuação nos chamados cursos livres – cursos de línguas e preparatório para vestibulares e demais concursos – essa exigência não existe. Sendo assim, qualquer pessoa pode ocupar a posição de professor, mesmo que nunca tenha concluído a formação superior com licenciatura.

Segundo Sarti (2019), o processo de profissionalização de professores,

requer atribuir aos praticantes papel ativo na formação das novas gerações profissionais, de modo a possibilitar aos estudantes a construção de uma identidade ligada à profissão para qual estão sendo formados. (...) A formação profissional define-se, nesses termos, como um processo de socialização. (SARTI, 2019, p.14)

O trabalho de Lins (2012), sobre a (des)profissionalização docente no Brasil nos últimos anos, traz uma perspectiva sobre a situação dos professores do Descomplica e dos seus antecessores colégios-cursos do Rio de Janeiro. Segundo a autora, existe um processo de desprofissionalização ou precarização da atividade docente como decorrência das políticas educacionais neoliberais, que implementaram o que chama de cultura performativa pautada no gerencialismo na prática docente e na dinâmica escolar.

que a criação de uma cultura performativa entre os professores que têm por baliza os sistemas de avaliação da escola e seus resultados indica a perda da especificidade do trabalho docente, e a redefinição do processo de construção da qualidade da educação escolar. Segundo os estudos, na prática, o discurso sobre avaliação teria favorecido a criação de *rankings* das

melhores escolas a fim de que a população pudesse fazer suas escolhas, como também estreitou a relação entre educação e mercado, aspecto reiteradamente apontado na literatura disponível. Fica evidenciado portanto, na literatura educacional disponível, que a desprofissionalização do professor, entendida como atividade específica na área da educação, se configura no fato de que a sua atuação se delinea sobretudo a partir de estímulos externos, definidos pelas políticas educacionais locais e nacionais. (LINS, 2012, p.2)

A desprofissionalização docente nas aulas online ocorre, portanto, de duas maneiras principais: a primeira, por conta da atuação de pessoas não formadas, sem qualificação mínima para lecionar, mas que podem fazer canais no Youtube e postar suas aulas; a segunda, na medida em que os professores que lecionam em cursos online, como o Descomplica, passam a perder o controle das suas aulas e das próprias reflexões sobre a prática docente por conta do sucesso da introdução de uma nova lógica no magistério baseada em pragmatismo, resultados e marketing . E o sucesso dos cursos online, com aprovações e ampliação de áreas de atuação, tendem a ampliar esse processo.

As Tecnologias de Informação e Comunicação assumem papel relevante no processo de aprendizagem nas aulas online, e juntamente com as estruturas e modelos pedagógicos impostos ao docente, contribuem para que o processo de desprofissionalização que Sarti (2019) aplica à formação dos professores do Ensino Fundamental também se aplique às aulas online. As perspectivas, segundo o professor João Daniel, são indicadoras de uma desprofissionalização cada vez maior dos professores por conta do avanço das aulas online.

Pessoas que lançam uma fórmula e fazem cursos *online* para tudo: curso *online* pra pintar unha, para fazer sobancelha, para cortar cabelo, para desenhar história em quadrinho, curso online para personal, para nutricionista e o escambau. Tudo isso, a meu ver, é uma possibilidade de um empoderamento de uma série de categorias que se tornaram professores e eram só profissionais. Então, o professor não vai ser um professor, vai ser um profissional que vai ensinar a sua prática. Eu acho que isso uma transformação bastante disruptiva e, infelizmente, inevitável que vai acontecer e que vai transformar totalmente a nossa profissão com o risco provável de desaparecer. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

Percebe-se, portanto, que o avanço das aulas nos meios digitais vem ocorrendo sem maiores reflexões sobre a educação e as práticas pedagógicas. O que parece inovador, não é tanto assim, já que a construção das aulas e do próprio

ensino de História refletem o que já era feito anteriormente nas aulas presenciais dos cursos do Rio de Janeiro. Além disso, é perceptível o processo de desprofissionalização docente, e segundo os entrevistados, tal situação coloca em xeque a própria continuidade do magistério como conhecemos hoje.

5

As práticas online no ensino de História

Ao analisar as atividades do Curso Descomplica, percebe-se uma outra lógica pedagógica em relação às aulas de História. As atividades online não seguem a mesma lógica das aulas presenciais, nem poderiam seguir. Os relatos dos professores, colhidos por meio de entrevistas, são elucidativos. As entrevistas formam um aspecto essencial para o trabalho e também devem ser analisadas sob a perspectiva da História oral.

Seguindo os ensinamentos da professora Alberti (2005), em seu Manual de História Oral, as entrevistas não são vistas aqui como versões dos fatos, pois se diferenciam do conceito de narrativa da teoria literária. Os relatos são decorrentes da memória dos entrevistados e são tratados como fontes para o trabalho do historiador.

As entrevistas estão transcritas em sua integralidade no final do presente trabalho para que o leitor tenha acesso fácil a todas as informações disponíveis. Procurei deixar as os trechos usados ao longo dos capítulos 2, 3 e 4 em seu contexto original, por isso, às vezes, as citações precisaram ser longas e acompanhadas das perguntas.

É importante salientar que as entrevistas não devem ser vistas como relatos imparciais e objetivos. São fontes históricas, na perspectiva proposta por Jacques Le Goff, ou seja, a fonte deve ser encarada como um documento-monumento, carregada de intencionalidade e inserida no contexto social na qual foi produzida. Segundo, Alberti (2005):

Ora, no caso da entrevista de história oral, a intencionalidade do documento já é dada de saída, quando da própria escolha do entrevistado como pessoa importante a ser ouvida a respeito do assunto estudado. E ela se prolonga por todas as etapas de realização e tratamento da entrevista, transformada em documento de um acervo, aberta à consulta de pesquisadores. Por isso, é muito importante que o público conte com uma série de informações a respeito das condições de produção e de tratamento do material que está consultando: quais os objetivos da entrevista e em que projeto está inserida? Que instituição é responsável pela entrevista? Há instituição financiadora? Quem fez a entrevista? Havia outras pessoas, cuja presença possa ter influenciado o curso da narrativa? Houve circunstâncias importantes que possam incidir sobre a análise do que foi

gravado? Qual a data, o local e a duração? Como foi feita a gravação? E assim por diante. (ALBERTI, 2005, p.9)

Os professores entrevistados – Renato Pellizari e João Daniel Almeida – são meus companheiros de trabalho de longa data. Trabalhamos juntos em cursos preparatórios para o vestibular desde os anos 2000. Assim, não foi difícil procurá-los para conversar sobre suas experiências com aulas em meios digitais e suas atividades docentes no Descomplica. As conversas foram iniciadas por telefone e as entrevistas foram realizadas no início de 2020, sendo a entrevista com Renato Pellizari feita presencialmente em sua casa, alguns dias antes do início da quarentena. A conversa fluiu naturalmente por cerca de duas horas, pois o professor se orgulha da sua trajetória e do fato de ser o professor mais antigo, desde o início no Descomplica, e um dos pioneiros nas aulas online no Brasil.

A entrevista definitiva com João Daniel não pôde ser feita pessoalmente porque já estávamos em alerta por conta da epidemia de Covid-19. Tivemos uma conversa informal sobre o assunto em sua casa no final do ano passado. Contudo, foi uma conversa, não uma entrevista baseada na metodologia da História Oral – por exemplo, não havia um roteiro com as perguntas. Por isso, ao finalizar o roteiro de perguntas, marcamos a entrevista definitiva. Contudo, tivemos que fazer a entrevista por Skype, o que soou como uma certa ironia do destino – em um trabalho sobre aulas online, fomos obrigados pelas circunstâncias do momento a ter um encontro não presencial. Foi interessante perceber como na entrevista feita de maneira remota, com as mesmas perguntas e também conhecendo o entrevistado anteriormente, o resultado foi diferente. Apesar da boa vontade do entrevistado, as respostas foram mais curtas e objetivas, embora também tenham sido bem enriquecedoras para o trabalho. Creio que essa é uma das principais limitações das interações em meios digitais: a perda da naturalidade no processo de comunicação, na medida não estamos na interação presencial.

5.1

A produção das aulas no ensino remoto e os reflexos para o professor

As aulas online são repletas de especificidades, embora haja muitas correlações com as aulas presenciais de História dos cursos pré-vestibulares dos

cursos do Rio de Janeiro. Nesse sentido, os relatos dos professores de História do curso Descomplica, Renato Pellizari e João Daniel são explicativos.

Sobre a carga de trabalho e o processo de preparação das aulas online, eles deixam bem claro que suas aulas nos meios digitais são muito próximas das aulas presenciais, confirmando assim a idéia defendida no capítulo 1, de que as aulas do Descomplica não se enquadram na prática de Educação à Distância, e sim na categoria de Ensino Remoto.

Isso, exatamente isso. E não deixa de ser. Muda pouco, muito pouco. Na hora que você vai para o online, você tem que ter um cuidado maior com a sua clareza. Porque, no presencial, você está ali, na certeza de que, se alguma coisa embolar, o aluno vai te parar e vai te sinalizar. Você tem essa ajuda do aluno. No online, não tem. É difícil um aluno no online mandar “professor, não entendi nada nos últimos 5 minutos”. Por mais que tenha um *chateiro*, ele pode mandar, mas é difícil. No presencial, a gente divide o quadro em vários pedaços, no online, isso é mais complicado. No online, o mapa mental de quadro é muito melhor. Eu levei 6, 7 anos para descobrir isso. Eu, hoje, faço mapa mental. Eu não montava mais os quadros da minha aula, porque estavam todos na minha cabeça. Até porque a gente não coloca tudo que a gente fala no mapa. Por mais que você leia uma coisa nova, você não escreve essa coisa nova. Você botava aqueles tópicos e ia. Então, eu não montava mais quadro. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

O relato do professor Renato, ao diferenciar as aulas online das aulas presenciais, não recorre às estratégias utilizadas no EaD, mas sim às particularidades impostas ao professor pela inexistência do contato com os alunos nas salas de aula. Logo, a prática de Ensino Remoto fica evidente.

Eu tive que sentar, literalmente, pegar uma folha em branco e começar a montar mapas mentais. Fui muito inspirado pelo João Daniel, que tem um quadro lindo, fantástico. Então, eu tive que montar mapa. Hoje eu escrevo no meio a aula e vou puxando as setas. Quando eu termino minha aula, está tudo que eu escrevi ainda no quadro. É um take só. O aluno não precisa ficar fazendo vários prints daquela tela, como os alunos fazem copiando o caderno. E é muito legal, porque, pelas pesquisas atuais, os mapas mentais têm um impacto muito maior na absorção do aluno. Ele está o tempo todo vendo tudo que você falou de novo. Toda hora que ele olhar para o quadro, ele consegue retomar tudo aquilo que você falou naquela aula. Isso faz flashes para ele que fixam muito mais o conteúdo. E, depois ele estudando isso, ele fecha o olho e lembra. Ele tende a lembrar daquele mapa. Então, tem muitos ganhos e, nesse sentido, claro, a sua dinâmica de aula muda. Porque você não fica mais apagando o quadro e

reescrevendo. Você vai falando o tempo todo, construindo aquele mapa junto com os alunos. Um cuidado muito maior com o que vai escrever, porque escreve muito menos. Não dá para escrever tudo, porque é um quadro só. Então, se toma muito cuidado, porque, se alongar muito, acaba o espaço e fica feio e confuso. E aí vira uma confusão mental. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

O recurso didático utilizado pelos professores – o mapa mental – também tem origem nas aulas presenciais. A utilização de mapas mentais em aulas do Ensino Médio é algo muito recorrente nos dias de hoje. Os professores do Descomplica, então conseguem driblar a impossibilidade de usar o quadro negro de maneira extenuante para os alunos nas suas aulas remotas. Logo, diante da impossibilidade de utilizar um elemento das aulas presenciais – a exposição analítica no quadro negro – a solução encontrada também veio de uma prática do ensino presencial.

Acho que isso é a maior mudança e, claro, na questão da aula e a relação com o aluno, você tem outras ferramentas que a câmera te dá. Porque, por outro lado, é um espaço mais controlado. A gente só pensa no lado difícil da câmera, que é “caramba, olhando para câmera, são 3 mil alunos”. Mas tem um outro lado, que facilita, que é uma câmera. Então, é você só olhando para câmera. Você quer fazer uma parte mais teatral, é só para a câmera. Se você estiver bem com aquilo já, se relaciona de forma muito mais íntima e o aluno que está te vendo, parece que é com ele. Você tem que passar a imaginar que tem uma turma do outro lado ou que tem uma pessoa te vendo. Então, você imagina que, se você chega perto da câmera e consegue falar bem perto e como se você estivesse conseguindo, em uma aula presencial, fazer isso na cara de cada aluno. Então, mesmo que para 3 mil pessoas, eu consigo fazer coisas que impactam o aluno, muito melhor do que em sala, presencialmente. Isso é a parte legal da câmera que as pessoas não percebem. E, se você não explora isso, você está perdendo um grande negócio. Se você ficar longe da câmera, como se fosse em uma aula presencial normal, se você não tentar esses momentos de interação mais íntima com o aluno, você está perdendo uma grande oportunidade. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

O elemento mais característico da aula online aparece na fala acima. Renato deixa claro que a maior diferença é a relação com o aluno, que não existe fisicamente no local da aula. A estratégia utilizada pelo professor parte de uma abstração, que é imaginar que existe uma sala atrás da câmera, interagir com a lente e fazer algo parecido com o que é feito nas aulas presenciais. Mais uma vez, a estratégia é refletir uma aula tradicional no meio digital.

Os alunos podem assistir as aulas de História ao vivo, mas também podem assistir aulas gravadas anteriormente que ficam à disposição do “usuário”. Dessa forma, percebe-se o um certo protagonismo do aluno no processo de construção do conhecimento, mas uma espécie de protagonismo passivo, pois esse aluno que escolhe a aula que ele quiser, do tema que ele quiser, no momento que ele quiser, não consegue interagir com aulas gravadas, algumas vezes com professores que nem trabalham mais no curso. Nota-se também uma nova forma de trabalho, necessariamente precarizada, pois o professor pode ser remunerado pelo uso da sua imagem, mesmo que essa remuneração seja pequena e instável, como apresentado no capítulo anterior.

Sobre o acesso às aulas gravadas pelos alunos e a perda do controle do professor sobre seu próprio trabalho, no caso das aulas online, seguem as considerações do professor Renato Pellizari, que também realiza o trabalho de escolher as aulas que ficarão disponíveis para que os alunos assistam.

Eu mesmo estou fazendo um trabalho agora, no Descomplica, de escolher as aulas que vão ficar à disposição dos alunos, de uma forma geral. Tem muita coisa repetida. Imagina, muita gente já passou por lá, muitos professores e todo mundo sempre gravando muito. Uma das formas de evaluation da empresa é o número de aulas gravadas disponíveis lá dentro. Então, nenhuma delas vai sair. Não faz mal se eu tenho cinco aulas de Reforma Protestante, mas eu vou esconder algumas aulas dos alunos, para não ficar confuso. (...) Eu estou escolhendo o que vai ser ocultado e o que vai ficar disponível para ele no nosso banco como uma espécie de arquivo morto. E eu estou selecionando o que fica. Estou priorizando aulas mais novas, eu gosto de deixar professores diferentes. Já que eu darei a aula ao vivo, porque não deixar a aula de um outro professor que eu tenho gravado. Porque esse professor tem uma outra abordagem, outra forma de conduzir o conteúdo e fica muito mais rico se o aluno assistir às duas aulas. Então, estou tendo esse cuidado de manter uma diversidade maior para o aluno. Até porque fica chato só ter disponível um único estilo de aula. É até uma pressão muito grande sobre mim, porque eu tenho que fazer uma aula bem diferente para eu me sentir bem. Não sentir que estou dando a mesma aula. E online tem muita repetição de aluno, porque é um curso mais barato. Então, o aluno que não passou nesse ano, faz de novo no ano seguinte. É diferente de um presencial, em que o cara vai bancar 15 mil reais de investimento no ano. Ele não vai fazer de novo, com tranquilidade, dois, três anos seguidos. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

A precarização da atividade docente torna-se evidente. O professor ministra as aulas e recebe por isso, a empresa mantém as aulas do professor nos seus arquivos, pode

usar as gravações sempre que quiser e remunera o professor pelas aulas gravadas por um valor quase simbólico – 1% da receita das assinaturas feitas naquele ano, sendo que o valor médio de uma assinatura gira em torno de 30 reais por mês. Dessa forma, percebe-se o professor como uma peça da empresa, que mesmo quando é dispensado, continua gerando receitas – importante perceber que as aulas gravadas pelos professores são consideradas como patrimônio da empresa, que adquire maior valor de mercado de acordo com a quantidade de aulas gravadas que possui – fazendo parte do portfólio de aulas oferecidas aos alunos.

Percebe-se, como já foi dito, uma outra lógica pedagógica em relação às aulas de História. Os professores não têm contato presencial com os alunos e não existem avaliações ou formas de verificação do conhecimento adquirido no processo de aprendizagem, até porque essa não é a proposta de um curso livre que prepara os alunos para uma prova que ocorre no final do ano letivo.

Embora as estruturas pedagógicas, como plano de curso, planejamento de aulas e algumas técnicas tenham vindo do ensino presencial, existe uma diferença significativa entre o ensino tradicional nas salas de aula e nos cursos online: a estrutura tecnológica essencial para que as aulas funcionem. Dessa estrutura dependem a gravação, transmissão e interação dos alunos com os professores. Essa estrutura funciona da seguinte maneira: estúdio, técnico, chateiro, monitor e professor.

Então, a equipe se resume, no estúdio e em cada aula sua, a você, o cara do computador, que cuida da mesa de som – no Pro Enem, eu percebi isso também – e o chateiro?

Tem o chateiro, que fica organizando as dúvidas para repassar; e tem o monitor de História, que fica respondendo a algumas dúvidas.

É esse monitor que escolhe as dúvidas que vão chegar até você?

É, porque, se for uma dúvida mais complexa, que ele ache que vale a pena desenvolver na aula... Tem umas perguntas muito simples e tem umas mais complexas. E ele fala para o chateiro: “passa essa para o Pellizari”. Aí o chateiro me avisa da dúvida, eu paro a aula e, realmente, é uma coisa mais elaborada, que vale a pena uma reflexão. Porque digitar é muito ruim, fazer essa reflexão digitando é muito ruim. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

A estrutura das aulas – estúdio, técnico, *chateiro*, monitor e professor – é estabelecida dessa maneira para garantir a efetividade da transmissão do conteúdo das aulas e também algum grau de interação entre o professor e os alunos que estão acompanhando a aula. Importante perceber que essa interação ao vivo só é possível para os alunos que estão assistindo à aula naquele momento. A maioria, segundo os entrevistados, abre mão da interação ao vivo com os professores, pois prefere assistir às aulas gravadas.

Percebe-se que o monitor, além do *chateiro*, que fica responsável pelo chat, ocupa uma posição fundamental nas aulas online. Dele depende a interação entre os alunos e o professor. Tal relação, elemento essencial das aulas presenciais, se torna fundamental para o sucesso das aulas de História online. Seria possível estabelecer com sucesso a interação professor/aluno sem o encontro físico dos dois protagonistas do encontro, que é a aula? O professor Renato responde.

Claro que é uma questão muito sua. Eu tenho para mim, eu crio o sentimento de que eu estou dando para aquela aula. Claro que, às vezes, eu uso muito o *chateiro* e o câmera como referência. Eu chamo toda hora, porque a gente tem essa mania e precisa disso. Então, às vezes, o Gui, que é de História, está lá no chat e eu busco essa interação com ele. Isso é legal também. Mas você cria para você, que está dando aquele clima e você tem que acreditar nisso. Se você não tem a turma de 70 alunos para te dar esse feedback, de 30, 70 ou 3.000 alunos. Então, você acredita naquilo também. Tem muito isso. E, aí, o feeling tem que estar muito mais apurado. Você tem que saber sozinho se a sua aula está ficando arrastada, se está ficando mais monótona. Você não tem mais aquele aluno que dormiu te olhando. Em que você pensa “preciso dar uma animada na aula, deve estar muito chata”. É só você. E a probabilidade dos dois que estão trabalhando com você dormirem é muito pequena. Um está na tecnologia e som, vendo se está tudo ok. E o outro está respondendo aos alunos, no chat, o tempo todo. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Percebe-se uma interação intermediada pelo *chateiro*, que tem a responsabilidade de guiar o professor. Algo inimaginável em uma aula presencial de História. E de que maneira se faz possível essa interação entre o professor da aula online e os alunos, que estão a milhares de quilômetros de distância?

Vamos lá, realmente, não é tão óbvio. Tanto é que eu odeio gravar aula, acho um saco, porque, nesse caso, não tem interação mesmo. Você e a câmera e vai. Aí, você fala 5 minutos, corta, aí, você fala mais 5 minutos, corta e isso é muito chato. Para a gente que precisa muito disso, que é muito desse contato, é muito ruim.

Mas a aula ao vivo, de novo, tem gente te assistindo. As aulas, hoje, que eu estou com menos gente... Por exemplo, em janeiro... eu dou aula em janeiro, porque eu tiro julho de férias. Tenho um acordo de dar aula 2 semanas em janeiro. Também não tiro férias no QI. Então, eu paro nas 2 últimas semanas de janeiro e as 2 semanas de julho – que tem aula, porque existem alguns vestibulares em janeiro. E a aula que não tem ninguém tem 150 pessoas, o que seria, hoje, no presencial, uma sala lotada. A gente ainda brinca “caramba, não tem ninguém”. Não tem ninguém para os padrões do Descomplica. Então, quando você passa a entender que existem dois momentos: essa interação durante a aula, de você aceitar que tem gente e tem um contador que te mostra ali o número de pessoas, isso, para gente, é importante. (...) Na verdade, tem um monitor onde eu me vejo e tenho um retorno. Nesse retorno, eu me vejo, vejo a hora, para eu controlar e um contador de views – quem está ali em tempo real. Então, eu vejo quantos alunos estão vendo a minha aula. O que também ajuda nesse feeling, porque, se eu começo a perder muito aluno, ali em tempo real, pode ser que a aula esteja ficando arrastada. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

A estrutura desenvolvida no Descomplica permite ao professor ter algum retorno do que está ocorrendo na sua aula. Embora não haja a interação presencial com os alunos, o docente consegue saber qual é a sua audiência a todo instante. A partir disso, ele pode perceber se está conseguindo se fazer entender e se os objetivos de sua aula estão sendo atingidos. Por exemplo, se o professor estiver fazendo brincadeiras em demasia, algo que já foi um estigma das aulas do Descomplica no mercado de cursos preparatórios, o número de alunos cai imediatamente.

A gente já fez essa comparação, por exemplo, a gente já entendeu que o aluno online está atrás de conteúdo. O pessoal que fica fazendo o aulão de véspera fica monitorando as outras aulas. Então, por exemplo, o Pro Enem está fazendo aula também, todo mundo, hoje em dia, faz aula na véspera do Enem. No Descomplica, como a gente tem muita atividade que não são aula, nessas 12 horas, óbvio, tem atividades de relaxamento. E, sempre que para uma aula e entra uma atividade dessa, a gente perde aluno e o outro ganha aluno. Ou seja, eles fogem para continuar assistindo a aula. Olha que interessante! De fato, isso é um termômetro interessante para a gente. Então, é brincar sempre com conteúdo, a gente já tinha essa preocupação, mas, no online, é sempre mais forte. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) também desempenham papel relevante na interação dos docentes de aulas online e seus alunos. Seria ingenuidade acreditar que em um mundo cada vez mais interligado

pelas redes sociais e interfaces digitais, os alunos não usariam tais mecanismos para estabelecer algum tipo de interação via comunicação com seus professores.

Essa interação no ao vivo existe, você sabe o número de pessoas que estão ali. É só virar uma chave na sua cabeça, que são pessoas e não números. E tem uma interação fora da sala de aula, porque você tem mídias sociais. Então, no Instagram, eu tenho quase 67 mil pessoas me seguindo e não tenho dúvidas de que 90% disso ou mais são alunos ou ex-alunos. Tanto é que tem uma rotatividade imensa. Toda semana 500 param de me seguir e 1.000 e poucos começam a me seguir. Eu ganho 500 e poucos por semana nessa época do ano, mas eu perco 500 também, que é um ex-aluno, que já está na faculdade e deixa de me seguir. Esses alunos entram em contato direto pelo direct do Instagram? Eles tentam. Eu não consigo responder, óbvio, a todo mundo. Às vezes, eu respondo a um ou outro, mas você posta uma foto, eles comentam para caramba. Então, cada foto tem 200 comentários, 100 comentários. Eles interagem ali. Tento minimamente, ao menos, curtir o comentário de todo mundo e, no Instagram, eu tento também responder, mas não dá. Eu recebo mais uma amostragem, pelas mensagens que você vê, você sente o que está acontecendo. (...) Você tem uma matéria maneira, entra no seu Instagram e vê quantas marcações você tem. O cara que filma e faz um stories da sua aula e te marca. Hoje, você tem como ver isso, tem uma ferramenta do Instagram que te mostra todos os stories em que você foi marcado, até aquele momento. (...) É um tipo de interação e você vai dando vida para as pessoas. Você vai guardando isso dentro da sua cabeça, na verdade. Aí, você entra no estúdio e diz que está chateado com alguma coisa. Quando vê, tem dezenas de mensagens te dando apoio. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

A partir das respostas do professor Pellizari, é possível perceber o grau de interação entre o professor e os alunos. A aula acontece de maneira remota, sem o contato físico diário, mas o encontro se faz necessário e todos os envolvidos sabem disso. Se não fosse assim, não haveria chateiro nem a possibilidade de interação. A via de mão única se estabeleceria e, possivelmente, não seria uma aula na essência do termo.

As relações entre as aulas presenciais e as aulas online são evidentes. Mas como é a percepção dos professores diretamente envolvidos nisso? A relação entre as aulas presenciais e as aulas online seriam de oposição ou complementariedade? O professor João Daniel deixa claro que não são necessariamente complementares.

Então, eu acho que eles são diferentes, mas não tão diferentes a ponto de dizer que são complementares. Eu diria que são quase redundantes. Ou é um ou é outro. Não precisa ser os dois. Mas é óbvio que, em uma aula presencial, pode ser enriquecida com aulas online ou gravadas, por exemplo, de resolução de exercícios, de material extra, comentários de bibliografia. Então,

claro que dá pra complementar, mas não é essa a minha experiência. Nunca foi. O ensino que eu faço é um ensino que substitui o ensino presencial. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

No que diz respeito à atividade do professor de História, as aulas online podem trazer mudanças significativas. A possibilidade, para os capitalistas da educação e para algumas esferas governamentais, de alcançar milhões de alunos a partir da utilização de poucos professores parece bastante tentadora. Os professores Renato Pellizari e João Daniel discorrem sobre as transformações na profissão nos últimos anos e apresentam suas perspectivas. A seguir, as impressões do professor Pellizari:

Eu acho que é um mercado relativamente pequeno, estreito. Porque, ao mesmo tempo em que está todo mundo pode pegar e fazer, ser remunerado por isso é muito difícil. É para poucos, então, quem está, está. Eu escuto muita gente me perguntando por que eu não saí e não fui montar uma plataforma própria. Porque não é tão simples quanto parece. Não é só montar o “História com o Pellizari” e ganhar muito dinheiro. Não é simples, não é fácil, requer muita tecnologia, requer muito investimento em marketing. Até porque, se fosse para fazer uma parada assim, para ser gratuito, para atingir mais gente... Não é fácil. Não é uma coisa tão acessível quanto parece, não é tão fácil. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

O professor João Daniel também não prevê um futuro otimista para os professores enquanto categoria profissional, a partir das suas experiências com as aulas transmitidas pela internet para um grande número de alunos.

Qual o principal ponto positivo para o professor em trabalhar com aula online?

Não vejo nenhum. Só vejo perdas.

E qual o principal ponto negativo para o professor e para a nossa categoria?

Olha, essa pergunta é para o professor e não para o aluno. A minha resposta é para o professor. É óbvio que, para o aluno do Piauí ou do Maranhão, que tem acesso à aula que, talvez, ele não teria na comunidade dele por um custo de 20 reais – todas as matérias no raio que o parta, longe –, é muito útil, é muito rico, muito democratizante. Para o professor, enquanto professor, eu só me sinto lesado. (...) Eu me sinto lesado, eu acho que a troca é pior. Eu ofereço mais do que eu recebo. E uma das coisas que me fez ser professor era a enorme quantidade de coisas que eu recebia nessa troca presencial com o aluno que, no tele presencial, é muito minimizada desfavoravelmente ao professor. É óbvio que tem troca, mas essa troca é muito minimizada.

E do ponto de vista profissional e financeiro? Como é que você enxerga isso? Conversando com o Renato, ele apontou que isso é bom para quem está e ruim para quem não está no sentido de que você tem uma contradição aí. Ele é democratizante para o aluno, para os professores, não é. Para nossa categoria de professores, não é. Você concorda com isso?

Concordo 100%. Estou com o Peli integralmente. Primeiro lugar, no médio e no longo prazo, se o sucesso das aulas tele presenciais se estabelecer, a carreira do professor acaba enquanto carreira. Não vai ter mais uma carreira. Ela vai ser semelhante, mais ou menos, à do jogador de futebol. Você vai ter aqueles jovens que entram com 14,13 anos na várzea e um deles vira o Ronaldinho. Um deles vira o Robinho. É um torneio. (...) Agora, é óbvio que alguns professores aproveitam essa oportunidade: Paulo Jubilut, Professor Nelson, Mário Vergara que vai dar aula de inglês, que vai dar aula de Biologia, um Ferreto que vai dar aula de Matemática... Seria uma espécie de pocket business. Ele passa a ser esse professor e ele mesmo assume a função dele. Ele vira, ele próprio, a sua empresa. Foi um pouco isso que eu tentei fazer nas aulas do concurso do Itamaraty. Na área diplomática. Aí, se você quebra a mais valia, isto é, se você não tem um patrão, aí, obviamente, sua rentabilidade amplia dramaticamente, porque, aí, você ganha escala diretamente sem intermediário. E isso é uma outra coisa que eu percebo que está acontecendo. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

A possibilidade levantada pelo professor João Daniel, de que a categoria profissional dos professores vai dar lugar a um grupo restrito de super professores da internet, embora seja possível – se pensarmos em casos recentes no campo da educação, como a Coréia do Sul – não é a única possibilidade para a o ensino de História. Seu companheiro no Descomplica, Renato Pellizari tem preocupações semelhantes com o futuro da profissão docente com o avanço das aulas online.

O que me garante que, daqui a alguns anos, não vão pegar algumas disciplinas e colocar 100% *online*? Porque, se o governo autoriza, vai depender muito das questões políticas. Se o governo autorizar que todas as escolas tenham 30% do seu material em EaD, acabou. Vai precarizar. E é fogo, porque fica muito difícil. Quer ver, posso fazer um discurso: precisamos modernizar nossas escolas... Olha aí, que discurso bonito... Então, vou melhorar minha fala: se a inserção do EaD nas escolas for para diminuir custo, a gente vai por um caminho ruim. A inserção do EaD nas escolas tem que ser para ganho de qualidade pedagógica. E aí, se for assim, talvez a gente não precarize, mas não é garantia nenhuma. Porque você não vai estar com esse professor na sala de aula, vai estar com ele fazendo um trabalho *online* maneiro, fazendo uma viagem, fazendo um Pantanal para os alunos. De novo, se o EaD entrar nas escolas para diminuir custo, vai ser um caminho muito ruim e vai precarizar muito o trabalho do professor. Mas o EaD entrar para um ganho de

qualidade pode ser que não precarize, mas que eu abra uma infinidade de possibilidade para esse professor se reinventar, se ressignificar, fazer uma formação continuada, mudar sua dinâmica de aula, mudar a forma de ensinar e o aluno. Então, a gente tem múltiplos caminhos, mas essas duas vertentes, para mim, são muito óbvias. Acho muito perigoso isso. E a tendência do mercado a gente sabe qual é. É diminuir custos e aumentar lucros. E, nessa dinâmica, tenho medo, sim, do que possa acontecer no futuro. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Sobre o futuro das escolas e do ensino presencial, os professores apresentam opiniões distintas. Embora acreditem que os cursos preparatórios presenciais vão deixar de existir. Renato aposta no crescimento das atividades remotas, seguindo o exemplo do Descomplica:

Eu acho que ainda tem muito para crescer. A verdade é essa. O *online* ainda tem muito a crescer, se a gente for fazer algumas pesquisas, tem uma parcela pequena da população que tem acesso. Já é muito maior do que a gente imagina, mas ainda tem muita coisa. Imagina o mercado de 200 milhões de pessoas, quantos aí... Só pensar em ENEM... Se o Descomplica tem assinantes entre 250 e 300 mil e, todo ano, fazem o ENEM 5 milhões de pessoas, só por aí, você já tira que é um mercado que ainda tem muita coisa para crescer. Uma coisa não impede a outra. O cara pode fazer o Pré-Vestibular presencial e fazer o Descomplica. Pode fazer o colégio e fazer o Descomplica. Esse tipo de *online*, pode substituir, mas não necessariamente substitui. Mas, vamos lá, porque colégio é uma coisa e cursinho é outra. Eu acho que colégio vai caminhar para o modelo híbrido. As escolas como um todo terão o seu *online*, todas elas no futuro. De novo, acho que todas elas que têm mais grana já têm. E as escolas com menos grana ou terão que fazer parceira, como já foi feito com o Descomplica, ou vão desenvolver seus próprios projetos e vamos ver como isso vai ser. Mas eu não vejo escola sem *online*. Não existe mais. Escola que, hoje, não vê *online* é uma escola ultrapassada de mentalidade. Pode ter limitações financeiras *etc.*, mas, se eu achar que escola não tem que ter *online* e tem que ser 100% presencial, eu acho que essa mentalidade está atrasada. É só olhar ao seu redor, olhar que você liga sua máquina de lavar roupa, pelo celular, na rua. Você liga o ar condicionado quando chega em casa, você ligar o carro à distância. Então, não dá para não pensar o *online* na educação. Por isso acredito no modelo híbrido, porque também não acredito em acabar com a escola. O espaço da escola é muito maior que conteúdo. A gente usa isso como ferramenta para a construção de uma educação mais completa, da formação dessas crianças. E é uma troca também. Então, vejo, sim, que a gente deve ressignificar esse espaço da escola. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Para Renato, a escola, enquanto instituição, não vai deixar de existir, mas vai se adaptar aos novos tempos, segundo suas palavras, passar por um processo de ressignificação e partir para um modelo híbrido.

Agora, curso preparatório, a tendência é acabar, porque não faz sentido. A partir do momento em que você aumenta a interação *online* – daqui a pouco a gente está sentindo cheiro online, já tem essa tecnologia –, com o passar dos anos, não tem sentido. O que sustenta o Pré-Vestibular é a falta de disciplina dos alunos, que realmente não é fácil de fazer uma preparação 100% *online*. Porque você parar, sentar e estudar é muito difícil. Eu não tenho, sou de outra geração. Com mil reais por mês, você paga quantos anos de Descomplica? Você paga Descomplica para 2 filhos, 3 filhos. Com uma mensalidade, você paga para 3 filhos, o ano inteiro. É muito discrepante, muito. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Para João Daniel, o impacto do ensino remoto vai ser maior, alterando as estruturas educacionais no Ensino Superior – processo já em curso – e no Ensino Básico.

A aula presencial vai se tornar uma aula de direcionamento, monitoria, para crianças muito pequenas até uma determinada idade. Eu vejo isso em um futuro de 20, 25 anos, mais ou menos. Acho que, obviamente, a epidemia do coronavírus pode acelerar dramaticamente isso e dá para fazer isso todo mundo *online* sem ser presencial. (...) Então, no ensino universitário, com certeza, a norma vai ser *online* em médio prazo. É óbvio que vão sobrar alguns professores e os professores fracos, os professores médios ou professores até bons não vão conseguir competir com professor absolutamente excelentes que vão dar aula *online* para milhões, milhares de pessoas. Porque têm mais experiência, têm mais conteúdo, mais acesso, mais contato ou têm mais networking. Então, eu acho que, para o ensino adulto, a partir de 15, 16 anos de idade, vai ser tudo *online*. O presencial vai ser só para laboratório, para aulas práticas, para aulas abertas. A norma vai ser o ensino *online*, o ensino tele presencial, infelizmente, a meu ver. Vai sobrar muito pouco, 5%, 10% do total, ou então pra criança pequena ou pra laboratório. É isso que eu enxergo para o futuro infelizmente. Como eu já via isso há 7, 8 anos atrás, eu fui fazendo uma transição da minha carreira, por mais que isso me desse insatisfação e tristeza, mas para direcionar minha carreira pro *online* de propósito porque, como eu amo ser professor, ainda que eu tenha uma perda, que não é pequena em termos de alegria, de reconhecimento, de felicidade profissional, é melhor ser professor do que não ser. Então, eu quis redirecionar minha carreira pro *online*, porque eu acho que isso vai acontecer no mercado no médio prazo. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

5.2

O ensino remoto de História

As diferenças e semelhanças entre as aulas de História presenciais e as aulas remotas de História formam uma reflexão essencial para o presente trabalho. A partir da análise apresentada nos capítulos anteriores, é possível perceber as possibilidades e, sobretudo, as limitações do ensino remoto. Ao ser implementado sem maiores reflexões pedagógicas ou de maneira apressada, tal modalidade tende a ser um arremedo do ensino presencial, basicamente a mesma aula transplantada para um estúdio e transmitida pela internet para os alunos. A seguir, a opinião do professor João Daniel sobre as relações entre o ensino presencial e as aulas remotas de História:

Eu vejo que, na maior parte dos casos, é redundante por uma questão de tradição. A maior parte dos professores do tele presencial são professores do presencial que simplesmente reproduzem, como eu faço, o que já faziam no presencial. Exceto em caso em que é inevitável, não tem o que fazer. Aí, tem coisa que não dá para fazer, não tem quadro. Aí eu tenho que me virar com outra coisa, um Power Point. Agora, há coisas em que eu ganho: o mapa que eu desenho no meu quadro é pior que o mapa que eu peguei na internet e eu mostro para eles no slide. Falar quem foi Afrânio de Melo Franco é diferente de mostrar a cara de Afrânio de Melo Franco, caricatura de Afrânio de Melo Franco, a estátua do Afrânio de Melo Franco, na rua Afrânio de Melo Franco do lado do Shopping Leblon. Em termos mnemônicos, o camarada descobre quem foi Afrânio de Melo Franco e por que ele está lá e lembra que passou no shopping Leblon. E vê a estátua do Afrânio de Melo Franco. Então, é óbvio que, nesse sentido, há um ganho em uma aula tele presencial e em uma aula presencial seria diferente. Não é que seja impossível fazer isso numa aula presencial; eu posso levar o power point e fazer a mesma coisa. Mas a verdade é que, na aula tele presencial, eu sou forçado a fazer isso. É minha única alternativa. Então, a qualidade da aula acho que, em geral, é melhor. O aluno tem acesso à internet imediatamente, ele está no computador, ele pode pesquisar uma música, ele pode entrar no youtube. Não é que, no presencial, isso não possa ser feito. Mas a verdade é que no tele presencial online não tem (outra) alternativa. Ele está lá; então, há ganho de qualidade, mas há perda de interação, de espontaneidade, de dinâmica e, sobretudo, de troca que eu acho muito rica. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

O possível ganho de qualidade apontado pelo professor, por conta da utilização de outros elementos tecnológicos como forma de complementar as aulas, esbarra na dificuldade de acesso que os alunos podem ter. O acesso universal à rede

de computadores está longe de ser uma realidade dos alunos brasileiros. Dessa forma, caso as aulas presenciais de História fossem substituídas pelas aulas online, essa substituição seria marcada pela lógica da exclusão.

Em termos didáticos e no planejamento das aulas de História, o fato da inexistência de interação física com os alunos faz com que as aulas tenham determinadas peculiaridades para o professor. A aula tem que ser planejada, como também deve ser no ensino presencial, mas segundo João Daniel, não há espaços para imprevistos ou improvisos.

Eu te repito que o fato de, como não tem interação, eu preciso planejar melhor o tempo. Essa é a única grande diferença. E eu não posso depender dos alunos. Eu sei que, se eu estiver dando uma aula presencial, eu posso deixar 15, 20 minutos de debate, aula aberta... Em uma aula tele presencial, isso é impossível. O máximo que eu posso fazer, se meu tempo estiver acabando, eu posso perguntar para o monitor se tem dúvida. E ele sempre pode me responder: “não, não tem dúvida”. E, aí, eu tenho que me virar. Isso aconteceu já. Meu repertório acabou. Eu fui dar uma aula de Renascimento. Não estou acostumado a dar uma aula de renascimento, porque aula de Renascimento eu só dou no Ensino Médio. Não cai no concurso do Itamaraty. Então, meu repertório de Renascimento e Humanismo é o repertório que eu tinha quando estava no PH e no AZ. A aula que eu dei no presencial há 9,10 anos (atrás). O tema acaba e eu ainda tenho 20 minutos de tempo, meia hora de tempo. E, aí, o que você faz? Então, eu sinto que eu sinto que sobra tempo em aulas nas quais meu repertório é menor, porque eu não tenho essa interação com o aluno, mas essa é a única diferença. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

A carga horária semanal não é pequena e os professores acumulam também a carga de aulas presenciais na sua rotina de trabalho. Logo, se torna facilmente perceptível a influência das aulas e da experiência presenciais na construção das aulas de História do Descomplica.

De acordo com o professor Renato, assim funciona o estudo de História online:

Então, eles fazem, no planejamento deles, eles mantêm uma aula, por exemplo, de Expansão Marítima, o aluno que está lá, entra para ver o planejamento semanal. Exemplo: essa semana 3 é Expansão Marítima. Então, eles colocam de opção, para o aluno, uma aula gravada desse tema. Então, se o aluno quiser assistir uma aula sobre o tema, antes da aula ao vivo, ele pode. Muitas vezes, é uma aula minha antiga dessas que botam lá. Mas, às vezes, a gente dá praticamente a mesma aula. Claro que todo ano a gente tenta fazer alguma coisa diferente, ler alguma coisa nova. Já que a História é também uma ciência, a gente tenta buscar uma

coisa nova que tenham produzido. Às vezes, a gente busca a própria internet, os meios que a gente já conhece e que a gente já confia. Ou ver a aula de um outro professor, um amigo seu. Eu gosto muito dessa troca, acho muito enriquecedora. Eu gosto sempre de trazer uma coisa nova, uma conexão, uma relação que não fiz no outro ano. Eu fico pensando nisso, porque, se o aluno já tem a minha outra aula gravada, assiste antes e assiste à mesma aula ao vivo, chega uma hora em que ele perde o interesse. A grande verdade é que a imensa maioria dos alunos não tem essa disciplina de ver a aula antes do ao vivo. Ele assiste à aula ao vivo e depois ele vai assistir à sua aula atual. E, depois que passa o ao vivo, eles retiram essa aula sugerida e deixam somente sua aula gravada. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Outra questão necessária a ser discutida se relaciona ao discurso do professor e sua liberdade em sala de aula? Como funcionam as questões mais sensíveis do ensino da História quando trabalhadas de maneira não presencial? Como funcionam a memória, os silenciamentos, etc? O professor Pellizari discorre sobre os cuidados pessoais, no discurso, que existem nas aulas presenciais de História, mas nas aulas remotas acabam sendo maiores.

Quando eu disse que o estudo é um ambiente mais controlado, eu digo de dinâmica de corpo, você só tem que olhar para um aluno que é a câmera. Não tem que olhar para o rosto de 70, 80 alunos. Mas, na verdade, quando a gente vai tocar nesse assunto, é o inverso. É um ambiente nada controlado o da aula *online*, e, aí, nesse caso, é o contrário, uma sala de aula com 30, 40 alunos é um espaço muito mais controlado por nós. Você pode dar um deslize, falar uma besteira que você volta atrás. No *online*, você está muito exposto. Vou dar um exemplo: uma vez falando, criticando, uma ditadura qualquer, na América Latina, de direita e eu não tive o cuidado de citar que ditaduras, em geral, são problemáticas. Nós tivemos ditaduras de esquerda, que também têm históricos de perseguições. (...) Sem muita gíria, tentar se comunicar bem. O segundo é evitar palavrões, eu, particularmente, se soltei foi 1 por ano... um “pô”, mas falar palavrão, eu, particularmente, não falo. Eu acho ruim, você não sabe com quem está falando. Tem gente que se sente ainda muito incomodado, e estamos falando de muitas pessoas do interior, pessoas com outro tipo de educação, pessoas muito religiosas, por exemplo. Então, tem que tomar muito cuidado. Eu não falo palavrão. Isso entra também na norma culta, não usar palavrões, não usar muitas gírias *etc*. Uma outra etapa é a questão política, muito complicada. Por mais que a gente saiba que o discurso não é parcial por definição, a gente tem que deixar muito claro o respeito às diversidades e que você não vai levantar nenhuma bandeira ali. Então, tomar muito cuidado. Claro, o que é inegociável, é inegociável. Tortura é inegociável. Eu tenho para mim os meus pontos inegociáveis. Esses eu deixo muito claro, independente se vai incomodar alguém ou não. Racismo, por exemplo, é inegociável, até porque é crime. Machismo é

inegociável, eu não vou deixar no *chat* um aluno com postura machista, eu vou parar minha aula e sinalizar. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

O professor das aulas remotas de História fica sempre numa situação delicada, pois em tempos onde muitos acham que suas opiniões são mais importantes do que as próprias certezas científicas, o professor de História está sendo visto e julgado o tempo inteiro pelos alunos ou familiares que acham que seus valores ou opiniões não podem ser afrontados pelos fatos e narrativas historiográficas. Os revisionismos ganharam espaço na internet nos últimos anos, impulsionados pelo avanço de opções políticas conservadoras que acham que tem o direito de afrontar os professores de História.

Por exemplo, esses revisionismos de que você falou. Você os encontra até com uma boa qualidade de produção, um aluno me mandou outro dia, falando justamente disso. Ele viu um historiador claramente defendendo a partir de documentos que comprovam a relação do Rei de Portugal com o Rei do Congo. Ele sugere que, como os africanos participavam ativamente do mercado de escravos, minimizava a participação do europeu. Ele não falava, não verbalizava, mas claramente defendia. Isso é perigoso. É importante você estar ali para sinalizar: “olha, gente, tem um tal de *Impérios AD*, toma cuidado, esse vídeo está muito visualizado, não sei quantas mil visualizações. Tem os bonequinhos, é bonitinho e bem atrativo, inclusive, para crianças, o que é um perigo. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Dessa maneira, o docente sofre pressões de muitas maneiras, inclusive no ensino presencial. Sobre ter sofrido algum tipo de interferência da direção do Descomplica, Pellizari afirma:

Nunca, até hoje. Nunca recebi nenhum tipo de conversa, ninguém nunca me chamou para conversar para falar nada sobre isso. Inclusive, usando o meu Instagram, eu fiz campanha política, na época das eleições presidenciais e, mesmo o Descomplica sabendo que 90% do meu Instagram ou mais são alunos ou ex-alunos, eles entendem que aquilo é um espaço meu, privado. O aluno segue porque ele quer e que aquilo é uma opinião pessoal minha, uma rede social minha. Não é “renatopellizari@descomplica”. É Renato Pellizari. Eu nem boto, na descrição, “professor do Descomplica”, eu boto “professor de História”. Então, não tem nenhuma alusão ao Descomplica, por isso mesmo. Ali é meu pessoal e, se alguém reclamar, é só deixar de seguir, mas, no Descomplica, você nunca vai ouvir falar nada sobre isso. E tem a questão religiosa também. São questões que tem que tomar muito cuidado também. Por exemplo, quando fui dar aula de reforma protestante, eu explico que aquilo não é uma aula contra a Igreja Católica, aquilo é uma aula que vem estudar questões que fazem parte da história da

Igreja. É uma Igreja que tem milhares de anos e que ela está buscando se remendar. Você tem que ter esse cuidado, esse zelo. E, às vezes, eu sou hipócrita na minha fala. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

O professor João Daniel também discorre sobre as questões sensíveis e tensões para os professores de História. Dos cuidados necessários ao professor para se preservar e evitar problemas nas aulas. O docente, a princípio, afirma não tomar cuidados específicos para as aulas no ensino remoto. Embora o próprio afirme, em seguida, que fica mais receoso nas aulas online.

Olha, quase nenhum, quase nenhum. Eu fui me educando para ser tão cuidadoso quanto eu sou em uma aula presencial. É óbvio que, na aula presencial, eu fico um pouco mais à vontade, porque eu já conheço os alunos e, nos cursos online, volta e meia, eu tenho reclamação, de críticas a situações políticas, ou posições políticas. Tanto de grupo mais progressistas da esquerda, quanto de grupos mais radicais de direita. Isso acontece com frequência, gente me procura no Instagram e no Facebook para me xingar, para reclamar ou para dizer que eu estou enviesado. Então, eu acho que eu fico um pouco menos à vontade. Não é uma coisa deliberadamente proposital. No início, logo depois das eleições de 2018 e no início de 2019, eu fiquei cuidadoso um pouco e logo depois voltei ao normal. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

Sobre a interferência da direção do curso Descomplica, percebe-se que existe algum tipo de orientação para que o professor não se posicione de maneira mais incisiva. Cabe destacar que caso o professor seja acusado de alguma infração penal – algo muito difícil de acontecer por conta do direito de liberdade de expressão –, o Marco Regulatório da Internet no Brasil prevê que a responsabilidade é do professor, ou seja, do indivíduo autor da ação na internet. Assim, a empresa não é responsabilizada. Lembremos que a autoria e o controle do professor sobre as suas aulas diminuem consideravelmente no ensino remoto. O professor não é beneficiado no momento da veiculação e venda em larga escala, como abordado do capítulo 2, mas pode ser processado e ter prejuízos financeiros caso ocorra algum problema pontual em alguma de suas aulas.

É uma coisa muito velada. Logo depois das eleições do Bolsonaro, eu recebi sugestões por parte da coordenação do Descomplica para que eu evitasse determinados temas ou que tentasse tomar cuidado, porque tinha havido algumas reclamações de alunos. Mas não “era faça isso ou deixe de fazer aquilo”. Era mais no sentido de que, mesmo que tivesse reclamação, ele mostrava a reclamação do aluno. Às vezes, era

uma reclamação improcedente, não ia mudar nada por causa daquela reclamação. Não havia uma filtragem por parte da coordenação, era meio assim: “essas são as reclamações, vê aí e faz o que você achar que deve”. Não no sentido de uma imposição. Em um primeiro momento, eu li que aquilo era um recado. Mas eu não passei recibo. Eu continuei fazendo exatamente a mesma coisa que eu fazia. E aí pararam, os recados pararam. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

Os professores relatam que as interferências não são comuns nas aulas online, embora ocorram tensões políticas nas aulas e nas interações nas redes sociais com os alunos. A principal diferença é o nível de exposição dos professores em eventos que são transmitidos para milhares de pessoas em todos os estados brasileiros. Em tempos de tensões políticas, os professores ficam vulneráveis nas aulas e nas redes.

A realização profissional, que é um elemento essencial para qualquer professor não deve ser deixada de lado. Apesar da possibilidade de interação com os alunos no ensino remoto, essa relação é mais frágil quando comparada ao que ocorre nas aulas presenciais. Pode-se perceber um esvaziamento no sentido da profissão para o professor de História, de acordo com o professor João Daniel.

Cara, meu prazer em dar aula presencial é alguma coisa entre 40 e 50 vezes maior do que dar uma aula *online*. Óbvio que esse prazer é mitigado em longo prazo na medida em que alunos *online* me dão *feedback online* que são posteriores: “olha, sua aula foi incrível, foi excelente”. E, aí, tem um ganho emocional, afetivo muito grande. Principalmente nessas aulas em que eu tenho 1.000, 2.000 alunos e eu recebo o *feedback* de pessoas as mais carentes, dos mais distantes rincões do Brasil, inclusive que não teriam acesso a isso de outro jeito. Mas, enquanto professor, eu me sinto mais realizado profissionalmente dando aula presencial, razão pela qual eu ainda topo dar aula presencial ainda que a remuneração seja menor. Pela razão que eu quero dar aula presencial e não quero perder o contato com a aula presencial, porque já há uma pressão, uma demanda, uma situação na qual eu só desse aulas *online*. De um modo geral, minha remuneração média nas aulas *online* é superior à das aulas presencial. Então, não é por uma questão financeira. É só uma questão de realização mesmo. Eu consigo equilibrar, então, eu sou razoavelmente satisfeito, mais ou menos metade e metade. Mas isso foi planejado ao longo do tempo porque, se não fosse planejado, eu estaria só dando aulas *online* hoje. Eu quero, ainda, eu tenho vontade de dar aula presencial para não perder esse contato. E, para mim, faz muita diferença. (ALMEIDA, João Daniel. 17 mar. 2020)

Para Renato Pellizari, existe muita satisfação em lecionar no ensino remoto:

E, quando a gente é educador – e eu me vejo mais como educador do que como professor –, às vezes, fica muito triste, porque estava enterrado em um mercado de classe média alta, do Rio de Janeiro. E você pensa “qual o meu papel aqui dentro? Quem eu estou transformando?”. Em um espaço onde a gente é visto cada vez menos como alguém importante. O médico ok, mas o professor é aquele que, cada vez mais, o aluno desrespeita, mexe no celular durante a aula *etc.* Não respeita mais o professor como era respeitado no passado. No geral, a gente vê muito isso: o enfraquecimento do professor frente à sociedade, principalmente frente a essa classe média, classe média alta, do Rio de Janeiro. (...) Se você pega uma situação diferente, em que o professor ainda é o cara que está te ajudando a realizar seu sonho, isso muda completamente. Então, você tem, no Descomplica, milhares de pessoas que, de fato, nos vêm assim: “muito obrigada, vocês estão nos ajudando a mudar de vida. Se não fosse o Descomplica, se não fosse vocês eu não chegaria lá. Teria só o Ensino Médio. Estaria trabalhando na lavoura com os meus pais ou estaria em um emprego, na minha cidade, nível médio *etc.*”. Então, de fato, vemos que, na *internet* a gente consegue impactar e transformar a vida de verdade. Acho que é o sonho de todo o professor. (...) Não é só pela História. Escuto muito que é pela energia que eu coloco ali, que é a minha felicidade e a forma de tratar os alunos que dá ânimo. Uma vez, recebi uma mensagem linda de um cara que passou para várias faculdades de Medicina, tinha uma filha de 16 anos, casado e que perdeu tudo por causa do alcoolismo. Tinha uma história de vida bem interessante e falou que se resignificou e acabou no Descomplica. E ele falou: “muitas vezes, eu não aguentava mais estudar, chorava de cansaço e, muitas vezes, colocava uma aula sua, Pellizari. Não era porque eu queria estudar História, era porque eu precisava um pouco da sua energia”. Cara, ler uma parada dessas, não tem outro lugar no magistério que me dê essa satisfação. A não ser que eu viaje, vá trabalhar em projeto social, no interior. Mas é muito difícil no meio do que a gente já faz para ganhar nossa vida, porque a gente continua precisando do nosso salário. E eu consigo ali, naquelas 5 horas, naquelas 2 aulas de 45 minutos, que eu estou naquele estúdio, eu consigo viver esse tipo de coisa. (PELLIZARI, Renato. 16 mar. 2020)

Os professores entrevistados, apesar de discordarem no que diz respeito a realização profissional em lecionar no ensino remoto de História, convergem na direção de que é essencial para o professor de História sentir a importância do seu trabalho na vida de seus alunos. Afinal para o professor, nas aulas remotas ou nas aulas presenciais, é prioritária a prática cotidiana do ensino-aprendizagem com seus alunos. E nesse caso, nada substitui o encontro presencial, o renovar cotidiano das experiências vividas, a sala de aula.

6

Conclusão

O presente trabalho buscou trazer uma reflexão sobre o ensino de História nos meios digitais para o último ano do Ensino Médio. A partir do curso Descomplica e das entrevistas com os professores, procurei investigar práticas pedagógicas voltadas para a construção do conhecimento histórico e desenvolvidas em meios digitais e nas aulas online. Com as entrevistas, busquei identificar as inovações, permanências e as apropriações que caracterizam o ensino de História, especificamente na preparação voltada para o ENEM em meios digitais.

As aulas online ganham cada vez mais espaço, sendo apresentadas por governos e instituições como solução para vários problemas, desde a falta de professores em algumas escolas até solução para os custos elevados dos gastos em educação pública. Contudo, como as aulas não presenciais de História podem solucionar problemas essenciais que não foram resolvidos pela universalização escolarização da população brasileira nas últimas décadas?

Como afirmar que as aulas presenciais podem ser substituídas pelas aulas online em um país em que a maioria da população não tem acesso constante à internet de qualidade em com transmissão de dados? Como discutir e aplicar aulas à distância em um país onde não existe segurança alimentar para as crianças e adolescentes? Como qualificar os professores para atuar em plataformas digitais?

Essas questões, embora sejam essenciais, se tornaram mais evidentes nos últimos meses com a epidemia de Covid-19. De repente, as escolas precisaram se adaptar às novas circunstâncias que foram impostas pelo vírus. Soluções apareceram rapidamente para facilitar ainda mais a mercantilização da educação. Se no caso do Descomplica foi difícil, nos primeiros anos, conseguir plataforma para as aulas online, em 2020, as escolas conseguiram acesso ao Microsoft Teams, Google Classroom, Zoom, Loom, em questão de dias.

As escolas privadas conseguem desenvolver algumas atividades para a maioria dos alunos, mas as públicas não. A iniciativa dos governos estaduais não atende os alunos, que não tem acesso à rede, não tem computadores ou celulares,

não tem espaço e silêncio para estudar longe da escola. E a situação da educação pública se agrava, na medida em que algumas instâncias governamentais não oferecem soluções práticas para problemas de sua responsabilidade e algumas vezes oferecem aulas no ensino remoto, apresentado-as como solução de Ensino à Distância em meio à crise.

A pandemia nos tem mostrado, por um lado, que o desenvolvimento das TICs, necessário para a transmissão com eficácia de aulas online já foi atingido. Por outro, deixou muito claro que a escola não vai ser facilmente substituída por um computador, uma câmera e um chateiro. Pelo menos, não enquanto as estruturas socioeconômicas forem tão desiguais.

O ensino de História se relaciona com as transformações em curso na sociedade contemporânea. Negar ou tentar impedir a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação nas aulas seria um esforço ingênuo para impedir um processo inevitável. Contudo, é preciso refletir sobre essa inserção para que o ensino remoto não seja um simples arremedo do que seria uma aula presencial, para que o professor tenha seu papel preservado e para que o ensino de História seja efetivo e desperte questões inerentes ao conhecimento de História e à vivência dos alunos.

No primeiro capítulo, foi demonstrada a relação entre o desenvolvimento das TICs e o avanço das aulas em meios digitais nos últimos dez anos. As Tecnologias de Informação e Comunicação possibilitaram o desenvolvimento de novas maneiras de transmissão de dados e, conseqüentemente, conhecimento. As aulas online surgiram após essa revolução tecnológica e o curso Descomplica é um caso exemplar de transmissão de aulas pela internet e se faz necessário lembrar que se enquadra na categoria de ensino remoto, e não no ensino à distância.

O segundo Capítulo, essencial para os objetivos do trabalho, abordou a relação entre as aulas transmitidas e o papel dos professores nessa nova realidade. No Brasil, enquanto o acesso à internet – condição necessária para que as aulas transmitidas sejam assistidas – aumenta progressivamente e o Marco Civil da Internet estabelece as regras no mundo virtual, os professores não têm garantias sobre a propriedade intelectual sobre as próprias aulas. Além disso, é perceptível a perda do controle dos docentes sobre suas próprias aulas e imagem.

A questão dos docentes nas aulas online, tratada no capítulo 3, deixou evidente a relação entre as aulas transmitidas por cursos como o Descomplica e as aulas presenciais. As entrevistas demonstraram a relação entre as estratégias

pedagógicas das aulas dos cursos presenciais com as aulas de História no ensino remoto. A proximidade pedagógica entre as aulas presenciais e online ocasionou o que chamei de *prática didática refletida*, o que não é prática didática reflexiva ou reelaborada para as aulas online, mas sim o reflexo de um espelho. Como já foi dito antes, aulas online parecem ser inovadoras, mas em termos didáticos, trazem diferenças sutis, ou pouco significativas, em relação às aulas presenciais tradicionais. Cabe ressaltar também a confirmação da desprofissionalização docente com a proliferação das aulas online, processo esse confirmado pelos entrevistados.

No último capítulo, ao explorar de maneira intensa as entrevistas com os professores de História do curso Descomplica, foram retomadas questões centrais do trabalho, como a estrutura pedagógica das aulas online, a diferenciação entre EaD e ensino remoto, a precarização da atividade docente, as diferenças e similaridades entre as aulas presenciais e as aulas online e as perspectivas futuras para os professores. Além disso, também foi abordado o ensino remoto de História, com suas possibilidades e limitações. Questões específicas da disciplina, pressões políticas e a própria realização profissional enquanto professores de História foram evidenciadas por meio da metodologia da História Oral.

Dessa maneira, foi possível abordar as questões propostas no início do trabalho com resultado satisfatório no campo do ensino de História nos meios digitais, deixando claro que o tema não está completamente esgotado, na medida em que muitas dessas transformações ainda estão em curso.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ALBERTI, Verena. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

ALMEIDA, João Daniel. Entrevista concedida a Luiz Augusto Cavalcante Teixeira. Rio de Janeiro, 17 de março de 2020. (Entrevista transcrita no Apêndice A dessa dissertação)

BARRETO, Raquel Goulart; GUIMARAES, Glaucia; MAGALHAES, Ligia; LEHER, Elizabeth. **A tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores**. Revista Brasileira de educação, v.11, n.31. jan/abr. 2006

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3a. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CARNEIRO, Raquel. **Informática na Educação: representações sociais do cotidiano**. Vol .96 Col. Questões da Nossa Época. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CECILIO, Salua (orgs.). **Formação e profissão docente: em tempos digitais**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2009.

CERRI, Luís Fernando. **Uma proposta de mapa do tempo para artesãos do mapa do tempo: História do ensino de História e didática da História**. Rio de Janeiro, FAPERJ, 2007.

GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo Souza (org). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2007.

_____. **Um lugar na história para a didática da História.** *História & Ensino*, Londrina, V.23, n.1, p. 11-30, jan/jun. 2017.

CITRON, Suzanne. **Ensinar História hoje: a memória perdida reencontrada.** Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

GUIMARÃES, Selva. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas.** *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, no 60, 2010.

LINS, Carla Patrícia Acioli;
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235531>.

MAGALHÃES, Marcelo. **Apontamentos para pensar o ensino de História hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e formação do professor.** *Tempo*, v.11, n.5, jun.2007.

MAKANATA, Kazumi. **História que os livros Didáticos contam depois que a ditadura acabou no Brasil.** In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **"Mas não somente assim!" Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História.** *Tempo* [online]. 2006, vol.11, n.21, pp.5-16. ISSN 1980 542X. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042006000200002>.

PELLIZARI, Renato. Entrevista concedida a Luiz Augusto Cavalcante Teixeira. Rio de Janeiro, 17 de março de 2020. (Entrevista transcrita no Apêndice A dessa dissertação)

PROST, Antoine. **Doze Lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. **Aula de história: evento idéia e escrita**. História & Ensino, Londrina, V.21, n.2, p. 83-103, jul/dez. 2015.

ROCHA, Helenice; CAIMI, Flávia Eloísa. **A (s) história (s) contada (s) no livro didático hoje: entre o nacional e o mundial**. *Revista Brasileira de História*, vol 34, n.68, 2014.

SARTI, Flavia Medeiros. **O curso de pedagogia e a universitarização do magistério no Brasil: das disputas pela formação docente à sua desprofissionalização**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2019, vol.45, e190003. Epub May 09, 2019.

SEGURADO, Rosemary; LIMA, Carolina da Silva Mandú de; AMENI, Cauê S. **Regulamentação da internet: perspectiva comparada entre Brasil, Chile, Espanha, EUA e França**. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2015, vol.22, suppl., pp.1551-1571. Epub Aug 13, 2014.

ANEXO

ENTREVISTAS

Entrevista João Daniel Almeida – realizada em 17/03/2020.

PERGUNTA (LUIZ): João, primeira pergunta é muito simples: dados pessoais, nome, idade, formação, carreira e em quanto tempo você atua em aulas do meio digital. Não necessariamente do Descomplica. Pode fazer um resumo de você, do profissional João Daniel.

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Meu nome é João Daniel Lima de Almeida, tenho 42 anos, sou formado em História, pela Universidade Federal Fluminense, na turma que ingressou em 1994 e concluiu em 1999. Turma Ilmar Rohloff Matos, depois fiz mestrado em Relações Internacionais na PUC-Rio. Comecei a lecionar presencialmente em vários colégios e, depois, em universidades no Brasil. No Rio de Janeiro, lecionei no Colégio Nícia Macieira, no Colégio Pedro II, no Colégio PH. E em faculdades comecei no Centro Universitário Vila Velha, depois, no Rio de Janeiro, na Cândido Mendes, na PUC-Rio e na FGV. Minha primeira experiência com aulas digitais aconteceu no curso Clio, curso de preparação para a carreira diplomática, em que nós começamos a fazer isso no ano de 2013 e, no ano de 2014, já existiam aulas gravadas e, a partir de 2015, de maneira generalizada, muitas aulas gravadas, com frequência e quase todo dia. Mais recentemente, eu venho atuando em plataformas online e dando aulas particulares na minha casa. E na plataforma do Descomplica nos últimos 3 anos.

PERGUNTA (LUIZ): Ok. Como você ingressou no Descomplica?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Eu ingressei no Descomplica fazendo consultoria e por um negócio chamado Player, que era para marketing e para a divulgação de conteúdo de atualidades em 1 minuto. Eu fazia a revisão desse conteúdo, porque fui convidado tanto pelo Marco, que é o fundador, quanto pelo dono da Dafina, que era a agência que fazia esse trabalho. E a gente fazia o planejamento das matérias e

fazia o projeto. Depois de algum tempo, o projeto era um sucesso, era muito bom. E, aí, perguntaram se eu estava satisfeito com aquilo e eu dizia que não, que eu queria dar aula. Aí, me colocaram para dar aula em História. Inicialmente, eu comecei o projeto em maio de 2017, chamado Bicho São Paulo, que era só para os vestibulares de São Paulo e de outros Estados. E que cobrava a matéria referente à História Antiga. Depois, me tornei professor do Ensino Médio, do ENEM. E, atualmente, dou aula de atualidades e aprofundamento.

PERGUNTA (LUIZ): Você dá Atualidades e Aprofundamento em História?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Isso.

PERGUNTA (LUIZ): Quantas aulas por semana você dá nos meios digitais e quantos alunos você tem nessas aulas online?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Bom, é... Eu dou aula online, nos meios digitais no Clipping CACD, em que eu tenho entre 100 e 200 alunos que vão se preparar para o Itamaraty, uma vez por semana e essas aulas duram, mais ou menos, 2 horas. No curso de aprofundamento de exercícios, mas eu tenho aulas gravadas, que foram gravadas ao longo de 2019. E que devem ter também 200, 250 alunos assistindo e são aulas regulares. Foram gravadas no ano passado.

PERGUNTA (LUIZ): E no Descomplica?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): No Descomplica, eu tenho aulas de aprofundamento que devem ter entre 1.000 e 1.500 alunos assistindo, ao vivo. E uma estimativa entre 5 e 10 mil alunos assistindo ao longo da semana. E, na aula de Atualidade, fica o dobro disso, entre 3 e 4 mil assistindo ao vivo e não sei quantos assistindo ao longo da semana. Hoje, com a epidemia do coronavírus, eu comecei a dar aula online na PUC, porque minhas turmas presenciais não podem mais se encontrar e eu marquei aulas online. Por isso que, inclusive, passei a manhã inteira dando aulas online para os alunos da PUC. Basicamente hoje, toda a minha atividade profissional pedagógica, em época de coronavírus, é online.

PERGUNTA (LUIZ): É, com o coronavírus, tudo é online. E sem coronavírus, você tem o que, 80% online e 20% presencial? Como é essa proporção?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Agora, está tipo 60% e 40%. Eu tenho uma turma presencial no Clio de São Paulo, sexta feira, de 15 em 15 dias. E, na PUC, são 2 turmas por semana, de 9 hrs. às 11 hrs., toda terça e quinta. É meio a meio, eu diria.

PERGUNTA (LUIZ): E na PUC? Você dá aula no curso de Relações Internacionais?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Isso.

PERGUNTA (LUIZ): E qual disciplina?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Política Externa Brasileira I e II. Praticamente, todas as disciplinas de Política Externa, na PUC RIO, sou eu quem leciono.

PERGUNTA (LUIZ): É, História da Política Externa Brasileira, né?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Exato.

PERGUNTA (LUIZ): Quarta pergunta: nas suas aulas presenciais de História, pode ser nas suas aulas de História da Diplomacia ou quando você ainda lecionava em cursos preparatórios de vestibular, a didática que você usa é a mesma nas aulas online? Se não for, o que diferencia?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): É quase sempre a mesma coisa. Diferencia em partes, porque eu não tenho um quadro negro, eu quase nunca tenho um quadro negro. Então, eu não posso desenhar coisas, escrever coisas ou improvisar. Essa aula é preparada com antecedência e eu preciso me esforçar para escolher imagens ou mapas previamente, porque isso não dá para ser feito durante a aula. Isso que modifica. É muito difícil, em aulas quando tem um grande número de alunos – quase todas que eu leciono hoje, tanto no Descomplica, quanto no Clipping CACD – saber se alguma coisa que eu falei, engraçada, divertida ou triste ou surpreendente, tem um impacto imediato nos alunos. Na presencial, eu sei porque as expressões

faciais nos mostram isso. Mas, com o número de alunos online muito maior do que 50, não é possível ter câmera aberta. Então, tanto no Descomplica quanto no Clipping CACD, isso não acontece. Eu tentei fazer com que alguns alunos ficassem com a câmera aberta, mas isso acabou sendo pior, porque eles podiam falar e isso acabava atrapalhando um pouco a aula. Então, eu não tenho feedback. Eu fico no escuro ao longo da aula. Eu só vou saber quais foram os bons ou melhores momentos antes e depois da aula, se eu for me dar o trabalho de ver o chat depois que a aula acaba. Isso me torna mais cuidadoso. Além disso, os alunos têm muito menos interesse em participar. Na presencial, os alunos participam, perguntam e, aí, a aula evolui com interações com os alunos e questionamentos dos alunos. Um aluno online tende a ser mais tímido, ele não faz comentários. Ele só faz perguntas muito específicas, não faz gracinha e ele não ri. Então, a interação se torna menos lúdica, menos divertida, menos agradável. Ela se torna mais fria, mais distante.

PERGUNTA (LUIZ): As suas aulas no Descomplica são voltadas para quem está terminando o Ensino Médio, não é? Tanto as aulas de atualidade, quantos as aulas de aprofundamento são voltadas – se eu estiver errado, você me corrige – para o Enem, no caso de atualidade e, no caso de aprofundamento, para os outros vestibulares, é isso? Como você divide o conteúdo programático ao longo do ano? Como você planeja isso?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Olha, de um modo geral, esse planejamento é feito com base no planejamento do ano anterior. Que remonta ao Big Bang, antes de Cristo. Em algum momento, alguém fez esse planejamento do zero. Houve uma tentativa de replanejamento, em 2018, e, aí, eu reorganizei com base nas referências que eu tinha de outras matérias e de coisas que caem mais na prova do vestibular do ENEM. Mas, de um modo geral, eu pego todo o conteúdo que cai no vestibular, ou seja, toda a História da humanidade, desde a pré-História até o governo Bolsonaro, e resumo isso em 36-40 semanas, que é o tempo que dura o produto.

PERGUNTA (LUIZ): Então, você acha que, lá trás, em algum momento, alguém fez isso? E, possivelmente, esse alguém fez isso... e, possivelmente, esse alguém fez isso partindo da experiência que ela tinha no presencial ou você acha que ela já pensou pedagogicamente?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Com certeza. Partiu do presencial. O planejamento é focado no presencial. Você vê que são os mesmos planejamentos que eu fazia no PH, em 1999, em 2000, 2001. Que a gente fazia no AZ, lá em 2008-2010.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, é uma relação direta, não é? Desses cursinhos de pré-vestibular do Rio de Janeiro dando origem...

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Até o quadro de giz.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, é verdade. Até o quadro de giz. Eu percebi isso. Bom, a sexta a gente acabou de responder (existe algum plano pedagógico específico para as aulas de História online).

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Não, a diferença está nas aulas de atualidade, que eu nunca tinha dado. Não sei se existe aula de atualidade nos cursos presenciais, mas, no curso tele presencial, essa aula de atualidade é modificada a cada semana. Em geral, ano passado, a gente fazia um planejamento a cada 4 semanas. No ano passado, embora tenha sido bagunçado, foi menos bagunçado do que está sendo em 2020. Em 2020, eu nunca consegui cumprir uma semana em que a gente tinha feito o planejamento. Eu vou falar sobre Irã, Rússia, sobre África e, aí vem coronavírus, vem Bolsonaro e a gente muda tudo. Porque é atualidade, não tem muito sentido eu ficar falando de Rússia no meio de epidemia de coronavírus. Eu vou falar sobre o coronavírus.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, claro.

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Mas eu acho que é uma dificuldade de Atualidades e não do ensino online.

PERGUNTA (LUIZ): Sim. Nos cursos presenciais, tem aula de Atualidades em alguns, mas ficam mais com os professores de Geografia. Mais do que com os de História. É uma diferença que eu tenho percebido.

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): É, eu acho que isso é uma coincidência. Em geral, também era assim no Descomplica. Também era o professor de Geografia que

assumia. Foi Hansen que deu as aulas todas, depois outro professor de Geografia, de São Paulo, pegou a outra atualidade, Ricardo Marcilio, e continuou dando aula de Atualidades. Ele ainda dá aulas online. O que aconteceu foi que, quando eu voltei de Portugal, não tinha mais vaga de História, porque o Ataíde tinha sido contratado para ser professor de História e eles inventaram uma Atualidade do Mundo, para que eu pudesse dar. E, agora, o Descomplica tem duas aulas de atualidade por semana: Mundo e Brasil. A de Brasil ficou com o Hansen de novo, porque o cara de São Paulo foi demitido e a de Atualidades de mundo ficou comigo, apesar de eu ter voltado a dar aula de História. Então, eu meio que sou um acidente, era mais uma maneira de me encaixar por conta da minha formação em Relações Internacionais, do que propriamente um padrão.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, o que a gente percebe, então, é que na sua trajetória com atualidades, isso tem mais a ver com a sua formação e sua experiência em Relações Internacionais do que necessariamente com a formação em História, não é?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): É um acidente, porque eu fui para Portugal. Porque, se não, seria Geografia até hoje.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, aí tem a casualidade.

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Isso.

PERGUNTA (LUIZ): E como é a interação com os alunos em aulas de História em mídias digitais?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): No Descomplica, você tem um monitor de História, online, em algum lugar do Brasil, que filtra as dúvidas de milhares de alunos e repassa para o chateiro, que simplesmente está acompanhando o site para verificar se tem racismo, xingamento. Para fazer uma mediação, mais para disciplinar o chat. E, aí, esse chateiro decide as questões que o monitor me passa. O Descomplica tem um sistema também em que as dúvidas dos alunos são ranqueadas pelo voto dos demais alunos. Se alguém tem uma dúvida, o cara vai clicando e aquele dúvida vai subindo e, aí, você vê qual foi a dúvida que mais pedida.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, é dúvida dos outros também, não é?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): É, no ano passado, eu respondia entre 7 e 15 dúvidas por aula. Esse ano, por alguma razão, os alunos ficaram mais moderados ou o monitor ficou mais tímido. Mas o fato é que eu tenho respondido 2 ou 3 dúvidas e tem aula que não tem dúvidas. Ou pelo menos o monitor não me passa a dúvida. Agora, às vezes, eu volto no chat, quando acaba a aula, e tem aluno reclamando que o monitor não passou a dúvida. O chateiro não passou a dúvida. O que eu acho que aconteceu foi que houve uma mudança no estilo do monitor. O monitor ano passado me passa quase todas as dúvidas e o monitor desse ano filtra muito mais. Ele sente que eu falo muito rápido e ele sente que não tem espaço para tirar dúvida, que pode acabar perdendo tempo de aula. Em suma, isso depende mais do monitor do que de mim. Não sou eu que faço essa mediação.

PERGUNTA (LUIZ): Entendi. Existe um canal entre os alunos e você, não funciona o tempo inteiro... Embora a aula seja online, esse canal não é online, tem um mediador, mas ele funciona. Existe essa possibilidade, não é?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Exato. Nas aulas do Clipping CACD, essa mediação não existe. Eu que olho imediatamente e decido a quais dúvidas eu vou responder. Porque, no programa que eu estava usando, o zoom, tem uma aba de perguntas e respostas. Então, eu dou uma aula de 1 hora e meia, eu paro a aula com 2 ou 3 micro intervalos de 5 a 10 minutos, no meio de cada bloco da aula, e, aí, eu tiro todas as dúvidas que estão Q&A.

PERGUNTA (LUIZ): Entendi. Em 2019, agora, o Descomplica criou um programa chamado Professores Parceiros. Nesse programa, os professores de escolas do Brasil, eles divulgariam as aulas do Descomplica, em suas próprias aulas, oferecendo cupons de desconto. E, aí, isso evidencia uma possibilidade de interação entre a sala de aula presencial e as salas online. Como você vê essa relação?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Eu confesso a você que eu estou completamente por fora deste programa. Eu não participei, recebi um convite para isso, mas, como eu

não dou aula em colégio, só dou aula em faculdade, eu acabei não participando. Eu não sei o que acontece, não sei como é isso. Tenho, na verdade, até dificuldade de responder. Não estou por dentro desse programa e não sei como isso poderia se relacionar. Eu especularia, por exemplo, que, em momento do coronavírus, o Descomplica poderia oferecer ou um desconto muito agressivo ou de graça para os alunos de escola pública, que estão sem aula, para fazerem algum tipo de reforço. Eu imagino que foi assim que foram feitos contratos com a Secretaria Municipal ou Estadual do Paraná, onde, os alunos da Secretaria Estadual do Paraná tiveram, praticamente de modo gratuito, acesso a todas as plataformas do Descomplica para estudar para o vestibular. E eram alunos do Município do Estado do Paraná, do Ensino Médio. A verdade é que eu não sei dizer e seria leviano de minha parte afirmar qualquer coisa nesse sentido.

PERGUNTA (LUIZ): Sim. Mas, independentemente do programa, que foi só um exemplo... A pergunta não é sobre o programa. Como você vê a relação entre o ensino presencial e o online? Se são complementares, se são ensinos que se opõem... Como você enxerga isso hoje, João, tendo experiência nos dois?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Eu vejo que, na maior parte dos casos, é redundante por uma questão de tradição. A maior parte dos professores do tele presencial são professores do presencial que simplesmente reproduzem, como eu faço, o que já faziam no presencial. Exceto em caso em que é inevitável, não tem o que fazer. Aí, tem coisa que não dá para fazer, não tem quadro, não tem quadro. Aí eu tenho que me virar com outra coisa, um Power Point. Agora, há coisas em que eu ganho: o mapa que eu desenho no meu quadro é pior que o mapa que eu peguei na internet e eu mostro para eles no slide. Falar quem foi Afrânio de Melo Franco é diferente de mostrar a cara de Afrânio de Melo Franco, caricatura de Afrânio de Melo Franco, a estátua do Afrânio de Melo Franco, na rua na Afrânio de Melo Franco do lado do Shopping Leblon. Em termos mnemônicos, o camarada descobre quem foi Afrânio de Melo Franco e por que ele está lá e lembra que passou no shopping Leblon. E vê a estátua do Afrânio de Melo Franco. Então, é óbvio que, nesse sentido, há um ganho em uma aula tele presencial e em uma aula presencial seria diferente. Não é que seja impossível fazer isso numa aula presencial; eu posso levar o power point e fazer a mesma coisa. Mas a verdade é que, na aula tele presencial, eu sou forçado

a fazer isso. É minha única alternativa. Então, a qualidade da aula acho que, em geral, é melhor. O aluno tem acesso à internet imediatamente, ele está no computador, ele pode pesquisar uma música, ele pode entrar no youtube... Não é que, no presencial, isso não possa ser feito. Mas a verdade é que no tele presencial online não tem (outra) alternativa. Ele está lá; então, há ganho de qualidade, mas há perda de interação, de espontaneidade, de dinâmica e, sobretudo, de troca que eu acho muito rica. Então, eu acho que eles são diferentes, mas não tão diferentes a ponto de dizer que são complementares. Eu diria que são quase redundantes. Ou é um ou é outro. Não precisa ser os dois. Mas é óbvio que, em uma aula presencial, pode ser enriquecida com aulas online ou gravadas, por exemplo, de resolução de exercícios, de material extra, comentários de bibliografia. Então, claro que dá pra complementar, mas não é essa a minha experiência. Nunca foi. O ensino que eu faço é um ensino que substitui o ensino presencial.

PERGUNTA (LUIZ): Substituição mesmo. Nona pergunta: você já falou um pouquinho sobre isso, mas, para falar especificamente sobre essas técnicas de aula no tele presencial ou no online, como você prepara essas aulas? Como você entendeu que era diferente ou até que ponto era diferente? Como foi isso: essa trajetória na preparação e execução das aulas?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): É, sendo bastante sincero, nas aulas do descomplica de história... Eu (erro no áudio)... exatamente a mesma aula que eu daria se estivesse no presencial com quadro e com a câmera. Exatamente a mesma aula. Praticamente idêntica. Não faz diferença nenhuma. É uma aula que eu já daria no passado se eu estivesse dando no presencial eu daria igual.

PERGUNTA (LUIZ): No descomplica? Porque falhou a ligação. Então, no Descomplica, seria a mesma aula que seria no presencial?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Exato.

PERGUNTA (LUIZ): Em relação ao quadro, planejamento, tudo igual?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Tudo igual.

PERGUNTA (LUIZ): Décima pergunta: pensando na questão anterior, você falou que, pensando no Descomplica, nas aulas para ensino, é tudo igual ou praticamente igual no que diz respeito ao fazer a aula ou a dar a aula. Qual a principal diferença que você imprime ou vê nas aulas online e presenciais?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Eu te repito que o fato de, como não tem interação, eu preciso planejar melhor o tempo. Essa é a única grande diferença. E eu não posso depender dos alunos. Eu sei que, se eu estiver dando uma aula presencial, eu posso deixar 15, 20 minutos de debate, aula aberta... Em uma aula tele presencial, isso é impossível. O máximo que eu posso fazer, se meu tempo estiver acabando, eu posso perguntar para o monitor se tem dúvida. E ele sempre pode me responder: “não, não tem dúvida”. E, aí, eu tenho que me virar. Isso aconteceu já. Meu repertório acabou. Eu fui dar uma aula de Renascimento. Não estou acostumado a dar uma aula de renascimento, porque aula de Renascimento eu só dou no Ensino Médio. Não cai no concurso do Itamaraty. Então, meu repertório de Renascimento e Humanismo é o repertório que eu tinha quando estava no PH e no AZ. A aula que eu dei no presencial há 9,10 anos (atrás). O tema acaba e eu ainda tenho 20 minutos de tempo, meia hora de tempo. E, aí, o que você faz? Então, eu sinto que eu sinto que sobra tempo em aulas nas quais meu repertório é menor, porque eu não tenho essa interação com o aluno, mas essa é a única diferença.

PERGUNTA (LUIZ): Você tem quantos tempos de aula por semana para trabalhar História ou Atualidades?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Mais ou menos, dois tempos por semana.

PERGUNTA (LUIZ): Dois tempos de 45 minutos ou de 50 minutos?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Isso. Uma hora e meia no total.

PERGUNTA (LUIZ): Uma hora e meia. Nessas aulas online, quais são os cuidados que você tem que ter no discurso? Por exemplo, temas polêmicos, política.... Você acha

que você não tem que ter esses cuidados? Você não tem cuidados diferentes do que você teria presencialmente?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Olha, quase nenhum, quase nenhum. Eu fui me educando para ser tão cuidadoso quanto eu sou em uma aula presencial. É óbvio que, na aula presencial, eu fico um pouco mais à vontade, porque eu já conheço os alunos e, nos cursos online, volta e meia, eu tenho reclamação, de críticas a situações políticas, ou posições políticas. Tanto de grupo mais progressistas da esquerda, quanto de grupos mais radicais de direita. Isso acontece com frequência, gente me procura no Instagram e no Facebook para me xingar, para reclamar ou para dizer que eu estou enviesado. Então, eu acho que eu fico um pouco menos à vontade. Não é uma coisa deliberadamente proposital. No início, logo depois das eleições de 2018 e no início de 2019, eu fiquei cuidadoso um pouco e logo depois voltei ao normal.

PERGUNTA (LUIZ): Entendi. No Descomplica, existe algum tipo de interferência, algum tipo de orientação “olha cuidado com isso, cuidado com aquilo, cuidado com o que você vai falar”?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): É uma coisa muito velada. Logo depois das eleições do Bolsonaro, eu recebi sugestões por parte da coordenação do Descomplica para que eu evitasse determinados temas ou que tentasse tomar cuidado, porque tinha havido algumas reclamações de alunos. Mas não “era faça isso ou deixe de fazer aquilo”. Era mais no sentido de que, mesmo que tivesse reclamação, ele mostrava a reclamação do aluno. Às vezes, era uma reclamação improcedente, não ia mudar nada por causa daquela reclamação. Não havia uma filtragem por parte da coordenação, era meio assim: “essas são as reclamações, vê aí e faz o que você achar que deve”. Não no sentido de uma imposição. Em um primeiro momento, eu li que aquilo era um recado. Mas eu não passei recibo. Eu continuei fazendo exatamente a mesma coisa que eu fazia. E aí pararam, os recados pararam.

PERGUNTA (LUIZ): Você falou agora há pouco das mensagens que os alunos mandam. Mandaram reclamando no Instagram ou em algum outro meio. Quando eu estive no Descomplica, eu percebi um esforço de humanizar um pouco o

ambiente. Eles botavam cartazes de alunos, dizendo: “essa é a fulaninha, ela mora no Amapá, ela quer Medicina, ela faz Descomplica”. Para que os professores vissem que os alunos, claro que são reais, mas que eles vissem a figura do aluno também. Eu acho que esse é um desafio: por conta do distanciamento, você tentar ter o aluno próximo. Como é essa interação? Os alunos te procuram pra agradecer, pra falar? Como é isso?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Cara, é muito frequente, muita rica a interação. Eles têm uma necessidade enorme de se expressar, ainda mais quando a gente dá aula online. Isso acontece por meio das redes sociais. Eu tento responder a todos nas minhas redes sociais, mas elas vão aumentando de tamanho. Tem pessoas como o Pelizzari que tem 60 mil seguidores; ou como o Hansen que tem 80 mil seguidores; ou Valadares com 50 mil não conseguem dar conta. E várias pessoas me falam que não respondem a tudo. Eu tento responder a todo mundo, porque eu sei da necessidade que eles têm de se expressar mesmo que seja uma carinha, um coração, um joinha ou, às vezes, um áudio. Quando é um feedback específico e deliberado do tipo falando da aula ou elogiando a aula ou então dizendo que passou ou que me devem ou agradecendo, eu tento mandar mensagem de áudio para que ele ouça a minha voz e para que saiba que eu estou dando uma atenção específica de modo individualizado.

PERGUNTA (LUIZ): Qual o principal ponto positivo para o professor em trabalhar com aula online?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Não vejo nenhum. Só vejo perdas.

PERGUNTA (LUIZ): Só perda: Então, a próxima pergunta: qual o principal ponto negativo para o professor e para a nossa categoria?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Olha, essa pergunta é para o professor e não para o aluno. A minha resposta é para o professor. É óbvio que, para o aluno do Piauí ou do Maranhão que tem acesso à aula que, talvez, ele não teria na comunidade dele por um custo de 20 reais – todas as matérias no raio que o parta, longe –, é muito útil, é muito rico, muito democratizante. Para o professor, enquanto professor, eu

só me sinto lesado. Eu perdi interação, eu perdi contato, perdi amizade, perdi conexão, eu não sei sobre as pessoas, não sei a vida delas. Do ponto de vista pedagógico, eu, como vigotziano, eu considero que o verdadeiro aprendizado se dá a partir da vivência do aluno. Eu pioro enquanto professor porque eu não sei qual vivência dele, eu não sei como ele está. Quer dizer, alguns eu sei porque me mandam mensagem. Eu tento construir e improvisar em cima disso. Mas a verdade é que a maior parte deles eu não conheço a história. Eu não consigo construir uma aula que, de alguma maneira, seja uma narrativa que dialogue com aquela realidade deles ou com o papel dele, porque essa realidade é muito heterogênea, muito massificada. Eu me sinto lesado, eu acho que a troca é pior. Eu ofereço mais do que eu recebo. E uma das coisas que me fez ser professor era a enorme quantidade de coisas que eu recebia nessa troca presencial com o aluno que, no tele presencial, é muito minimizada desfavoravelmente ao professor. É óbvio que tem troca, mas essa troca é muito minimizada.

PERGUNTA (LUIZ): E do ponto de vista profissional e financeiro? Como é que você enxerga isso? Conversando com o Renato, ele apontou que isso é bom para quem está e ruim para quem não está no sentido de que você tem uma contradição aí. Ele é democratizante para o aluno, para os professores, não é. Para nossa categoria de professores, não é. Você concorda com isso?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Concordo 100%. Estou com o Peli integralmente. Primeiro lugar, no médio e no longo prazo, se o sucesso das aulas tele presenciais se estabelecer, a carreira do professor acaba enquanto carreira. Não vai ter mais uma carreira. Ela vai ser semelhante, mais ou menos, à do jogador de futebol. Você vai ter aqueles jovens que entram com 14,13 anos na várzea e um deles vira o Ronaldinho. Um deles vira o Robinho. É um torneio. Quem é que vai ter oportunidade? Vai ter, sei lá, 20, 30 professores de História no mercado porque 20,30 vão dar aula pro Brasil inteiro. Isso é um ponto. Isso, obviamente, para quem não está, é horrível. Mas, para quem está, também não é muito bom, porque o salário que você recebe e a renda que você tem nessas plataformas online não é suficiente para compensar... Na verdade, só aumenta a mais valia. Você recebe um salário que, talvez, seja superior ou igual ao de um professor de um bom colégio no Rio de Janeiro e o número de alunos que você tem é exponencial. 5.000, 10.000, o

tempo que for necessário... Então, não é uma coisa equiparada. Agora, é óbvio que alguns professores aproveitam essa oportunidade: Paulo Buyus, Professor Noslen, Mario Vergara que vai dar aula de inglês, que vai dar aula de Biologia, um Ferreto que vai dar aula de Matemática... Seria uma espécie de pocket business. Ele passa a ser esse professor e ele mesmo assume a função dele. Ele vira, ele próprio, a sua empresa. Foi um pouco isso que eu tentei fazer nas aulas do concurso do Itamaraty. Na área diplomática. Aí, se você quebra a mais valia, isto é, se você não tem um padrão, aí, obviamente, sua rentabilidade amplia dramaticamente, porque, aí, você ganha escala diretamente sem intermediário. E isso é uma outra coisa que eu percebo que está acontecendo. Pessoas como o Érico Rocha que lançam uma fórmula e fazem cursos online para tudo: curso online pra pintar unha, para fazer sobrancelha, para cortar cabelo, para desenhar história em quadrinho, curso online para personal, para nutricionista e o escambau. Tudo isso, a meu ver, é uma possibilidade de um empoderamento de uma série de categorias que se tornaram professores e eram só profissionais. Então, o professor não vai ser um professor, vai ser um profissional que vai ensinar a sua prática. Eu acho que isso uma transformação bastante disruptiva e, infelizmente, inevitável que vai acontecer e que vai transformar totalmente a nossa profissão com o risco provável de desaparecer.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, uma desprofissionalização da profissão de professor.

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Exato.

PERGUNTA (LUIZ): Entendi. Nossa penúltima pergunta e, aí, você pode ser bem sincero: você se realiza profissionalmente dando aula online? Se você quiser comparar com a sua experiência presencial, fica à vontade.

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Cara, meu prazer em dar aula presencial é alguma coisa entre 40 e 50 vezes maior do que dar uma aula online. Óbvio que esse prazer é mitigado em longo prazo na medida em que alunos online me dão feedback online que são posteriores: “olha, sua aula foi incrível, foi excelente”. E, aí, tem um ganho emocional, afetivo muito grande. Principalmente nessas aulas em que eu tenho 1.000, 2.000 alunos e eu recebo o feedback de pessoas as mais carentes, dos mais

distantes rincões do Brasil, inclusive que não teriam acesso a isso de outro jeito. Mas, enquanto professor, eu me sinto mais realizado profissionalmente dando aula presencial, razão pela qual eu ainda topo dar aula presencial ainda que a remuneração seja menor. Então, eu sou professor da PUC-Rio e eu dou aula em São Paulo. Pela razão que eu quero dar aula presencial e não quero perder o contato com a aula presencial, porque já há uma pressão, uma demanda, uma situação na qual eu só desse aulas online. De um modo geral, minha remuneração média nas aulas online é superior à das aulas presencial. Então, não é por uma questão financeira. É só uma questão de realização mesmo. Eu consigo equilibrar, então, eu sou razoavelmente satisfeito, Mais ou menos metade e metade. Mas isso foi planejado ao longo do tempo porque, se não fosse planejado, eu estaria só dando aulas online hoje. Eu quero, ainda, eu tenho vontade de dar aula presencial para não perder esse contato. E, para mim, faz muita diferença

PERGUNTA (LUIZ): A última. Você já deu um pouco da deixa em uma pergunta anterior. Mas como você vê o futuro dos cursos preparatório – e se você quiser falar do ensino médio também – e do ensino presencial no geral?

RESPOSTA (JOÃO DANIEL): Cara, a aula presencial vai se tornar uma aula de direcionamento, monitoria, para crianças muito pequenas até uma determinada idade. Eu vejo isso em um futuro de 20, 25 anos, mais ou menos. Acho que, obviamente, a epidemia do coronavírus pode acelerar dramaticamente isso e dá para fazer isso todo mundo online sem ser presencial. E, aí é óbvio que não precisa ter dois professores de Política Externa Brasileira como a PUC tem: basta um com 100 alunos ou a PUC pode fazer um de professores da PUC Rio, da PUC São Paulo e da PUC não-sei-o-quê, como as grandes faculdades já fazem (Anhanguera, Estácio). Então, no ensino universitário, com certeza, a norma vai ser online em médio prazo. É óbvio que vão sobrar alguns professores e os professores fracos, os professores médios ou professores até bons não vão conseguir competir com professor absolutamente excelentes que vão dar aula online para milhões, milhares de pessoas. Porque têm mais experiência, têm mais conteúdo, mais acesso, mais contato ou têm mais networking. Então, eu acho que, para o ensino adulto, a partir de 15, 16 anos de idade, vai ser tudo online. O presencial vai ser só para laboratório, para aulas práticas, para aulas abertas vai se tornar uma espécie de vinil. Eu conheço

uns malucos que têm vinil, têm cadeira do Sérgio Rodrigues e gostam de decorar a casa, ainda compram isso. Mas é a exceção da exceção. A norma vai ser o ensino online, o ensino tele presencial, infelizmente, a meu ver. Vai sobrar muito pouco, 5%, 10% do total, ou então pra criança pequena ou pra laboratório. É isso que eu enxergo para o futuro infelizmente. Como eu já via isso há 7, 8 anos atrás, eu fui fazendo uma transição da minha carreira, por mais que isso me desse insatisfação e tristeza, mas para direcionar minha carreira pro online de propósito porque, como eu amo ser professor, ainda que eu tenha uma perda, que não é pequena em termos de alegria, de reconhecimento, de felicidade profissional, é melhor ser professor do que não ser. Então, eu quis redirecionar minha carreira pro online, porque eu acho que isso vai acontecer no mercado no médio prazo.

Entrevista Renato Pelizzari – realizada em 16/03/2020.

Apresentação: Meu nome é Renato Pelizzari. Tenho 39 anos. Estudei Economia e História na UFRJ. Trabalhei durante muito tempo só com Pré Vestibular, muitos anos. Depois, óbvio, com a decadência do Pré Vestibular, acabei dando aula em colégio também. Já tenho entre 17 e 18 anos de carreira. Já fui coordenador de História em uma instituição e, há 12 anos, sou coordenador de Vestibular do Colégio QI. Sou diretor de unidade há quase 2 anos. E sou um dos pioneiros do processo de vídeo aula no Rio de Janeiro e no Brasil, por ter sido o primeiro professor contratado para trabalhar no Descomplica. Ainda hoje, o líder de mercado, com 70% do mercado brasileiro. Então, a gente trabalha com aproximadamente 300 mil alunos por ano, fora os aulões que chegam a 2 milhões de alunos, às vésperas do ENEM. É o único player que está em todos os Estados brasileiros. 100% dos Estados. Então, é isso, essa é minha experiência como professor e professor de web.

PERGUNTA (LUIZ): Então, no Descomplica, você tem 300 mil alunos fixos? E, nos aulões temáticos, chegam a 2 milhões? Como é isso?

RESPOSTA (RENATO): Na verdade, ao vivo mesmo, agora é uma boa referência, porque a única aula ENEM, é a minha. Nós dividimos entre aula ENEM, específicas e exercícios. O João Daniel pega as específicas e atualidades, que é uma outra

frente. E eu pego aula ENEM e a Natasha pega aulas exercícios. Ao vivo, então, nós temos em torno de 3.500 e 4.000 alunos.

PERGUNTA (LUIZ): Por aula?

RESPOSTA (RENATO): Por aula. Porque a maioria acaba assistindo depois. Porque, imediatamente depois que a aula, é dada, ela fica gravada na plataforma. As pessoas assistem quando quiserem. Então, por incrível que pareça, a maioria das pessoas acha que todo mundo assiste ao vivo, mas não é. É uma minoria que consegue seguir. Porque tem disciplina, na verdade, para o aluno seguir as aulas, no horário que a gente define, é muito difícil, claro. O cara está em casa, ele tem uma liberdade muito grande e sabendo que a aula fica gravada, dificilmente, algo em torno de 1% assiste ao vivo.

PERGUNTA (LUIZ): Mas assinantes são 300 mil?

RESPOSTA (RENATO): É, ano passado, a gente chegou nesse número. Eram 270 mil se não me engano. Esse ano, acredito que esteja girando em torno de 300 mil. Esses números nunca são muito claros lá, mas a gente acaba sabendo pelas campanhas, pelo bate papo com o fundador, que acaba abrindo alguns números para a gente.

PERGUNTA (LUIZ): E os aulões temáticos são às vésperas das provas?

RESPOSTA (RENATO): É o que a gente chama de AULÃO 12 HORAS NERD. São 12 horas de aula e atividades variadas, mas também várias aulas na véspera do evento. Então, ao longo do evento, passam 2 milhões de IPs diferentes. Eles controlam assim. A gente chegou em um ano, no mesmo dia do aulão, de véspera, a cantora Adele estava lançando uma música nova. E ela entrou em segundo lugar no TRENDING TOPICS, no Twitter e ela ficou atrás do Descomplica.

PERGUNTA (LUIZ): Caramba, que loucura!

RESPOSTA (RENATO): A gente costumava brincar falando: força, Adele.

PERGUNTA (LUIZ): Mas isso é o Descomplica hoje. A gente se conhece há quase 20 anos e, lá trás, eu me lembro de quando o Descomplica começou e você foi contrato pelo Marco Fisbhen, em um estúdio em Botafogo.

RESPOSTA (RENATO): É, na verdade, era uma salinha na Praça Saens Pena. E tinham apenas 2 funcionários: o Marco e mais um menino. A gente já chegou até a não ter sala. O Descomplica, no primeiro ano, não deu certo. Se você perguntar para o Marco Fisbhen desde quando existe o Descomplica, ele vai te dar uma outra data. Ele omite uns 2 ou 3 anos, quando o Descomplica patinou. Não tinha investidor externo, era só ele e um grupo de uma escola aqui do Rio de Janeiro. E a coisa não

deu certo, então, eles cortando gasto. E chegou um ponto em que a gente não tinha mais estúdio. A gente gravava na Lagoa, onde tinha uma boa captação de áudio, porque era lapela, conseguia fazer bons vídeos. E tinha a Lagoa ao fundo. Era um belo cenário. Então, a gente grava as aulas na Lagoa Rodrigo de Freitas, na rua. Não era numa casa. Então, chegou a esse ponto, chegou um momento até de a gente achar que o Descomplica ia acabar. Mas, de fato, ali teve uma grande virada. O Marco Fisbhen é um cara muito empreendedor. Ele, de fato, acreditava no projeto. Ele me chamou, na época, para comprar cotas e eu não comprei.

PERGUNTA (LUIZ): Como você entrou?

RESPOSTA (RENATO): Então, na verdade, eu era amigo do Marco antes. Desde quando ele fazia medicina na UERJ. Ele foi professor de Física, do PH. E nós nos conhecemos em uma Colônia de Férias, onde eramos monitores. E, ali, nós ficamos amigos. Na verdade, a ideia original do Descomplica não era ser uma plataforma. Ele foi chamado para montar um curso Pré-Vestibular em um colégio tradicional, em Botafogo, o Dinamis. E ele ia fazer o seguinte: esse colégio iria ter as aulas presenciais, porém, já existia, nesse momento, a ideia dele de que eu e o professor de geografia iríamos fazer aulas interdisciplinares. E essas aulas seriam gravadas e ele hospedaria esses vídeos em algum lugar. Então, seria uma espécie de curso híbrido. Nós já teríamos algumas aulas presenciais e aulas gravadas. Não existe a ideia do online, até porque, na época, o streaming de vídeo era muito ruim e a internet ainda estava se desenvolvendo no Brasil. A verdade é essa. Talvez, esse tenha sido um dos motivos do Descomplica, no início, não ter dado certo. Então, o Descomplica quase faliu, quase acabou e ele resolveu virar essa chave. Resolveu investir pesado e, claro, somado a um bom marketing e a uma ideia de que, hoje olhando pra trás, a gente pensa: óbvio que daria certo. Mas, hoje, a gente tem uma noção do que é o Youtube.

PERGUNTA (LUIZ): Na época, não era.

RESPOSTA (RENATO): Na época, não tinha tantas mídias sociais, era o tempo do Orkut ainda, que fazia somente o upload de 12 fotos em seu perfil. Era uma outra realidade. Só que, claro, quem tem o mínimo de visão, que eu não tive, percebe que isso deslancharia. Percebe que tudo ligado à internet vai deslançar. O Steadicam já existia, então, não era uma coisa tão absurda de se imaginar. Era só adaptar para uma questão brasileira. Você vê um ENEM, que virou exame nacional, também ajuda muito.

PERGUNTA (LUIZ): Na época, vocês estavam no AZ também?

RESPOSTA (RENATO): Estávamos.

PERGUNTA (LUIZ): É, eu lembro, porque eu estava lá também. Eu lembro do Marco de lá.

RESPOSTA (RENATO): Foi na época do novo ENEM. Eu saí em 2010, quando torci o tornozelo. Então, eu ainda estava lá. Em 2009, quando o novo ENEM surgiu, eu acho que já tinha sim uma ideia do Descomplica. Mas acho que a empresa ainda não. Se não me engano, a empresa foi em 2011. Tenho quase certeza.

PERGUNTA (LUIZ): A empresa que deu certo. O Descomplica 2.

RESPOSTA (RENATO): Essa é minha dúvida: o Descomplica 2. Eu acho que é isso, sim. Eu lembro quando o Marco me chamou, na casa de uma amiga nossa. Pegou uma câmera, dessas de fotos antiga, e disse “eu tenho uma ideia”. Ligou a câmera e falou “dá uma aula aí”. Eu lembro até hoje que era uma aula de Expansão Marítima. Ele filmou e disse “cara, é isso. Quero botar isso na internet.”. E eu falei “vamos lá”. Amigo que é amigo faz qualquer coisa. E assim começou. E, quando explodiu, começou realmente a crescer, a internet a bombar e essa questão sempre de a gente buscar no online. Hoje, vou dar um exemplo prático: comprei uma fechadura eletrônica para minha casa, chamei um chaveiro e ele não sabia fazer. Ele tinha instalado uma, há muito tempo. O que a gente fez? Entramos no Youtube, botamos “tutorial: como instalar fechadura eletrônica”. Encontramos um vídeo super didático, assistimos juntos e ele colocou a fechadura. Estamos nesse momento. Se você coloca “abrir” no Youtube, vão aparecer várias opções: abrir cadeado, o que você imaginar. Então, obviamente o Descomplica explodiu também.

PERGUNTA (LUIZ): Beleza. Quantas aulas, por semana, você dá nos meios digitais?

RESPOSTA (RENATO): Já variou muito. Já tive 10 horas trabalhando no Descomplica, o que era uma parte gravando aula, essas aulas ficam gravadas à disposição do aluno. E as aulas ao vivo, que também ficam gravadas. Mas, por incrível que pareça, é uma dinâmica diferente. Então, durante muitos anos, a gente, para gravar todo um conteúdo, então imagina, essas minhas aulas eram divididas em: aulas de gravação e aulas ao vivo. E, hoje, eu reduzi bastante. Porque não tem mais aula para gravar. Eu confesso que eu não gosto muito de gravar, eu prefiro aula ao vivo. Então, eu quis reduzir minha carga para só dar aula ao vivo. Então, hoje, eu estou dentro do Descomplica, quinta feira, de 17 às 22. Em 5 horas lá dentro, eu gravo um programa, chamado 10 SEGUNDOS, que é um programa de

perguntas e respostas. E dou 4 aulas de 45 minutos. Hoje, essa é minha carga de aula digital. O que é bem menor do que era no início.

PERGUNTA (LUIZ): Sim. E, em relação a essas aulas, você deu e ficou gravado. O aluno tem acesso até o final do ano. No ano seguinte, essa aula pode ser vista pelos alunos ou vocês gravam de novo a mesma aula, o mesmo tema que já foi gravado?

RESPOSTA (RENATO): Então, eles fazem, no planejamento deles, eles mantêm uma aula, por exemplo, de Expansão Marítima, o aluno que está lá, entra para ver o planejamento semanal. Exemplo: essa semana 3 é Expansão Marítima. Então, eles colocam de opção, para o aluno, uma aula gravada desse tema. Então, se o aluno quiser assistir uma aula sobre o tema, antes da aula ao vivo, ele pode. Muitas vezes, é uma aula minha antiga dessas que botam lá. Mas, às vezes, a gente dá praticamente a mesma aula. Claro que todo ano a gente tenta fazer alguma coisa diferente, ler alguma coisa nova. Já que a História é também uma ciência, a gente tenta buscar uma coisa nova que tenham produzido. Às vezes, a gente busca a própria internet, os meios que a gente já conhece e que a gente já confia. Ou ver a aula de um outro professor, um amigo seu. Eu gosto muito dessa troca, acho muito enriquecedora. Eu gosto sempre de trazer uma coisa nova, uma conexão, uma relação que não fiz no outro ano. Eu fico pensando nisso, porque, se o aluno já tem a minha outra aula gravada, assiste antes e assiste à mesma aula ao vivo, chega uma hora em que ele perde o interesse. A grande verdade é que a imensa maioria dos alunos não tem essa disciplina de ver a aula antes do ao vivo. Ele assiste à aula ao vivo e depois ele vai assistir à sua aula atual. E, depois que passa o ao vivo, eles retiram essa aula sugerida e deixam somente sua aula gravada.

PERGUNTA (LUIZ): Ia te perguntar isso mesmo.

RESPOSTA (RENATO): Antes, ele poderia ter assistido à aula sugerida, agora não faz mais sentido ter duas aulas gravadas. Deixa somente a que você deu.

PERGUNTA (LUIZ): E essa aula, que fica disponível antes da aula ao vivo, era a aula do ano passado, ou poder ser uma aula de 5 anos atrás?

RESPOSTA (RENATO): Olha, se eu não me engano, essa é uma aula mais recente. Eu mesmo estou fazendo um trabalho agora, no Descomplica, de escolher as aulas que vão ficar à disposição dos alunos, de uma forma geral. Tem muita coisa repetida. Imagina, muita gente já passou por lá, muitos professores e todo mundo sempre gravando muito. Uma das formas de evaluation da empresa é o número de aulas gravadas disponíveis lá dentro. Então, nenhuma delas vai sair. Não faz mal se eu

tenho cinco aulas de Reforma Protestante, mas eu vou esconder algumas dos alunos, para não ficar confuso.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, paro o investidor fala que tem 30 mil aulas gravadas.

RESPOSTA (RENATO): Exatamente. Mas, para o aluno, isso é ruim.

PERGUNTA (LUIZ): Claro, ele vai se perder.

RESPOSTA (RENATO): Para ele, a gente oculta. Eu estou escolhendo o que vai ser ocultado e o que vai ficar disponível para ele no nosso banco como uma espécie de arquivo morto. E eu estou selecionando o que fica. Estou priorizando aulas mais novas, eu gosto de deixar professores diferentes. Já que eu darei a aula ao vivo, porque não deixar a aula de um outro professor que eu tenho gravado. Porque esse professor tem uma outra abordagem, outra forma de conduzir o conteúdo e fica muito mais rico se o aluno assistir às duas aulas. Então, estou tendo esse cuidado de manter uma diversidade maior para o aluno. Até porque fica chato só ter disponível um único estilo de aula. É até uma pressão muito grande sobre mim, porque eu tenho que fazer uma aula bem diferente para eu me sentir bem. Não sentir que estou dando a mesma aula. E online tem muita repetição de aluno, porque é um curso mais barato. Então, o aluno que não passou nesse ano, faz de novo no ano seguinte. É diferente de um presencial, em que o cara vai bancar 15 mil reais de investimento no ano. Ele não vai fazer de novo, com tranquilidade, dois, três anos seguidos.

PERGUNTA (LUIZ): No presencial, é muito raro mesmo.

RESPOSTA (RENATO): Então, esse aluno do online, te acompanha dois, três, quatro anos. Por isso, temos esse cuidado, claro. Se tem a opção de colocar uma aula gravada do João Daniel, eu coloco.

PERGUNTA (LUIZ): Os professores que já passaram ainda são dispostos para os alunos?

RESPOSTA (RENATO): É, porque eles têm um contrato de imagem. Eles recebem por isso. A gente tem dois tipos de remuneração no Descomplica: nossa hora de trabalho e, no fim do ano, a gente recebe 1% de todo dinheiro que entra no Descomplica (via assinatura). Investimento e round não. Esse 1% é distribuído pelos professores, de acordo com o número de vídeos que tem dentro da plataforma.

PERGUNTA (LUIZ): Não conta o número de visualizações, então?

RESPOSTA (RENATO): Não, somente o número de vídeos.

PERGUNTA (LUIZ): Então, se você gravou 10 aulas e eu gravei 5 aulas, você recebe o dobro na divisão, mesmo que os meus 5 tenham sido vistos 10 milhões de vezes?

RESPOSTA (RENATO): Exato.

PERGUNTA (LUIZ): Está bom. É uma lógica. Agora, uma pergunta que tem mais a ver com a nossa prática de aula mesmo. Nas suas aulas presenciais de História, que você ainda dá no Colégio QI, a sua didática é a mesma das aulas online? Ou muda e como que muda? Como são esses caminhos?

RESPOSTA (RENATO): Muda. Mas eu fui aprender isso com o tempo. É muito do feeling. Você, assim como eu, é um cara muito do tablado. Você sente muito a galera. Nossa aula vai muito do que a gente sente. Então, vai muito assim, vamos lá...

PERGUNTA (LUIZ): Porque eu imagino que, no começo, tenha sido assim: vou gravar uma aula, minha aula...

RESPOSTA (RENATO): Isso, exatamente isso. E não deixa de ser. Muda pouco, muito pouco. Na hora que você vai para o online, você tem que ter um cuidado maior com a sua clareza. Porque, no presencial, você está ali, na certeza de que, se alguma coisa embolar, o aluno vai te parar e vai te sinalizar. Você tem essa ajuda do aluno. No online, não tem. É difícil um aluno no online mandar “professor, não entendi nada nos últimos 5 minutos”. Por mais que tenha um chateiro, ele pode mandar, mas é difícil. No presencial, a gente divide o quadro em vários pedaços, no online, isso é mais complicado. No online, o mapa mental de quadro é muito melhor. Eu levei 6, 7 anos para descobrir isso. Eu, hoje, faço mapa mental. Eu não montava mais os quadros da minha aula, porque estavam todos na minha cabeça. Até porque a gente não coloca tudo que a gente fala no mapa. Por mais que você leia uma coisa nova, você não escreve essa coisa nova. Você botava aqueles tópicos e ia. Então, eu não montava mais quadro. Eu tive que sentar, literalmente, pegar uma folha em branco e começar a montar mapas mentais. Fui muito inspirado pelo João Daniel, que tem um quadro lindo, fantástico. Então, eu tive que montar mapa. Hoje eu escrevo no meio a aula e vou puxando as setas. Quando eu termino minha aula, está tudo que eu escrevi ainda no quadro. É um take só. O aluno não precisa ficar fazendo vários prints daquela tela, como os alunos fazem copiando o caderno. E é muito legal, porque, pelas pesquisas atuais, os mapas mentais têm um impacto muito maior na absorção do aluno. Ele está o tempo todo vendo tudo que você falou de novo. Toda hora que ele olhar para o quadro, ele consegue retomar tudo aquilo

que você falou naquela aula. Isso faz flashes para ele que fixam muito mais o conteúdo. E, depois ele estudando isso, ele fecha o olho e lembra. Ele tende a lembrar daquele mapa. Então, tem muitos ganhos e, nesse sentido, claro, a sua dinâmica de aula muda. Porque você não fica mais apagando o quadro e rescrevendo. Você vai falando o tempo todo, construindo aquele mapa junto com os alunos. Um cuidado muito maior com o que vai escrever, porque escreve muito menos. Não dá para escrever tudo, porque é um quadro só. Então, se toma muito cuidado, porque, se alongar muito, acaba o espaço e fica feio e confuso. E aí vira uma confusão mental. Acho que isso é a maior mudança e, claro, na questão da aula e a relação com o aluno, você tem outras ferramentas que a câmera te dá. Porque, por outro lado, é um espaço mais controlado. A gente só pensa no lado difícil da câmera, que é “caramba, olhando para câmera, são 3 mil alunos”. Mas tem um outro lado, que facilita, que é uma câmera. Então, é você só olhando para câmera. Você quer fazer uma parte mais teatral, é só para a câmera. Se você estiver bem com aquilo já, se relaciona de forma muito mais íntima e o aluno que está te vendo, parece que é com ele. Você tem que passar a imaginar que tem uma turma do outro lado ou que tem uma pessoa te vendo. Então, você imagina que, se você chega perto da câmera e consegue falar bem perto e como se você estivesse conseguindo, em uma aula presencial, fazer isso na cara de cada aluno. Então, mesmo que para 3 mil pessoas, eu consigo fazer coisas que impactam o aluno, muito melhor do que em sala, presencialmente. Isso é a parte legal da câmera que as pessoas não percebem. E, se você não explora isso, você está perdendo um grande negócio. Se você ficar longe da câmera, como se fosse em uma aula presencial normal, se você não tentar esses momentos de interação mais íntima com o aluno, você está perdendo uma grande oportunidade.

PERGUNTA (LUIZ): Então, você enxerga a câmera como o que te faz estar junto do aluno? É pela câmera que você faz isso? Porque a gente não consegue isso na aula comum, com 80 alunos em sala.

RESPOSTA (RENATO): Não consegue, a gente fica olhando para um ponto cego no fundo da sala.

PERGUNTA (LUIZ): A gente olha ali para o pessoal da frente. E, embora a turma esteja quieta, assistindo à aula, você não consegue falar para cada um. E, no online, você acha que é possível? Você consegue?

RESPOSTA (RENATO): Claro que é uma questão muito sua. Eu tenho para mim, eu crio o sentimento de que eu estou dando para aquela aula. Claro que, às vezes, eu uso muito o chateiro e o câmara como referência. Eu chamo toda hora, porque a gente tem essa mania e precisa disso. Então, às vezes, o Gui, que é de História, está lá no chat e eu busco essa interação com ele. Isso é legal também. Mas você cria para você, que está dando aquele clima e você tem que acreditar nisso. Se você não tem a turma de 70 alunos para te dar esse feedback, de 30, 70 ou 3.000 alunos. Então, você acredita naquilo também. Tem muito isso. E, aí, o feeling tem que estar muito mais apurado. Você tem que saber sozinho se a sua aula está ficando arrastada, se está ficando mais monótona. Você não tem mais aquele aluno que dormiu te olhando. Em que você pensa “preciso dar uma animada na aula, deve estar muito chata”. É só você. E a probabilidade dos dois que estão trabalhando com você dormirem é muito pequena. Um está na tecnologia e som, vendo se está tudo ok. E o outro está respondendo aos alunos, no chat, o tempo todo.

PERGUNTA (LUIZ): Então, a equipe se resume, no estúdio e em cada aula sua, a você, o cara do computador, que cuida da mesa de som – no Pro Enem, eu percebi isso também – e o chateiro?

RESPOSTA (RENATO): Tem o chateiro, que fica organizando as dúvidas para repassar; e tem o monitor de História, que fica respondendo a algumas dúvidas.

PERGUNTA (LUIZ): É esse monitor que escolhe as dúvidas que vão chegar até você?

RESPOSTA (RENATO): É, porque, se for uma dúvida mais complexa, que ele ache que vale a pena desenvolver na aula... Tem umas perguntas muito simples e tem umas mais complexas. E ele fala para o chateiro: “passa essa para o Pelizzari”. Aí o chateiro me avisa da dúvida, eu paro a aula e, realmente, é uma coisa mais elaborada, que vale a pena uma reflexão. Porque digitar é muito ruim, fazer essa reflexão digitando é muito ruim.

PERGUNTA (LUIZ): As aulas, em sua maioria, são voltadas para o Enem, não é? Você já falou que fica com as aulas de História ao vivo e pensando na prova do ENEM, que acontece em Novembro?

RESPOSTA (RENATO): 100% no Enem. Por isso que a gente tem essa separação, aulas ENEM e aulas de aprofundamento. Para que essas aulas de aprofundamento? Porque a gente sabe que tem alguns vestibulares, como a UERJ, na segunda fase, de História e tem umas do Rio, São Paulo e outros vestibulares. Então, a ideia é que, com essas duas aulas, mais as aulas de exercícios, a gente consiga atender

100% dos alunos que vão precisar de História para qualquer vestibular, no Brasil, atualmente. 100% mesmo. Por exemplo, até História Antiga.

PERGUNTA (LUIZ): Você trabalha História Antiga?

RESPOSTA (RENATO): Então, na aula ENEM, a gente tem uma matéria que é “O Mundo Antigo”, que é uma aula bem geral e o João Daniel, na aula de específica, dá uma aula só sobre Grécia, só sobre Roma. Ele vai por conta dos vestibulares que ainda trabalham História Antiga de forma específica.

PERGUNTA (LUIZ): Então, de acordo com essa lógica do ENEM, como é dividido esse programa de curso? Ao longo do ano, em quantas semanas? Tem a ideia da modulação que a gente pegou nos cursos daqui?

RESPOSTA (RENATO): Tem, porque, na verdade, a gente já vinha fazendo essa mudança para frentes únicas. O mercado, de uma forma geral, presencial, já vinha fazendo isso. Até porque eu acho muito interessante aquela coisa que a gente vê em livros de História dividido em 3 frentes – Brasil, Geral e América –, por exemplo. É uma loucura e não funciona. A gente não ajuda o aluno. Porque, para a gente que é professor, é mole, tudo mapeado na cabeça e, se você falar qualquer assunto, a gente o contextualiza. Mas o aluno, não. Então, é uma loucura, o aluno está estudando 3 Histórias diferentes e eu achar que ele vai conseguir juntar essas 3 Histórias na cabeça dele. Então, achei muito feliz quando o mercado, há uns 15 anos, começou esse movimento e, hoje, a maioria das escolas, se não me engano, pelo menos das que eu conheço, fazem uma frente única.

PERGUNTA (LUIZ): Colégio e Curso, quase todos. O Pensi não, faz História 1 e 2.

RESPOSTA (RENATO): Se existe uma boa relação dos professores, se a modulação for bem pensada, aí tudo bem.

PERGUNTA (LUIZ): Mas os outros..

RESPOSTA (RENATO): Pois é. E, aí, é muito legal ter uma aula, por exemplo, em que eu possa falar de História Geral e do Brasil. Em que eu possa falar de Segunda Guerra e meter a participação brasileira na Segunda Guerra na mesma aula. Essa coisa de falar “olha, o professor de Brasil vai falar com vocês...”. Não precisa disso. Então, isso ajuda para caramba. E, aí, o que acontece agora no Descomplica é que a gente vê quantas semanas tem aula. Eu tenho aula quinta; então, eu vejo em quantas quintas têm aula de fevereiro até o ENEM, porque a gente não tem férias em julho, não para.

PERGUNTA (LUIZ): Vocês não param em julho?

RESPOSTA (RENATO): Não para em julho. Então, nós vemos quantos feriados têm, quantas semanas têm. Se são 43, eu vou parar no assunto 43.

PERGUNTA (LUIZ): Aí, você pega o conteúdo programático do ENEM e distribui em 43?

RESPOSTA (RENATO): Aí, por exemplo, esse ano, tem uma semana a menos. Como ajusta? A gente tem uma ideia geral e vai ajustando. Todo ano, a gente refaz, não só por isso, também por alguns ajustes que a gente queira fazer. Mas, basicamente, porque a gente joga com todas as semanas que temos para dar conteúdo.

PERGUNTA (LUIZ): Não tem revisão?

RESPOSTA (RENATO): Revisão só pós-ENEM e na véspera do ENEM, no AULÃO.

PERGUNTA (LUIZ): Mas, depois do Enem, ao longo do mês de novembro, que é sempre perto do dia 5 ou 6, o que vocês fazem?

RESPOSTA (RENATO): Bom, a gente tem os vestibulares estaduais ainda. Todos eles ainda estão fazendo provas. Então, a gente continua com essas aulas temáticas.

PERGUNTA (LUIZ): Ah, tá. Aí, você sai da modulação ENEM e parte para ajudar na específica?

RESPOSTA (RENATO): Sim. Porque eles vendem uns projetos também. Vendem Projeto UERJ, por exemplo, em que a gente debate as provas e pega todas as questões de provas antigas e faz com eles. Mas é um projeto vendido à parte.

PERGUNTA (LUIZ): E vocês vão até quando? Até o início de dezembro?

RESPOSTA (RENATO): Até meados de dezembro, se não me engano.

PERGUNTA (LUIZ): Beleza. E, pedagogicamente falando, você já pensou nesses anos, já criou alguma coisa que pense pedagogicamente as aulas online? Ou, em geral, é nesse feeling mesmo? Na tentativa e erro. Lá no Descomplica mesmo, já houve alguém pensando em uma Oficina sobre Educação a Distância, com textos e formação específica?

RESPOSTA (RENATO): Vou te falar por que não. Já pensamos em muitos formatos de aula. Já usamos muito chroma key e colocamos imagens ao fundo, botamos vídeos, o que é muito maneiro. Já fizemos aulas fora da sala de aula. Já dei aula saltando de paraquedas, viajando pelo Brasil (“O Descomplica na estrada”). A gente já pensou demais, mas, por incrível que pareça, o que funcionou melhor foi o mais perto que a gente se aproximou de uma sala de aula normal.

PERGUNTA (LUIZ): É um quadro com giz.

RESPOSTA (RENATO): É o quadro negro, com giz e o professor dando uma aula comum. E, aí, vem para gente uma coisa curiosa: a gente percebe um déficit de qualidade – não digo de professor –, mas de estrutura mesmo. A gente está falando de Brasil. A gente está falando de um produto, que é muito barato, destinado para um público que paga, às vezes, com dificuldade, R\$ 29,00 por mês. Mas que consegue, bem ou mal, e faz um esforço. Então, você chega em um público, que a sua simples aula, para ele, é uma evolução. Não uma evolução no sentido literal da palavra, até porque estamos falando de um historiador, mas é uma novidade absurda, uma aulaça. Para você ter uma ideia, quando a gente fazia viagens pelo Brasil, a gente fez uma parceira com o Governo do Ceará, na qual os 300 mil alunos do Ceará e os professores teriam o Descomplica gratuitamente. O Estado pagou.

PERGUNTA (LUIZ): Sim, eu já trabalhei nisso, só que no Maranhão. Você foram para lá?

RESPOSTA (RENATO): Somente para o Ceará. A gente foi ensinar a usar o Descomplica. Então, a gente ia para Russas, interior, e ia ter uma super palestra. Em que cada Creds selecionava alguns alunos de cada escola, alguns gestores e diretores e iam todos para o auditório. A gente fez várias dessas palestras. É incrível o carinho dos alunos, é óbvio, mas é incrível como professores de História vinham me cercar e agradecer. Falavam “eu assisto a suas aulas para preparar as minhas aulas”. Então, assim, eu fico pensando “caramba”. E nossa aula no Descomplica não é uma aula acadêmica. Não é isso. Então, eu não estava buscando ali um academicismo, mas um formato de dar aula diferente, um jeito de dar aula diferente. Então, a gente vai percebendo que esse modelo do Rio de Janeiro, nosso, nós, criados em Pré-Vestibulares extremamente comerciais, desenvolvemos uma dinâmica e uma didática de aula que é muito sedutora ainda, no Brasil.

PERGUNTA (LUIZ): O nosso feijão com arroz. Porque, hoje, eu percebo isso no Descomplica. Acompanhando de longe, eu lembro do Descomplica na Estrada. Vocês viajavam, nas aulas aparecia o Chapolim, o Chroma Key e a Revolução Francesa atrás etc.

RESPOSTA (RENATO): Isso é o que chama menos a atenção. São as aulas que menos têm visualização. E uma simples tem 350 mil visualizações.

PERGUNTA (LUIZ): É, você ou o João Daniel no quadro, com giz amarelo e giz rosa e um mapa mental.

RESPOSTA (RENATO): O Marco veio falar isso. Quanto mais parecido com uma aula comum, é o que o aluno mais gosta.

PERGUNTA (LUIZ): Essa é a forma que vocês veem hoje que mais dá certo.

RESPOSTA (RENATO): Pois é.

PERGUNTA (LUIZ): Você acha que isso tem a ver com condição socioeconômica do aluno?

RESPOSTA (RENATO): Um pouco. Acho que sim.

PERGUNTA (LUIZ): Com essa carência, não é?

RESPOSTA (RENATO): Vou te ser muito franco: eu não vejo por que um aluno, hoje, de uma boa escola do Rio de Janeiro... Não faz sentido.

PERGUNTA (LUIZ): É, não faz sentido.

RESPOSTA (RENATO): Ele pode gostar do clima do Descomplica, da zoeira. Porque o Descomplica, além das aulas, tem todo um aparato de net abraçar o aluno, de professores zoando, zoeira de alunos e professores. Tanto é que muita gente até confundiu. Teve um gestor do outro colégio em que eu trabalho, que ele, um dia, viu uma aula minha e falou “caramba, vi uma aula sua, você dá aula sério.” E eu respondi “é, porque eu dou aula”. Ai ele “Ah, é? Vocês dão aula mesmo?” Quer dizer... Eu disse “não, eu fico lá fazendo piada e palhaçada o dia todo”. Porque existia essa percepção.

PERGUNTA (LUIZ): Não teve esse problema ao longo do Descomplica? Ficar estigmatizado como o curso que tinha muita brincadeira e pouca aula.

RESPOSTA (RENATO): Exatamente. É porque as pessoas não conheciam efetivamente, porque lá é muito bem dividido: hora da brincadeira e a hora da aula. A hora da brincadeira tem umas dinâmicas etc.; e a hora da aula é aquilo: o giz, o quadro e aula. Não quer dizer que a aula não seja divertida – o perfil dos professores que foram para lá é um perfil de professor descontraído, dinâmico para caramba. Mas aula é aula. E, aí, de novo, eu acho que você pega alunos de muitos lugares, com escolas ainda em que faltam professores, com condições precárias, acredito eu, ou ainda professores sem muito estímulo, sem incentivo. Eu não gosto de criticar o professor, gosto de entendê-lo e ter empatia. Um professor que está lá, no interior, recebendo mal ou mal recebendo...

PERGUNTA (LUIZ): Não tem banheiro, não tem quadro, não tem giz...

RESPOSTA (RENATO): O aluno não está incentivado, ele não está incentivado. Aí, o aluno chega em casa, tem acesso a uma banda larga e assina o Descomplica. Ele

tem uma equipe de professores que é uma equipe de ponta, dentro da casa dele, por R\$ 29,00 por mês. Então, isso atinge um público de baixa renda, que não teria condição nenhuma – e eu recebo muitas mensagens nesse sentido. Alunos dizendo: “professor, muito obrigado, o senhor está me ajudando a realizar um sonho. Eu não teria, jamais, condição de sair da minha cidade para estudar, porque aqui não tem um curso Pré-Vestibular.”

PERGUNTA (LUIZ): Essa é a minha próxima pergunta: como é a interação com os alunos? Porque acho que quem pensa em aula presencial – e aí eu acho que o meu trabalho tem muito a ver com isso, em esclarecer isso – as pessoas ainda têm uma lógica de aula presencial de História x aula online de História. E fica: “na aula presencial de História, tem interação com o aluno, na aula online, não tem interação com o aluno”. Queria que você falasse sobre isso, sobre a interação com os alunos. Quando eu estive no Descomplica, eu percebi que, para humanizar um pouco o ambiente, eles colocam cartazes, como se fossem os alunos impressos em tamanho real. Nos corredores, nos cantos...

RESPOSTA (RENATO): Os perfis de alunos, não é, o “otimista” etc.

PERGUNTA (LUIZ): É, são alunos reais. Eu lembro que tinha a plaquinha “fulaninha da Bahia, ela quer não sei o quê”. Isso para você perceber que está lidando com pessoas ali e, como você está lidando com pessoas, elas vão interagir. Como é isso?

RESPOSTA (RENATO): Vamos lá, realmente, não é tão óbvio. Tanto é que eu odeio gravar aula, acho um saco, porque, nesse caso, não tem interação mesmo. Você e a câmera e vai. Aí, você fala 5 minutos, corta, aí, você fala mais 5 minutos, corta e isso é muito chato. Para a gente que precisa muito disso, que é muito desse contato, é muito ruim. Mas a aula ao vivo, de novo, tem gente te assistindo. As aulas, hoje, que eu estou com menos gente... Por exemplo, em janeiro... eu dou aula em janeiro, porque eu tiro julho de férias. Tenho um acordo de dar aula 2 semanas em janeiro. Também não tiro férias no QI. Então, eu paro nas 2 últimas semana de janeiro e as 2 semanas de julho – que tem aula, porque existem alguns vestibulares em janeiro. E a aula que não tem ninguém tem 150 pessoas, o que seria, hoje, no presencial, uma sala lotada. A gente ainda brinca “caramba, não tem ninguém”. Não tem ninguém para os padrões do Descomplica. Então, quando você passa a entender que existem dois momentos: essa interação durante a aula, de você aceitar que tem gente e tem um contador que te mostra ali o número de pessoas, isso, para gente, é importante.

PERGUNTA (LUIZ): Esse cara da câmera, ele também ajuda?

RESPOSTA (RENATO): Na verdade, tem um monitor onde eu me vejo e tenho um retorno. Nesse retorno, eu me vejo, vejo a hora, para eu controlar e um contador de views – quem está ali em tempo real. Então, eu vejo quantos alunos estão vendo a minha aula. O que também ajuda nesse feeling, porque, se eu começo a perder muito aluno, ali em tempo real, pode ser que a aula esteja ficando arrastada.

PERGUNTA (LUIZ): Se você estiver brincando muito, de repente, o aluno vai sair fora.

RESPOSTA (RENATO): É incrível. A gente já fez essa comparação, por exemplo, a gente já entendeu que o aluno online está atrás de conteúdo. O pessoal que fica fazendo o AULÃO DE VÉSPERA fica monitorando as outras aulas. Então, por exemplo, o Pro Enem está fazendo aula também, todo mundo, hoje em dia, faz aula na véspera do Enem. No Descomplica, como a gente tem muita atividade que não são aula, nessas 12 horas, óbvio, tem atividades de relaxamento. E, sempre que para uma aula e entra uma atividade dessa, a gente perde aluno e o outro ganha aluno. Ou seja, eles fogem para continuar assistindo a aula. Olha que interessante! De fato, isso é um termômetro interessante para a gente. Então, é brincar sempre com conteúdo, a gente já tinha essa preocupação, mas, no online, é sempre mais forte. Não sei se a gente vai falar sobre isso em algum momento, mas você tem que ter muitos cuidados extras no online, como com o que você fala, não falar palavrão.

PERGUNTA (LUIZ): Vamos falar sobre isso.

RESPOSTA (RENATO): Então, tá. Essa interação no ao vivo existe, você sabe o número de pessoas que estão ali. É só virar uma chave na sua cabeça, que são pessoas e não números. E tem uma interação fora da sala de aula, porque você tem mídias sociais. Então, no Instagram, eu tenho quase 67 mil pessoas me seguindo e não tenho dúvidas de que 90% disso ou mais são alunos ou ex-alunos. Tanto é que tem uma rotatividade imensa. Toda semana 500 param de me seguir e 1.000 e poucos começam a me seguir. Eu ganho 500 e poucos por semana nessa época do ano, mas eu perco 500 também, que é um ex-aluno, que já está na faculdade e deixa de me seguir.

PERGUNTA (LUIZ): Esses alunos entram em contato direto pelo DIRECT do Instagram?

RESPOSTA (RENATO): Eles tentam. Eu não consigo responder, óbvio, a todo mundo. Às vezes, eu respondo a um ou outro, mas você posta uma foto, eles comentam para

caramba. Então, cada foto tem 200 comentários, 100 comentários. Eles interagem ali. Tento minimamente, ao menos, curtir o comentário de todo mundo e, no Instagram, eu tento também responder, mas não dá. Eu recebo mais uma amostragem, pelas mensagens que você vê, você sente o que está acontecendo...

PERGUNTA (LUIZ): Os relatos, não é...

RESPOSTA (RENATO): Você tem uma matéria maneira, entra no seu Instagram e vê quantas marcações você tem. O cara que filma e faz um STORIES da sua aula e te marca. Hoje, você tem como ver isso, tem uma ferramenta do Instagram que te mostra todos os STORIES em que você foi marcado, até aquele momento. Se eu entrar aqui agora...

PERGUNTA (LUIZ): E você sabe quantas pessoas te marcaram nos STORIES delas?

RESPOSTA (RENATO): Eu dou aula quinta, mas, hoje, tem 4 marcações. Alguém que estava vendo o desenho do Pica Pau e escreveu “Pica Pau nunca mais foi o mesmo depois das aulas do Pelizzari”. Eu falo sobre o Pica Pau e o faroeste. Tem outro assistindo aula minha – Renato Pelizzari, Descomplica – antiga, gravada ainda com quadro dividido, não é nem mapa mental... Aí o cara faz um resumo de História...

PERGUNTA (LUIZ): Expansão Marítima.

RESPOSTA (RENATO): E o outro está vendo América Espanhola e disse: “hoje é dia de História, sim”. Então, aqui também é uma forma de se ter noção. Depois das minhas aulas, isso aqui pula para 50 menções, que a galera toda curte. É um tipo de interação e você vai dando vida para as pessoas. Você vai guardando isso dentro da sua cabeça, na verdade. Aí, você entra no estúdio e diz que está chateado com alguma coisa. Quando vê, tem dezenas de mensagens te dando apoio.

PERGUNTA (LUIZ): Isso acontece assim? Por exemplo, hoje estou chateado, meu cachorro morreu.

RESPOSTA (RENATO): Para caramba. Vai chover mensagem, dizendo: “não fica assim, não”, “força, Peli”. É bizarro. Você se sente acolhido, abraçado o tempo todo.

PERGUNTA (LUIZ): Por gente que você nem conhece, nunca viu e nunca vai ver.

RESPOSTA (RENATO): Mas tem também o outro lado. Eu fui para Recife e aí na rua as pessoas me param e falam: “é você mesmo?”, “está fazendo o que aqui?”. Eu disse: “tenho família aqui, meus irmãos”. Em qualquer lugar.

PERGUNTA (LUIZ) REPOSTA (RENATO): Já aconteceu de você chegar no aeroporto e ter gente te esperando?

RESPOSTA (RENATO): Lá no Ceará, sim. Nessa época que a gente fazia essas viagens e o pessoal já sabia, eles esperavam a gente.

PERGUNTA (LUIZ): Caraca.

RESPOSTA (RENATO): Interessante.

PERGUNTA (LUIZ): Quais os cuidados pessoais, no discurso, você tem? Claro que a gente tem no presencial também. Mas, na aula online, eu imagino que você tenha que ter algum cuidado extra, porque, no presencial, você tem sempre a chance de voltar, minimizar, olhar...

RESPOSTA (RENATO): Ver que alguém ficou chateado e atender ali...É, eu falei, agora há pouco, que o ambiente é mais controlado, mas eu me referi a um controle de palco. Quando eu disse que o estudo é um ambiente mais controlado, eu digo de dinâmica de corpo, você só tem que olhar para um aluno que é a câmera. Não tem que olhar para o rosto de 70, 80 alunos. Mas, na verdade, quando a gente vai tocar nesse assunto, é o inverso. É um ambiente nada controlado o da aula online, e, aí, nesse caso, é o contrário, uma sala de aula com 30, 40 alunos é um espaço muito mais controlado por nós. Você pode dar um deslize, falar uma besteira que você volta atrás. No online, você está muito exposto. Vou dar um exemplo: uma vez falando, criticando, uma ditadura qualquer, na América Latina, de direita e eu não tive o cuidado de citar que ditaduras, em geral, são problemáticas. Nós tivemos ditaduras de esquerda, que também têm históricos de perseguições...

PERGUNTA (LUIZ): Mas é que, muitas vezes, não cabe. A aula não é essa.

REPOSTA (RENATO): Não cabe, mas, no momento de polarização política muito grande, você tem que tomar um cuidado monstro de o aluno não achar que você está levantando alguma bandeira. Então, vamos lá, uma preocupação a mais simples é o cuidado com o português. Tudo que fica ali gravado é muito ruim, então, é falar bem, falar direito – falar direito não, porque isso não existe – mas usar a norma culta da nossa língua, sem querer exagerar. Tem que atender ao público que você está atendendo.

PERGUNTA (LUIZ): Quase uma linguagem de jornalista. Sem muito sotaque carioca, sem muito floreio...

REPOSTA (RENATO): Exatamente. Sem muita gíria, tentar se comunicar bem. O segundo é evitar palavrões, eu, particularmente, se soltei foi 1 por ano... um “pô”, mas falar palavrão, eu, particularmente, não falo. Eu acho ruim, você não sabe com quem está falando. Tem gente que se sente ainda muito incomodado, e estamos

falando de muitas pessoas do interior, pessoas com outro tipo de educação, pessoas muito religiosas, por exemplo. Então, tem que tomar muito cuidado. Eu não falo palavrão. Isso entra também na norma culta, não usar palavrões, não usar muitas gírias etc. Uma outra etapa é a questão política, muito complicada. Por mais que a gente saiba que o discurso não é parcial por definição, a gente tem que deixar muito claro o respeito às diversidades e que você não vai levantar nenhuma bandeira ali. Então, tomar muito cuidado. Claro, o que é inegociável, é inegociável. Tortura é inegociável. Eu tenho para mim os meus pontos inegociáveis. Esses eu deixo muito claro, independente se vai incomodar alguém ou não. Racismo, por exemplo, é inegociável, até porque é crime. Machismo é inegociável, eu não vou deixar no chat um aluno com postura machista, eu vou parar minha aula e sinalizar.

PERGUNTA (LUIZ): Já aconteceu algo nesse sentido?

REPOSTA (RENATO): Acontece. Na última aula, por exemplo, eu tive que parar porque um aluno estava falando que a menina tinha cabelo de bombril. Eu estava falando sobre economia e sociedade do açúcar...

PERGUNTA (LUIZ): Exemplo vivo.

REPOSTA (RENATO): Eu tive que parar a aula e, no final, eu dei uma descascada boa, porque, aí, tudo bem. Você está respaldado na questão dos direitos humanos. Nesse caso, muito inegociável, inclusive, e dou porrada, sem problema nenhum. Mas, tirando isso, as posições políticas, principalmente em ano de eleição, quando a coisa fica muito aflorada, tentar, ao máximo, um discurso não parcial...

PERGUNTA (LUIZ): Neutro?

REPOSTA (RENATO): Neutro é muito difícil. Quando o aluno percebe o seu cuidado, você já está em um bom caminho.

PERGUNTA (LUIZ): Você está andando na corda bamba, claro. E, na nossa disciplina, tem os revisionismos. Como fica em relação a isso? O aluno chega e vem falando aquelas teorias absurdas: “os portugueses nem entraram na África...”

REPOSTA (RENATO): Nesses casos, eu bato mesmo.

PERGUNTA (LUIZ): E você não sofre nenhuma interferência da direção do Descomplica?

REPOSTA (RENATO): Nunca, até hoje. Nunca recebi nenhum tipo de conversa, ninguém nunca me chamou para conversar para falar nada sobre isso. Inclusive, usando o meu Instagram, eu fiz campanha política, na época das eleições presidenciais e, mesmo o Descomplica sabendo que 90% do meu Instagram ou mais

são alunos ou ex alunos, eles entendem que aquilo é um espaço meu, privado. O aluno segue porque ele quer e que aquilo é uma opinião pessoal minha, uma rede social minha. Não é “renatopelizzari@descomplica”. É Renato Pelizzari. Eu nem boto, na descrição, “professor do Descomplica”, eu boto “professor de História”. Então, não tem nenhuma alusão ao Descomplica, por isso mesmo. Ali é meu pessoal e, se alguém reclamar, é só deixar de seguir, mas, no Descomplica, você nunca vai ouvir falar nada sobre isso. E tem a questão religiosa também. São questões que tem que tomar muito cuidado também. Por exemplo, quando fui dar aula de reforma protestante, eu explico que aquilo não é uma aula contra a Igreja Católica, aquilo é uma aula que vem estudar questões que fazem parte da história da Igreja. É uma Igreja que tem milhares de anos e que ela está buscando se remendar. Você tem que ter esse cuidado, esse zelo. E, às vezes, eu sou hipócrita na minha fala...

PERGUNTA (LUIZ): Tem que ser vaselina.

REPOSTA (RENATO): No fundo, às vezes no chat, eu quero falar “caraca, manda esse babaca calar a boca”, mas eu falo “todo mundo tem o direito de manifestar suas opiniões”. Eu estou sendo hipócrita... Vamos lá, eu estou sendo correto, por mais que, naquele momento, eu não esteja pensando daquela forma. Eu tenho que me tolher também. Por exemplo, quando a gente foi falar de Expansão Marítima, eu bati nos terraplanistas. Algumas posições, principalmente científicas, a gente não tem medo de falar.

PERGUNTA (LUIZ): Claro. Não dá para negar a ciência.

REPOSTA (RENATO): Pois é. Um dos valores do Descomplica é pensar grande, pensar como um cientista. Então, não tem por que ele tolherem a nossa posição.

PERGUNTA (LUIZ): É, porque o que eu vejo é que existe um limite. Sua opinião é sua opinião, a opinião do seu pai, seu avô, do Uber... É opinião. História é outra coisa. É claro, falar sobre isso, debochar dos terraplanistas, estando em um centro, como o Rio de Janeiro, com alunos de classe média alta, você sabe que você vai jogar para o público. Você vai falar e todo mundo já vai começar a rir. “Isso mesmo, vocês são uns idiotas”. E, ali, você está às cegas.

REPOSTA (RENATO): Exato, eu não posso ironizar. Eu não ironizo terraplanistas, eu só falo “gente, não tem condição. Colombo, em 1492, já estava deixando muito claro que a terra é redonda”. Eu bato, mas eu bato muito sério. Eu não posso debochar.

PERGUNTA: Você não pode ironizar.

REPOSTA (RENATO): Eu não posso ironizar, nem debochar em momento nenhum. Coisa que a gente faz no presencial. Dá uma zoada e tal. Ali, não dá para fazer.

PERGUNTA (LUIZ): Então, isso é uma diferença considerável que diz respeito a essa postura. Uma outra pergunta: você já disse que monta sua aula baseado nos mapas mentais. Mas a sua aula não tem nenhum momento para exercício? Até porque, depois, eles têm uma outra aula de exercícios.

REPOSTA (RENATO): Então, em teoria, era para ter. Hoje, eles nem cobram mais isso da gente porque existe uma aula de exercícios só para aquele módulo. É uma outra professora, a Natasha, que resolve essa lista de 10 exercícios com eles. Mas, antigamente, tinha essa proposta, que a gente fizesse os exercícios em aula, mas, como as aulas são muito pequenas, acabaram definindo já isso: vamos fazer uma aula só de exercícios, já que as pessoas não fazem mesmo isso – eu mesmo não nunca fazia, quando fazia era 1 exercício – a gente cria uma aula só de exercícios. Resolveu o problema para todo mundo.

REPOSTA (RENATO): Entendi. Então, por exemplo, a aula de Expansão Marítima, ela tem 45 minutos de duração? Ou, como você falou, tem 4 tempos na quinta feira, você pode ficar os 4 tempos em Expansão Marítima se você quiser?

REPOSTA (RENATO): Na verdade, são 2 aulas de 45 minutos por semana. Tenho 1h e meia para dar todo o conteúdo de História, por semana. É porque a aula online rende diferente. Então, na verdade, nessa aula 45 minutos, foram de Expansão Marítima e 45 minutos foram de Conquista da América Espanhola. Aí, fica a pergunta: 45 minutos para dar Expansão Marítima? Sim, porque não é uma aula específica. Vai ter uma aula específica depois. Então, se você quiser pegar todas as etapas da navegação, fazer ano a ano dos conquistadores, é uma outra aula, que não é a pegada do ENEM. Como é uma aula para o Enem, você pegar o fenômeno, fazer todas as relações que você puder, vai trabalhar conceitos. É uma outra pegada. É a coisa de desenvolver as habilidades em relação àquilo, o que você precisa buscar daquilo.

PERGUNTA (LUIZ): Sim. O que você precisa saber para fazer a prova do ENEM.

REPOSTA (RENATO): O que é uma abordagem mais interessante, até. Você não precisa ficar no detalhe da coisa. E uma outra coisa é que o online é muito mais rápido que o presencial. Uma aula gravada chega a ser 3 para 1, cada 1 hora e meia presencial, você demora 30 minutos gravando. Uma aula online ao vivo, isso cai para metade do tempo, o que é muito diferente. Porque, tirando essas pequenas

interrupções que, às vezes, nem acontecem, o chateiro passa o tempo todo e nem levanta a mão. Sou eu falando tempo todo. Eu tenho que criar esses momentos, que até ajudam na parte da didática da aula, que é diferente. Quando você não tem o aluno perguntando, você se pergunta as partes que você acha importante. Aí você fala “Ah, professor...” “Muito boa pergunta”. Então, só você faz isso e corre muito mais rápido. 45 minutos é quase uma aula de 1 hora e meia para dar Expansão marítima presencialmente.

PERGUNTA (LUIZ): Em 2019, o Descomplica criou o programa “Professores Parceiros”. Nesse programa, outros professores e instituições poderiam indicar aulas do Descomplica. O que você entende dessa relação, não do programa em si, mas da relação aula presencial e aula online?

REPOSTA (RENATO): Eu acho e acredito para o futuro da educação que é híbrido. Eu acredito muito no hibridismo, nas aulas invertidas, por exemplo. Eu acho que posso, na minha escola, independente da série – claro, fundamental II em diante –, perfeitamente, falar “olha na minha plataforma”. Porque quem não tem, um dia vai ter uma plataforma.

PERGUNTA (LUIZ): Você que está implementando a plataforma do QI?

REPOSTA (RENATO): Eu estou ajudando no pensamento da coisa, mas a base da plataforma é o Pro-Enem. O concorrente. Isso é a prova de que eu não me meti mesmo. Eu avisei no Descomplica que isso estava acontecendo e que eu não tinha relação nenhuma com isso. Não fui eu que aproximei ninguém. Mas estão usando toda a tecnologia do Pro-Enem e dando a roupagem do QI, porque a plataforma é nossa.

PERGUNTA (LUIZ): O Ao Cubo está fazendo também.

REPOSTA (RENATO): É o Pro Ao Cubo, Pro QI, Pro Matriz. É a mesma tecnologia, só muda a página, a cara. E eu entendo que seja muito legal falar para os alunos “olha, semana que vem é Expansão Marítima, então, dá uma olhada na plataforma, que tem uma aula que eu separei para vocês lá”. E os alunos assistem a essa aula e, quando eles vêm para a minha aula, é uma abordagem diferente dessa aula. Eu não preciso ficar ali fazendo o bê-á-bá da coisa.

PERGUNTA (LUIZ): Eles já chegam ali sabendo alguma coisa.

REPOSTA (RENATO): Exatamente. Talvez, a gente possa, em um futuro próximo, ou não tão próximo, porque vai depender muito... Hoje, eu não posso confiar que todos viram, eu vou falar “quem não viu, não viu”. Mas eu não preciso chegar ali, em

teoria, e fazer uma aula como a gente faz hoje. Em teoria, eu vou ter muito mais tempo para debater com ele, para fazê-lo se envolver mais com aquilo. Eu acredito muito nesse modelo híbrido e acredito que isso é totalmente viável. Ter uma sala de aula que dialogue com o online, que os alunos têm em casa.

PERGUNTA (LUIZ): Mas você sem a sua instituição?

REPOSTA (RENATO): Não, vamos lá. Aí, sem pensar em empresa. Porque, quando o professor vai saindo – que é o que vai acontecer – desse papel de protagonismo... A gente vai deixando de ser o propagador do conhecimento, de ser uma referência do conhecimento, já que você tem o online na mão, que tem mais conhecimento, mais informação. A questão é: nós, como verdadeiros curadores, verdadeiros tutores, vamos, na verdade, encaminhar para os alunos o que é conteúdo de qualidade. Porque a internet é um mundo livre, você tem muita coisa boa e muita coisa ruim. Por exemplo, esses revisionismos de que você falou. Você os encontra até com uma boa qualidade de produção, um aluno me mandou outro dia, falando justamente disso. Ele viu um historiador claramente defendendo a partida de documentos que comprovam a relação do Rei de Portugal com o Rei do Congo. Ele sugere que, como os africanos participavam ativamente do mercado de escravos, minimizava a participação do europeu. Ele não falava, não verbalizava, mas claramente defendia. Isso é perigoso. É importante você estar ali para sinalizar: “olha, gente, tem um tal de Impérios AD, toma cuidado, esse vídeo está muito visualizado, não sei quantas mil visualizações. Tem os bonequinhos, é bonitinho e bem atrativo, inclusive, para crianças, o que é um perigo...”

PERGUNTA (LUIZ): O que é intencional.

PERGUNTA (LUIZ): Pois é. Cabe a nós, sim, definir e apontar: “olha, o Descomplica é muito bom, o Pro Enem tem qualidade muito boa”. É isso, nós sermos a referência para ele do que é legal e não é legal. Acho que faz parte do nosso papel como professor.

PERGUNTA (LUIZ): Qual a principal diferença das aulas presenciais para as aulas online de História?

REPOSTA (RENATO): Olha, difícil. Porque, tirando essa questão da dinâmica e da forma como você se relaciona com o público, eu vejo muito pouco. Porque a História especialmente, eu não sei se isso, para gente, é um ponto facilitador. Nós somos contadores, gostamos de História contada. Eu sei que você também gosta, porque te conheço há muitos anos. Mas tem professores e professores, professores

mais técnicos, por exemplo. Então, não sei, acho que, se a gente consegue ficar à vontade com a câmera, não tem tanta diferença. Não vejo. É aquilo, facilita muito a dinâmica do olhar, câmera, faz aquele jogo, aproxima, faz aquele suspense. É um pouco mais fácil nesse sentido, porque, de novo, nesse caso, é um espaço mais controlado. Mas, como a gente é contador de História, a gente gosta, a gente floreia, eu não vejo muito diferença. Acho nossa interação muito boa.

REPOSTA (RENATO): E qual o grande ponto positivo pro professor online?

REPOSTA (RENATO): Primeiro, eu acho que essa possibilidade de atingir pessoas que você não conseguiria. Uma coisa que me felicita em estar em uma plataforma que tem como projeto ser acessível. O Descomplica tem essa proposta, como estratégia de mercado também, claro. Ele tem milhares de vídeos, infinitos vídeos. Então, você tem vários tipos de aulas, para vários tipos de alunos. E ele cobra mais barato para atingir um mercado maior. Então, por um lado, para mim, como professor, é muito bacana ver que eu estou conseguindo chegar na casa de alunos. Porque isso é uma coisa que me deixa muito feliz. E, quando a gente é educador – e eu me vejo mais como educador do que como professor –, às vezes, fica muito triste, porque estava enterrado em um mercado de classe média-alta, do Rio de Janeiro. E você pensa “qual o meu papel aqui dentro? Quem eu estou transformando?”. Em um espaço onde a gente é visto cada vez menos como alguém importante. O médico ok, mas o professor é aquele que, cada vez mais, o aluno desrespeita, mexe no celular durante a aula etc. Não respeita mais o professor como era respeitado no passado. No geral, a gente vê muito isso: o enfraquecimento do professor frente à sociedade, principalmente frente a essa classe média, classe média alta, do Rio de Janeiro. Onde ele tem tudo, os pais protegem, o aluno não se frustra...

PERGUNTA (LUIZ): Ele detesta o professor.

REPOSTA (RENATO): O professor parece que está ali para prejudicá-lo e não para ajudá-lo a mudar de vida. Se você pega uma situação diferente, em que o professor ainda é o cara que está te ajudando a realizar seu sonho, isso muda completamente. Então, você tem, no Descomplica, milhares de pessoas que, de fato, nos veem assim: “muito obrigada, vocês estão nos ajudando a mudar de vida. Se não fosse o Descomplica, se não fosse vocês eu não chegaria lá. Teria só o Ensino Médio. Estaria trabalhando na lavoura com os meus pais ou estaria em um emprego, na minha cidade, nível médio etc.”. Então, de fato, vemos que, na internet a gente

consegue impactar e transformar a vida de verdade. Acho que é o sonho de todo o professor. Quando as pessoas vão para o magistério, acredito eu que a maioria delas tem esse desejo. Mas, infelizmente, a gente entra em um espiral de trabalho, tem que ganhar a nossa vida, trabalhar em 5, 6 lugares ao mesmo tempo e você não tem tempo de transformar vidas efetivamente. Isso vai te frustrando, te deixando triste e, quando você vê, quer jogar tudo para o alto. Muito pelo contrário, muitas vezes, eu chego chateado até porque eu dou aula no Descomplica quinta-feira à noite, mil problemas na cabeça do colégio que eu dirijo –, e eu chego ali, respiro fundo e penso “Renato, agora tem milhares de pessoas que vão te assistir e que dependem dessa aula”. E eu escuto muito isso. Não é só pela História. Escuto muito que é pela energia que eu coloco ali, que é a minha felicidade e a forma de tratar os alunos que dá ânimo. Uma vez, recebi uma mensagem linda de um cara que passou para várias faculdades de Medicina, tinha uma filha de 16 anos, casado e que perdeu tudo por causa do alcoolismo. Tinha uma história de vida bem interessante e falou que se resignificou e acabou no Descomplica. E ele falou: “muitas vezes, eu não aguentava mais estudar, chorava de cansaço e, muitas vezes, colocava uma aula sua, Pelizzari. Não era porque eu queria estudar História, era porque eu precisava um pouco da sua energia”. Cara, ler uma parada dessas, não tem outro lugar no magistério que me dê essa satisfação. A não ser que eu viaje, vá trabalhar em projeto social, no interior. Mas é muito difícil no meio do que a gente já faz para ganhar nossa vida, porque a gente continua precisando do nosso salário. E eu consigo ali, naquelas 5 horas, naquelas 2 aulas de 45 minutos, que eu estou naquele estúdio, eu consigo viver esse tipo de coisa.

PERGUNTA (LUIZ): E qual o principal ponto negativo do professor online?

REPOSTA (RENATO): Eu acho que é um mercado relativamente pequeno, estreito. Porque, ao mesmo tempo em que está todo mundo pode pegar e fazer, ser remunerado por isso é muito difícil. É para poucos, então, quem está, está. Eu escuto muita gente me perguntando por que eu não saí e não fui montar uma plataforma própria. Porque não é tão simples quanto parece. Não é só montar o “História com o Pelizzari” e ganhar muito dinheiro. Não é simples, não é fácil, requer muita tecnologia, requer muito investimento em marketing. Até porque, se fosse para fazer uma parada assim, para ser gratuito, para atingir mais gente... Não é fácil. Não é uma coisa tão acessível quanto parece, não é tão fácil.

PERGUNTA (LUIZ): É democrático para os alunos, mas não é para os professores.

REPOSTA (RENATO): É um meio bem fechado, para ser muito bem remunerado, para fazer sentido, para você conseguir dedicar um tempo para fazer isso... Aí, você diz: “abri mão de uma manhã para fazer o online”. É difícil e a chance de não dar certo é grande e você precisar voltar para a sala de aula. Você não vai conseguir ser remunerado por aquilo. Não quanto você precisa e merece, pelo seu esforço, dedicação e pelo gasto que você vai ter. Então, acho que isso é um ponto negativo.

PERGUNTA (LUIZ): Agora, são as duas últimas perguntas. A uma, você já respondeu, quando você falou da história do cara, sobre a relação entre as aulas online e a relação profissional. Se você quiser falar mais alguma coisa sobre isso... Você acabou de falar, na verdade. Essa coisa de mudar vidas, das pessoas do interior etc.

REPOSTA (RENATO): Acho que essa é o que faz sentido. Porque eu passo nos corredores dos colégios em que eu trabalho e escuto os alunos falando: “nossa, professor, me salvou na prova, assisti uma aula sua ontem”. Isso acontece direto, encontrar as pessoas na rua, no shopping, pedindo para tirar foto. Isso é legal, meu filho adora. O meu nome no celular do meu filho é Renato Famoso. Que, para o meu filho, isso é uma realidade muito louca: “por que param meu pai para tirar foto na rua?”. Porque, para ele, isso é uma televisão. O adolescente de hoje não vê televisão, ele vê tudo no celular. Então, ele vê o cara que dá aula para ele na rua; é maneiro. É interessante, é ok, é o bobo da história. Maneiro é quando você tem uma coisa transformadora e essa coisa transformadora não é aqui no Rio de Janeiro. É mais difícil de encontrar. Até tem porque o Descomplica tem uma parceria com PréVestibular social. Ele dá (gratuitamente) acesso para Pré-Vestibulares sociais no Brasil inteiro. Basta se cadastrar e mandar. Então, até tem, óbvio, pessoas que a gente pode estar impactando a vida, mas é mais difícil esse contato. É mais pelas redes sociais mesmo que a gente acaba tendo essa noção.

REPOSTA (RENATO): E a última pergunta: como você vê o futuro dos cursos preparatórios presenciais? Porque assim, a escola – por isso que eu queria falar da escola também, como é um curso preparatório para o Enem, como é um curso preparatório aí eu acho que tem mais a ver – a comparação – não vou falar produtos – mas de realidades similares no online e no presencial? Como seria o futuro desse mercado?

REPOSTA (RENATO): Eu acho que ainda tem muito para crescer. A verdade é essa. O online ainda tem muito a crescer, se a gente for fazer algumas pesquisas, tem uma parcela pequena da população que tem acesso. Já é muito maior do que a gente

imagina, mas ainda tem muita coisa. Imagina o mercado de 200 milhões de pessoas, quantos aí... Só pensar em ENEM... Se o Descomplica tem assinantes entre 250 e 300 mil e, todo ano, fazem o ENEM 5 milhões de pessoas, só por aí, você já tira que é um mercado que ainda tem muita coisa para crescer. Uma coisa não impede a outra. O cara pode fazer o PréVestibular presencial e fazer o Descomplica. Pode fazer o colégio e fazer o Descomplica. Esse tipo de online, pode substituir, mas não necessariamente substitui. Mas, vamos lá, porque colégio é uma coisa e cursinho é outra. Eu acho que colégio vai caminhar para o modelo híbrido. As escolas como um todo terão o seu online, todas elas no futuro. De novo, acho que todas elas que têm mais grana já têm. E as escolas com menos grana ou terão que fazer parceira, como já foi feito com o Descomplica, ou vão desenvolver seus próprios projetos e vamos ver como isso vai ser. Mas eu não vejo escola sem online. Não existe mais. Escola que, hoje, não vê online é uma escola ultrapassada de mentalidade. Pode ter limitações financeiras etc., mas, se eu achar que escola não tem que ter online e tem que ser 100% presencial, eu acho que essa mentalidade está atrasada. É só olhar ao seu redor, olhar que você liga sua máquina de lavar roupa, pelo celular, na rua. Você liga o ar condicionado quando chega em casa, você ligar o carro à distância. Então, não dá para não pensar o online na educação. Por isso acredito no modelo híbrido, porque também não acredito em acabar com a escola. O espaço da escola é muito maior que conteúdo. A gente usa isso como ferramenta para a construção de uma educação mais completa, da formação dessas crianças. E é uma troca também. Então, vejo, sim, que a gente deve ressignificar esse espaço da escola. Agora, curso preparatório, a tendência é acabar, porque não faz sentido. A partir do momento em que você aumenta a interação online – daqui a pouco a gente está sentindo cheiro online, já tem essa tecnologia –, com o passar dos anos, não tem sentido. O que sustenta o Pré-Vestibular é a falta de disciplina dos alunos, que realmente não é fácil de fazer uma preparação 100% online. Porque você parar, sentar e estudar é muito difícil. Eu não tenho, sou de outra geração. Talvez o Mateus, quando chegar no Pré-Vestibular, vai falar: “pai, não tem mistério nenhum. Vou ligar meu computador aqui”. Não vejo motivo, de fato, para manter cursos presenciais, com o valor que eles são. No online é muito diferente, eu pago um professor para dar aula para 300 mil. Se eu tiver 300 mil alunos, no presencial, quantos professores eu preciso ter? Então, você tem um preço. Hoje, por exemplo, um curso médio custa mil reais por mês – não é um curso nem caro, nem barato. Com mil reais por mês,

você paga quantos anos de Descomplica? Você paga Descomplica para 2 filhos, 3 filhos. Com uma mensalidade, você paga para 3 filhos, o ano inteiro. É muito discrepante, muito. Em vez de investir 300,00 por mês, eu vou investir 12 mil para que?

PERGUNTA (LUIZ): Então, vou te fazer mais uma pergunta que me ocorreu agora: na conversa com o João Daniel, a gente já tinha falado sobre isso... Você falou do aspecto financeiro. Com 1 mensalidade, você paga 2, 3 anos de Descomplica. Você não acha que isso pode contribuir para a precarização da profissão docente?

REPOSTA (RENATO): Pode. Se a gente não tiver muito cuidado, que acho que a gente não vai ter.

PERGUNTA (LUIZ): Então, vai precarizar.

REPOSTA (RENATO): É óbvio. Eu vou falar pelo QI em que eu trabalho. A gente agora tem a plataforma. O que me garante que, daqui a alguns anos, não vão pegar algumas disciplinas e colocar 100% online? Porque, se o governo autoriza, vai depender muito das questões políticas. Se o governo autorizar que todas as escolas tenham 30% do seu material em EaD, acabou. Vai precarizar. E é fogo, porque fica muito difícil. Quer ver, posso fazer um discurso: precisamos modernizar nossas escolas... Olha aí, que discurso bonito... Então, vou melhorar minha fala: se a inserção do EaD nas escolas for para diminuir custo, a gente vai por um caminho ruim. A inserção do EaD nas escolas tem que ser para ganho de qualidade pedagógica. E aí, se for assim, talvez a gente não precarize, mas não é garantia nenhuma. Porque você não vai estar com esse professor na sala de aula, vai estar com ele fazendo um trabalho online maneiro, fazendo uma viagem, fazendo um Pantanal para os alunos. De novo, se o EaD entrar nas escolas para diminuir custo, vai ser um caminho muito ruim e vai precarizar muito o trabalho do professor. Mas o EaD entrar para um ganho de qualidade pode ser que não precarize, mas que eu abra uma infinidade de possibilidade para esse professor se reinventar, se ressignificar, fazer uma formação continuada, mudar sua dinâmica de aula, mudar a forma de ensinar e o aluno. Então, a gente tem múltiplos caminhos, mas essas duas vertentes, para mim, são muito óbvias. Acho muito perigoso isso. E a tendência do mercado a gente sabe qual é. É diminuir custos e aumentar lucros. E, nessa dinâmica, tenho medo, sim, do que possa acontecer no futuro.